



ANAIS DO XV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO
EM PSICANÁLISE DA UERJ

Lacan na América Latina:
uma homenagem a

Diana Rabinovich

ISBN: 978-65-81152-48-2

**XV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE DA UERJ**
Lacan na América Latina: uma homenagem a Diana Rabinovich

PROMOÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO XV SIMPÓSIO
Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ – PGPSA

COORDENAÇÃO GERAL DO XV SIMPÓSIO
Profa. Dra. Luciana Marques e Prof. Dr. Marcos Brunari

COORDENAÇÃO DE ORGANIZAÇÃO DO XV SIMPÓSIO
Priscila Mählmann e Renata Sales

COMISSÃO CIENTÍFICA DO XV SIMPÓSIO

Amaury Machado
Andressa Diniz
Cecília Feliciano
Cristiane Seixas
Cristina Lindenmeyer
Danielly Espíndola
Débora Ramos
Dóris Rinaldi
Felipe Silva
Gilson Iannini
Heloísa Caldas
Luciana Marques
Luis Gamma
Luiza Soares
Marco Antonio Coutinho Jorge
Marcos Eichler
Marcos Brunhari
Maria Lívia Moretto
Mário Eduardo Pereira
Marina Fiorenza
Nathália Jalles
Paula Braga
Priscila Mählmann
Priscila Oliveira
Renata Sales
Rita Manso
Sonia Alberti
Thaysa Vasconcelos
Victória Kniest
Vinícius Anciães Darriba

ORGANIZAÇÃO E EDITORAÇÃO DOS ANAIS DO XV SIMPÓSIO
Luciana Marques e Priscila Mählmann

APOIO ADMINISTRATIVO
Fábio de Mendonça Santos

SUMÁRIO

CONFERÊNCIAS	9
Respecto de un modo lógico de lectura de la pulsión y de la topología del deseo en el entre dos muertos: la enseñanza de diana Rabinovich <i>Alejandro Bilbao</i>	10
A significação do Phallus em o seminário V de Lacan <i>Mario Elkin Ramirez</i>	11
Lo traumático: ¿Un “más allá “de la angustia? <i>Silvia Quesada</i>	12
PLENÁRIAS	13
Identificação e (a)política em terras do mito da democracia racial: reflexões a partir dos cem anos de "Psicologia das Massas e Análise do Eu" <i>Amana Rocha Mattos</i>	14
Bolsonarismo e a psicologia das massas 100 anos depois <i>Fábio Santos Bispo</i>	15
Interfaces entre fascismo e (a)política do Discurso Capitalista: uma perspectiva a partir do centenário de “Psicologia das Massas e Análise do Eu” <i>Marcos Vinícius Brunhari</i>	16
A lógica do fantasma e a função do psicanalista: considerações sobre a obesidade <i>Cristiane Marques Seixas</i>	17
A transmissão rigorosa de Diana Rabinovich: um fragmento <i>Laéria Fontenele</i>	18
Las marcas de Diana: transmisión, estilo y amor al saber <i>Juan de Olaso, Eduardo Alborno, Bárbara Goldschmidt, Verónica Sánchez e Gabriela Ubaldini</i>	19
O amor que interessa ao desejo do analista <i>Denise Maurano</i>	20
Do singular ao global: o gozo como problema econômico da nossa ordem social <i>Fernanda Costa-Moura</i>	21
Clínica, Clinamen <i>Paulo Vidal</i>	22
Desejo do analista faz ato <i>Roseane Freitas Nicolau</i>	23
Psicanálise em tempos de pandemia e destruição: angústia e estranhamento do mundo <i>Dóris Luz Rinaldi</i>	24

O privado singular e o público globalizado <i>Heloisa Caldas</i>	25
Os discursos e o saber <i>Marco Antonio Coutinho Jorge</i>	26
O Sintoma e a histeria “desmelancolizada” <i>Sonia Alberti</i>	27
MESAS SIMULTÂNEAS	28
O adolescente e o recurso à nomeação da sexualidade: questões atuais à psicanálise <i>Andréa Ferioli Melo, Karina Barroso de Andrade e Luciana Marques</i>	29
O que a instituição escolar não pode não fazer pelo laço social? Reflexões acerca da formação do sujeito no contexto da escola neoliberal <i>Flávia Tridapalli Buechler e Cláudia Maria Perrone</i>	30
“Estamos na live”: O trabalho com jovens e adolescentes autistas e psicóticos durante a pandemia. O que podemos inventar? <i>Letícia Gonçalves Loback Siqueira</i>	32
A Prática Clínica Psicanalítica no Contexto On-line <i>Tatiane Carvalheiro Bornholdt</i>	33
Psicanálise e Justiça: articulações sobre uma práxis que se ocupa do imundo <i>Aline Lima Tavares e Sonia Alberti</i>	34
Os paradoxos na obesidade: sintoma e capitalismo <i>Cecília Valéria Feliciano e Cristiane Marques Seixas</i>	35
Gozo místico como tentativa de circunscrição do gozo invasivo na psicose? <i>Maycon Rodrigo da Silveira Torres</i>	37
Psicanálise e Religião: o recrudescimento da moralidade evangélica e seus destinos <i>Carolina Cancela</i>	39
Formulações psicanalíticas acerca do conceito de objeto e seu estatuto nas patologias do ato pensadas por Diana Rabinovich <i>Fairuze Gabryella Ávila Almeida Macêdo, Rogerio Robbe Quintella e Mariana de Assis Medeiros</i>	41
O objeto em causa na teoria lacaniana da sublimação <i>Marcia Soares da Silveira Werneck</i>	43
O Deus-protético e o novo sujeito <i>Victória Kniest e Marcos Vinicius Brunhari</i>	44

O desejo do analista, o ato psicanalítico e o discurso do analista <i>Estanislau Alves da Silva Filho</i>	46
A psicanálise e o discurso do analista na universidade <i>José Mauricio Bigati</i>	48
Inibição, desejo e ato em Hamlet: algumas questões éticas <i>Odimar Araújo Feitosa Filho</i>	50
“Quem ouve vozes é maluca? ”: o sintoma histérico no laço social <i>Mylene Castro da Silva e Adriana Dias de Assumpção Bastos</i>	51
“Você não está me escutando!” - O manejo da transferência amorosa em um caso de paciente bipolar. <i>Paula Marques Duffrayer e Barbara Manfroni Amaral de Souza</i>	53
Camélia: a dama dos espíritos <i>Thaíssa de Carvalho Silva Herszenhaut e Adriana Dias de Assumpção Bastos</i>	54
A contribuição de Diana Rabinovich para a questão sobre o Corpo e o Ego que corrige de James Joyce <i>Richard H. O. Couto</i>	55
“O lixo vai falar e numa boa”: racismo, discurso e subversões <i>Geisa Karla Oliveira de Assis</i>	56
A política que acontece no corpo <i>Maria Ormy Moraes Madeira</i>	58
Ódio e ética na Psicanálise <i>Marília Verdussen e Marcos Eichler de Almeida Silva</i>	59
As marcas significantes e o desejo do Outro: considerações sobre a prática da psicanálise com crianças com síndrome de Down <i>Andressa Diniz e Sonia Alberti</i>	60
Os enigmas da sexualidade e o desejo do Outro: manifestações clínicas a partir da prática institucional <i>Débora Ramos, Priscila Mählmann e Luciana Marques</i>	62
“Doutora, eu não sei mais o que fazer com ele”: O romance familiar do (adolescente) neurótico ea transferência com os pais no tratamento analítico <i>Fernanda Nogueira Klumb e Cristiane Marques Seixas</i>	64
Efeitos neguentrópicos do algoritmo digital para a economia de gozo <i>Márcio Rimet Nobre</i>	66
A singularidade de Diana Rabinovich: diálogos vivos em tempos pandêmicos <i>Taoana A. Padilha</i>	68
A atual face do discurso do capitalista: redes sociais e subjetividade neoliberalista <i>Tatiane Regina de Assis Sousa</i>	69

O falo na teoria lacaniana e sua função no complexo de Édipo <i>Claudete Justino Correa</i>	70
O héteros na sexualidade <i>Felipe da Silva Souza</i>	71
O homem não existe <i>Flavia Gaze Bonfim</i>	72
As polícias militares como massas artificiais <i>Guilherme Secotte Nogueira</i>	74
O Queer da psicanálise e a diferença sexual: sexuação e os tipos de gozo possíveis do falasser <i>Lucas Vinicius da Silva Rodrigues e Letícia Gonçalves Loback Siqueira</i>	75
Divinas Divas e a feminilidade como mascarada <i>Carolina Carvalho Dutra</i>	77
A sexualidade feminina em Freud e a noção de feminino em Lacan <i>Cintia Ribelato Longhini, Silvia Nogueira Cordeiro e Vinicius Anciães Darriba</i>	79
As devastações: falta, excesso e êxtase <i>Marina Mendes Fiorenza e Rita Manso de Barros</i>	81
Gozo e Feminino: a sexualidade e suas manifestações clínicas <i>Renata Sales e Luciana Marques</i>	82
Menopausa entre angústia e desejo: algumas contribuições psicanalíticas <i>Natália Delatim Ortiz, Silvia Nogueira Cordeiro e Vinicius Anciães Darriba</i>	84
Considerações sobre a clínica com idosos durante a pandemia <i>Renata de Oliveira Fidelis Cavalcante</i>	86
Entre esperas e lembranças: tempo, fotografia e um quê de real verde-oliva <i>Tarcísio Greggio</i>	87
Há laço? Os impasses do amor em tempos de aplicativos de relacionamento <i>Livia Barbosa Corrêa e Cristiane Marques Seixas</i>	88
O laço possível entre psicanálise e psiquiatria: uma experiência <i>Adriana Dias de Assumpção Bastos e Barbara Manfroni Amaral de Souza</i>	89
Oficinas literárias em saúde mental: da solidão do gozo aos enlaces <i>Manoela Nunes de Freitas</i>	91
A entrada de um mundo inteiro no caminho da segregação <i>Raquel Marinho</i>	93
Hospital Colônia de Barbacena: interlocuções entre os conceitos de segregação e unheimlich <i>Thais Barros de Andrade</i>	95

Entre França e Brasil: uma psicanálise e uma escrita <i>não-toda</i> <i>Fabiana Rodrigues Barbosa e Ivan Ramos Estevão</i>	96
Resumo de "O Desejo do Psicanalista e o Comum" <i>Augusto Ribeiro Coaracy Neto</i>	98
Considerações sobre o encontro entre Psicanálise e Saúde Mental a partir do Desejo do Analista <i>Enzo Cléto Pizzimenti</i>	99
E-PÔSTERES	101
Ocupação Psicanalítica em Minas Gerais <i>Andréa Máris Campos Guerra, Dalila Rodrigues de Amorim e João Pedro de Souza Salgado</i>	102
Psicanálise, racismo e pensamento descolonial <i>Carla Cristina Karpem e Elaine Cristina Schmitt Ragnini</i>	103
Psicanálise e Instituições Públicas: um fazer de giros <i>Caroline Ferreira da Fonseca, Danielly da Costa Meirelles Espindola e Sonia Alberti</i>	105
A questão do simbólico no autismo em meio à COVID-19 <i>Daniel Cavalcante Moreira</i>	106
É possível uma discussão em torno das mulheres negras em psicanálise? <i>Debora Lydinês Martins Corsino e Silvia Nogueira Cordeiro</i>	107
A sombra errante do Eu: Gozo e vicissitudes clínicas dos agrupamentos sintomas na contemporaneidade <i>Frederico Santos Alencar, Odimar Araujo Feitosa e Maria Vitória Silva Ripardo</i>	108
O desejo do analista e a migração internacional: um estudo de caso a partir da dialética da demanda e desejo <i>Gustavo Pedroso da Silva e Elaine C. Schmitt Ragnini</i>	110
O sujeito negro e a arte da sobre...vivência no mundo da hegemonia branca – a desobediência como modo de investigação <i>Jéssica Michelle Dos Santos Silva</i>	112
O teatro improvisacional na escola: espaço de escuta do adolescente <i>Lorena Oliveira de Souza</i>	113
Entre gozo e desejo, determinação e liberdade: Psicanálise, adolescência e a Atenção à crise na Saúde Mental <i>Renata Rosa da Costa</i>	114
A Angústia e os Laços Sociais frente aos casos de adoção tardia <i>Rosana Cardoso Valencia</i>	115

Diferença entre compulsão em Freud e impulsão em Rabinovich: questões para a psicanálise contemporânea <i>Rogério Quintella, Giovanna Coelho, Jhéssica Barrozo e Taiene Mota</i>	116
A política da psicanálise é a política do sintoma <i>Thaysa Vasconcelos Bastos e Marcos Eichler de Almeida Silva</i>	117

**Lacan na América Latina:
uma homenagem a**
Diana Rabinovich



CONFERÊNCIAS

Respecto de un modo lógico de lectura de la pulsión y de la topología del deseo en el entre dos muertes: la enseñanza de diana Rabinovich

Alejandro Bilbao

Durante los años de 1990 y 1991, Diana Rabinovich realiza un conjunto de intervenciones y conferencias que precisan de un modo extremadamente lógico las articulaciones del amor de transferencia con el amor cortes y el amor divino. Las conferencias dan cuenta de un conocimiento acabado de la tradición filosófica griega, la cual es considerada alternadamente en el detenido análisis que es organizado para pensar la relación del sujeto al saber inconsciente. La noción de pulsión atraviesa la enseñanza que es transmitida en esos años, ocupando un lugar destacado.

Palabras clave: Pulsión, amor, bien, belleza, ética

A significação do Phallus em o seminário V de Lacan

*Mario Elkin Ramirez**

Jacques Lacan escreve em alemão a palestra chamada *Die bedeutung des phallus* que é pronunciada em o Instituto Max Planck de Múnich. É um artigo difícil, mais é posible estudarlo partiendo das leções do Seminário *As formacoes do inconsciente*. Deso trata esta intervenção.

*Doctor em psicologia da Universidade de Buenos Aires, Mg em psicoanálisis da Universidade Paris VIII, Profesor do Departamento de psicoanálisis da Universidade de Antioquia, Membro da AMP e da NEL.

Lo traumático: ¿Un “más allá “de la angustia?

Clínica de las pulsiones & Lazo social y goce: impasses actuales en la clínica

*Silvia Quesada**

Se puede diferenciar en Freud la noción de trauma de sus primeros textos de “lo traumático” que adquiere todo su valor a partir de Más allá del principio del placer. A partir de este escrito, lo que insiste tiene un nombre: compulsión de repetición. No hay imperio irrestricto. De la mano de esta compulsión, lo traumático ya no se valora en términos de contingencia, sino que es necesario pensarlo desde la noción de ex -sistencia. De igual modo la serie que presenta miedo- angustia- terror, que no es serie sino disyunción, nos orienta a repensar el valor clínico y metapsicológico del terror.

Si la angustia es trinchera, el terror es la granada que le cae adentro. La propuesta entonces es ubicar el desarreglo del sentido que la invasión del terror, en tanto afecto, con impacto en el cuerpo, conlleva, y ubicarla en su relación con la pulsión. Si la práctica analítica opera con el sentido, ¿qué hacer con aquello que en la clínica aparece reacio a su emergencia?

Palabras clave: angustia; terror; repetición.

REFERÊNCIAS

- Freud, S (1920) Más allá del principio de placer. Tomo XVIII Referencias Bibliográficas
- Lacan, J. (1964). El Seminario 11, Los cuatro Conceptos Fundamentales del Psicoanálisis. Ed. Paidós. Buenos Aires. Argentina
- Quesada, S. (2010). Una Explicación Psicoanalítica del ataque de pánico. Ed. Letra Viva. Buenos Aires. Argentina. 2da edición (2017).

*Profesora Consulta de la Universidad de Buenos Aires. Dirección de proyectos de investigación clínica en la misma universidad en la programación UBACyT desde el año 1998 hasta la fecha. Dra. (Phd) en Psicología con tesis en psicoanálisis. (2009) “Una explicación psicoanalítica del ataque de pánico”. Evaluadora de proyectos de investigación en el área de salud. Ex directora del Departamento de salud mental, en la dirección de salud de la Universidad de Buenos Aires. Autora de numerosos trabajos publicados en revistas nacionales e internacionales con referato. Autora del texto “Una explicación psicoanalítica del ataque de pánico”, publicado por editorial Letra Viva. Buenos Aires. Argentina, 1ra edición en el año 2010 y 3era edición en el año 2020.

**Lacan na América Latina:
uma homenagem a**
Diana Rabinovich



PLENÁRIAS

Identificação e (a)política em terras do mito da democracia racial: reflexões a partir dos cem anos de "Psicologia das Massas e Análise do Eu"

O conceito de objeto na teoria psicanalítica & Tecnologias, identidades e massas

*Amana Rocha Mattos**

No presente trabalho, percorro de algumas indicações feitas por Lacan (2003) em seu Seminário 9 acerca da função da superfície e da importância do traço para pensar topologicamente a identificação, acompanhando seu diálogo com o texto de Freud "Psicologia das massas e análise do eu" (FREUD, 1996). Em seguida, articulo essas pistas sobre a identificação - especialmente a importância da superfície e da nomeação pelo Outro - com questões que têm sido discutidas no âmbito das relações raciais no Brasil. Situando o campo discursivo acerca das identidades raciais em um contexto nacional marcado, desde a primeira metade do século XX até os dias atuais, pela proposição e manutenção do mito da democracia racial por parte considerável da intelectualidade brasileira, recupero questões presentes nos mencionados textos de Lacan e Freud para pensar como identidades e indentificações são atravessadas pela raça hoje, bem como para indagar discursos que têm invalidado tais debates nos campos políticos e teóricos (HALL, 2015).

Palavras-chave: Identificação; Raça; Subjetividade; Mito da democracial racial.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, vol. XVIII, 1996.

HALL, S. Raça, o significante flutuante. Tradução de Liv Sovik, em colaboração com Katia Santos. **Revista Z Cultural**, 2015. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/raca-o-significante-flutuante%EF%80%AA/>

LACAN, J. **O seminário, Livro 9: A identificação** (1961-1962). Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

* Doutora em Psicologia; Universidade do Estado do Rio de Janeiro;
E-mail: amanamattos@gmail.com

Bolsonarismo e a psicologia das massas 100 anos depois

O conceito de objeto na teoria psicanalítica & Tecnologias, identidades e massas

Fábio Santos Bispo*

O fenômeno do bolsonarismo no Brasil nos obriga a pensar as condições subjetivas, sociais e tecnológicas que sustentam seu poder de influência. Constatamos que, 100 anos depois, a psicologia das massas (FREUD, 1921/1996) ainda se constitui como uma chave de leitura que merece ser retomada a partir do prisma das contemporâneas formas de laços virtuais. Desde a eleição de Donald Trump, passamos a conhecer mais amplamente a força do compartilhamento de *fake news* nas redes sociais como estratégia de manipulação de massas. No contexto brasileiro, esse compartilhamento teve um papel central nas eleições presidenciais de 2018. Durante a pandemia, opiniões esdrúxulas e maléficas para a saúde pública ganharam a adesão de grandes grupos, incluindo pessoas ligadas à área médica. Desse contexto, separamos duas questões: a) que tipo de relação entre saber e verdade (LACAN, 1969-70/1992) as *fake news* puderam constituir para se tornarem virais e ganharem influência massiva? b) Para além da crença, o que sustenta a adesão em massa a notícias e ideias tão absurdas? Para a primeira questão, apontamos certa capitalização cínica da pulverização do lugar do Outro que legitima o saber na contemporaneidade. Freud nos auxilia a pensar a segunda, pois questiona como movimentos de massa podem suprimir o sujeito. “Que mecanismo liga a massa a um líder?”. Freud responde com o conceito de libido e a força do amor (Eros) como mecanismos responsáveis por formar os processos de identificação. Mas, se a estratégia é capitalizar o desamparo, podemos supor que, no bolsonarismo, a identificação ao pai como ideal simbólico cede lugar a uma identificação narcísica (SAFATLE, 2020). Alguém igual a mim desafia as heranças normativas e institucionais que limita a violência do gozo. Propomos que essa identificação capitaliza mais a face destrutiva do gozo cínico do pai do que sua oferta de amparo. Sua capacidade imaginária de ódio e destruição fomenta o racismo e o sexismo de cada um. A sustentação desse semblante de alguém que “está cagando” para o Outro exige uma contínua e interminável encenação de força destrutiva que corrói o próprio Estado.

Palavras-chave: Bolsonarismo; *Fake News*; Discurso de ódio; Psicologia das massas

REFERÊNCIAS

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, vol. XVIII, 1996.
LACAN, J. **O seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise (1969-70)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
SAFATLE, V. **Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

*Doutor em Psicologia; Universidade Federal do Espírito Santo - UFES; fabio.bispo@ufes.br

Interfaces entre fascismo e (a)política do Discurso Capitalista: uma perspectiva a partir do centenário de “Psicologia das Massas e Análise do Eu”

O conceito de objeto na teoria psicanalítica & Tecnologias, identidades e massas

Marcos Vinicius Brunhari*

A estrutura sintética das fake news encontra na manipulação coordenada figura adorniana do demagogo fascista a pungente descrição acerca da desconsideração da percepção e do juízo como cruciais na sustentação coesa das massas. Essa manipulação se orienta pelos ideais de pureza e pela edificação da moral frente ao que se lança como imagem do inimigo. Esse objeto reúne pela identificação aqueles que nisso buscaram garantir a sustentação de um líder compatível aos ideais almejados pela coletividade em dado momento histórico. Não em uma vertente mística, sim em uma economia, é que a identificação como esteio do fascínio tem no Discurso do Capitalista uma forma de respaldo, desde a qual um objeto enigmático se torna promotor da coesão de massas em um processo de instituição no qual um líder assume regência sobre o sujeito que é implicado por esse objeto forjado por um saber demagógico. Esse regência pode ser pensada nos termos do bolsonarismo como uma política que se pretende (a)política, na medida em que se apresenta como prática moralmente asséptica e incorruptível. Justapor os elementos do Discurso Capitalista em um ordenamento que conjuga o líder, o saber demagógico, o objeto sintético forjado e o sujeito em sua recusa à dimensão da falta é o que permite articular esse discurso sem laço ao que temos destacado a respeito da coesão da multidão fascista. Essa coesão se promove pelo consumo do objeto falacioso e reafirma a eminência, destacada por Freud (1921), da libido como peça chave na montagem fascista.

Palavras-chave: Psicologia das massas; Fascismo; Capitalismo; Fake News

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. (2015). A teoria freudiana e o padrão de propaganda fascista. In Adorno, T. W. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp. (Originalmente publicado em 1951).
- FREUD, S. (2020). Psicologia de grupo e a análise do ego. In *Obras incompletas de Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Original publicado em 1921).
- LACAN, J. (1972). Discours de Jacques Lacan à l'Université de Milan, le 12 mai 1972. In *Lacan in Italia*. Milão: La Salamandra, 1978.
- LACAN, J. (1992). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário originalmente proferido em 1969-1970).
- PAXTON, R. O. (2007). *A anatomia do fascismo*. São Paulo. Editora Paz e Terra.

*Professor Adjunto do Instituto de Psicologia da UERJ. Professor do Programa de Pós-graduação em Psicanálise da UERJ.
E-mail: mvbrunhari@gmail.com

A lógica do fantasma e a função do psicanalista: considerações sobre a obesidade

Clínica da pulsão & (Novas) Interfaces entre psicanálise e saúde

Cristiane Marques Seixas*

É do questionamento permanente na direção da cura e fora dela que este trabalho se propõe a um retorno ao texto “Clínica da Pulsão: as impulsões” (RABINOVICH, 2004) que acompanhou grande parte de minhas reflexões acerca da clínica com sujeitos ditos obesos. Pretende-se articular elementos teóricos relativos às impulsões com as proposições lacanianas no “Seminário 14: A lógica do fantasma” (LACAN, 1966-67), interrogando a questão do gozo e de seu manejo na clínica psicanalítica. Espera-se, ainda, destacar a dimensão do imperativo de gozo ao discurso do capitalista, tendo em vista que quando Lacan refere-se ao valor de gozo como noção que antecede o conceito de mais-de-gozar, considera que o que está em jogo não é a questão energética da pulsão, mas antes, uma economia política do gozo (RABINOVICH, 2004). O imperativo “Coma!” é retomado como aquilo que se faz ouvir pelos sujeitos ditos obesos, mas que também se desdobra em imperativos que podem se expressar em formulações tais como “Não coma, mas seja feliz!” que, articuladas ao contexto neoliberal, exibem a face astuciosa do discurso capitalista. No seminário 14 Lacan retoma a articulação entre alienação e repetição, de modo a recolocar as funções de elementos clínicos como o *acting out*, a passagem ao ato, a sublimação e, do lado do analista, a interpretação, o que nos permite entrever os possíveis caminhos para impasses que se colocam para todos aqueles que lidam com a demanda de um sujeito cujo sofrimento se apresenta de forma vaga e imprecisa. Para Rabinovich são perturbações da demanda, ou, ainda, patologias do ato em que o sujeito chega à análise na posição de objeto, posição esta que implica um ganho, um mais-de-gozar que não os permite dizer quase nada, salvo nos mostrar, em ato, essa curiosa satisfação muda da pulsão. Se há sujeito a partir do momento em que fazemos lógica, isto é, em que temos que manejar significantes numa análise (LACAN, 1966-67), para que uma análise possa realizar a travessia do fantasma é preciso que nesse percurso sujeito e objeto se articulem na sua própria escrita, como $\$ \diamond a$.

Palavras-chave: Obesidade; fantasma; pulsão; mais-de-gozar.

REFERÊNCIAS

LACAN, J. La logique du fantasme. Seminário inédito, 1966-67.

RABINOVICH, D. Clínica da pulsão: as impulsões. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

* Professora Associada do Instituto de Nutrição da UERJ e do PGPSA.
E-mail: cris.marques.seixas@gmail.com

A transmissão rigorosa de Diana Rabinovich: um fragmento

Laéria Fontenele

Objetivo tratar de forma sintética sobre a relação de Diana Rabinovich com a transmissão da teoria psicanalítica e especificar isso a partir de um fragmento, dentre as suas variadas contribuições, que consiste no modo como ela concebia a Escola de Psicanálise a partir da premissa de Lacan: Há psicanalista. Para tanto, abordarei alguns elementos recolhidos de testemunhos e textos da psicanalista com o objetivo de sintetizar sua posição em prol de uma Escola pautada na lógica do conjunto aberto (Todo fálico e não-todo fálico) em que a ideia de um centro de irradiação desaparece em prol da noção de rede e, dentre outros aspectos, as consequências desse modelo para o modo de inserção do psicanalista na instituição de psicanálise.

Las marcas de Diana: transmisión, estilo y amor al saber

Juan de Olaso*
Eduardo Albornoz**
Bárbara Goldschmidt***
Verónica Sánchez****
Gabriela Ubaldini*****

La cátedra *Psicoanálisis: Escuela Francesa* (Facultad de Psicología, Universidad de Buenos Aires) fue inaugurada por la Dra. Diana Rabinovich en el año 1986. Ha sido la primera cátedra universitaria consagrada a la enseñanza de Jacques Lacan. De modo que la transmisión del psicoanálisis -y en particular del lacaniano- en la universidad pública, lleva la marca inconfundible de Diana. En ese sentido, y como históricos integrantes del plantel docente de *Psicoanálisis: Escuela Francesa*, nos interesa presentar diversos aspectos de esa transmisión. Por un lado, la cuidadosa relación con los textos, con la lectura, con las fuentes bibliográficas, que ha contribuido notablemente a evitar cualquier clase de dogmatismo en la difusión de la compleja e intrincada teoría de Lacan. Por otra parte, la aptitud para conectar al psicoanálisis con otros campos del saber -una propensión natural de Diana-, y que ha llevado a alumnos, docentes e investigadores a despertar la curiosidad por referencias a otras disciplinas, como la filosofía, la historia, la lógica. Algo que, finalmente, no ha dejado de rendir homenaje a la propia enseñanza de Lacan. De lo que estamos hablando, en buena medida, es de un rasgo distintivo de la Profesora Rabinovich, que se ponía de manifiesto en cualquier escenario, desde los más formales hasta los más informales, desde una clase magistral hasta una conversación de café: el *amor al saber*.

Palavras-chave: Psicoanálisis; Universidad; Transmisión; Saber.

*Doctor em Psicología, Universidad de Buenos Aires, jdeolaso@fibertel.com.ar

**Licenciado em Psicología, Universidad de Buenos Aires, esalalo128@gmail.com

***Licenciada em Psicología, Universidad de Buenos Aires, barbaragoldschmidt@gmail.com

****Licenciada em Psicología, Universidad de Buenos Aires, m.v.sanchez@hotmail.com

*****Licenciada em Psicología, Universidad de Buenos Aires, mgubaldini@yahoo.com.ar

O amor que interessa ao desejo do analista

Denise Maurano

A emergência do “desejo do psicanalista”, é proposta como condição de possibilidade para um sujeito sustentar essa função, que se baseia no processo de análise pessoal, onde esse sujeito conseguiu avançar o mais longe possível, fazendo o que se denomina a travessia da fantasia com a qual ele respondeu ao desejo do Outro, acordando justamente desse desejo. É por isso que esse desejo é um desejo de exceção, uma vez que todos os desejos são desejos do Outro que serve de suporte para a nossa própria subjetividade. Isso tem, portanto, o efeito de uma certa dessubjetivação que dá ao analista as condições para que ele possa se abster de aparecer como sujeito e, então, como analista, emprestar-se como objeto, objeto causa de desejo para seu analisante. O que é essencial para o manejo da transferência. E também, o que justifica porque uma análise não é uma relação intersubjetiva. Para melhor explicitar a dinâmica presente entre o amor e o desejo do analista vou me valer das palavras de Diotima, que são usadas no elogio que Sócrates faz ao amor, no *Banquete* de Platão. Esse amor que inspira o desejo do analista situa-se fora do âmbito da paixão. O que funciona nele não é a exigência de satisfação, mas uma troca na qual se dá o que não se tem. Ou melhor, se partilha a falta, numa perspectiva na qual o amor se articula com a sublimação, porque operando através da função da beleza, que incita a expansão, aponta a possibilidade de se fazer algo com essa falta: criar. Acolher o precário, na direção do criador. Amor-tecendo com isso, a *queda na real* que é nossa convocação ética. O que tem relações com a passagem da posição de amado àquela de amante. Ou seja: ao invés do sujeito buscar seu sentido na passividade de seu clamor por ser amado, enclausurado na exigência de reciprocidade, poder regozijar-se com sua atividade de amar. A isso Lacan chama “o milagre do amor”. O amante enquanto desejante, movimenta-se, age, não através de uma atividade viril, mas sim criando, e incitando a criação, no lugar da falta, entregando-se a ela, para engendrar o novo, a partir daí.

Palavras-chave: Desejo do analista; amor; trágico; criação.

Do singular ao global: o gozo como problema econômico da nossa ordem social

Clínica das pulsões & Sociedade, política e instituições

O conceito de objeto na teoria psicanalítica & Laço social e gozo: impasses na atualidade na clínica

Fernanda Costa-Moura

O trabalho aborda o estabelecimento do conceito de objeto *a* por Lacan, destacando a contribuição de Rabinovich para a transposição da relação sujeito/objeto do campo intelectual para o campo da ética. Tal virada – é o que propomos – modifica drasticamente a questão. Do gozo considerado apenas como um problema singular, patológico surge o gozo como variável interna ao processo econômico. Conclui-se que é neste ponto, na medida em que os efeitos reais da pulsão vêm articular toda uma economia, que a psicanálise pode intervir no real e subverter a posição do sujeito.

Palavras-chave: objeto *a*; gozo; laço social; contemporaneidade

REFERÊNCIAS

Lacan (1968-9/2008) *O seminário livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2008

Lacan (1971-2/2012) *O seminário livro 19:... ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2012

Lacan (1974) *La troisième* (conferência publicada em *Lettres de l'École Freudienne*, 1975, n.16)

Rabinovich (1988/2014). *El concepto de objeto en la teoría psicoanalítica: sus incidencias en la dirección de la cura*. Buenos Aires: Manantial; 2014.

Clínica, Clinamen

Clínica das pulsões& Laço social e gozo: impasses da atualidade na clínica

*Paulo Vidal**

A etimologia do termo “clínica” remete a “inclinár”, aponta para uma margem de liberdade de veras preciosa na atual cultura dos algoritmos. Como mostraremos, nos leva ainda mais radicalmente à noção de “clinamen”, desvio imprevisível, posta em jogo por Lacan em *Lituraterra*.

Palavras-chave: Clínica; clinamen; lalingua; gozo

REFERÊNCIAS

LACAN, J. *Lituraterra*, in *Outros Escritos*. RJ: Jorge Zahar editor, 2003.

RABINOVICH, D. *El deseo del psicoanalista: libertad y determinación em psicoanálisis*. B. Aires: Ed. Manantial, 1999.

* Professor Doutor UFF;

E-mail: paulovidal@id.uff.br

Desejo do analista faz ato

O desejo do psicanalista & Laço social e gozo: impasses da atualidade na clínica

Roseane Freitas Nicolau*

A proposta do trabalho é articular a função desejo do analista enquanto um operador estrutural, com o ato analítico, para debater a possibilidade de mudança de posição do sujeito em relação ao saber e ao gozo. Essa função é necessária à passagem de um sujeito das entrevistas preliminares à entrada em análise, inaugurando a possibilidade dele se interrogar de seu desejo, da relação sexual, do Outro sexo. Na atualidade, os impasses clínicos que constituem obstáculo ao início de uma análise são reforçados pelas ofertas *prêt-à-porter* do mercado de bens e pelas ideologias fascistas e religiosas que prometem soluções para os problemas humanos. Confrontando isso ao que Lacan, na Proposição de 67, relaciona com uma tentativa de universalização que a ciência produziu ao se aliar ao discurso capitalista, temos a fórmula da produção de sujeitos em série, alienados de seu desejo. Então, cada vez mais é preciso escapar de uma teoria da técnica, onde sempre se trata de saberes *a priori* que se aplicam produzindo uma estandarização. A aposta na clínica é pela produção de um saber *a posteriori* sobre o desejo inconsciente e se produz a cada caso. O ponto de partida dessa aposta é o ato analítico, que está do lado do psicanalista, que privado do gozo de responder ou de compreender, sustenta o ato com seu desejo. O analista opera a partir de sua posição de objeto *a*, colocando-se no lugar de agente sustentado pelo saber (S2), situado no lugar da verdade. Mas, somente aquele que leva a experiência analítica à um termo, pode operar desde o lugar de causa de desejo no dia-a-dia da clínica, pois isso não provém da problemática técnica, mas da dimensão ética e se constitui como instrumento central na direção da cura, naquilo que é possível abrir para um analisante. A articulação desejo e ato analítico será abordada a partir de duas vertentes: de um lado, referindo-se à passagem da posição de analisante a analista e, de outro, o encaminhamento para que uma análise tenha um começo e alcance um final, ou seja, tudo aquilo que ocorre no próprio dispositivo analítico.

Palavras-chave: Desejo do psicanalista, Ato analítico, Sujeito, desejo.

REFERÊNCIAS

- LACAN, Jacques. (1964) *Seminário 11*, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.
- ___ (1950-60) *Seminário VII*, A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- ___ (1967-68) *Seminário XV*, O ato analítico. Seminário inédito.
- ___ (1967) “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”. In *Outros Escritos*. R.J.: Jorge Zahar, 2003, p. 248-264.
- RABINOVICH, Diana. O desejo do psicanalista: liberdade e determinação em psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

* Professora da graduação e da pós-graduação em psicologia da UFPA, Doutorado em Sociologia pela UFC.

Psicanálise em tempos de pandemia e destruição: angústia e estranhamento do mundo

A angústia e o desejo do Outro & Psicanálise em tempos de Pandemia

Dóris Luz Rinaldi*

Nesse trabalho pretendo analisar, a partir de alguns testemunhos, os efeitos sobre os sujeitos da pandemia de covid-19, que assolou o mundo como um fenômeno inédito, tomando-nos de surpresa e nos deixando, a todos, atônitos. As três fontes identificadas por Freud em “O mal-estar na cultura” (1930) foram potencializadas de forma violenta, em especial a primeira, que toca o destino mortal de nossos corpos, e a terceira, que diz respeito aos laços sociais, imprescindíveis à nossa existência. Em nosso país, outros elementos contribuíram para tornar mais grave a crise provocada pela disseminação da doença. Vivemos tempos semelhantes aos tempos de guerra e as observações de Freud em 1915 são valiosas para refletirmos sobre esse período, assim com as formulações de Lacan, no *Seminário 10, A angústia* (2005). A articulação entre os conceitos de angústia e de infamiliar, pareceu-nos uma via frutífera para uma leitura dos efeitos desses acontecimentos, em que a onipresença da morte e da destruição invade a cena do mundo, tornado-a *Unheimlich*.

Palavras-chave: Psicanálise; pandemia; angústia; infamiliar.

*Psicanalista; Doutora em Antropologia Social (MN/UFRJ); Professora Titular do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro;
E-mail: doris_rinaldi@yahoo.com.br.

O privado singular e o público globalizado

Heloisa Caldas

Para homenagear Diana Rabinovich, retomo aspectos de sua conferência, intitulada “O íntimo como condição do sujeito”, proferida no *VI Simpósio* de nosso programa sobre *Psicanálise, Universidade e Sociedade*. Naquela ocasião, em 2009, Diana já apontava aos efeitos que o discurso da ciência e da transparência poderiam ter sobre o sujeito da psicanálise. Onze anos depois, após um aumento significativo das redes internauticas, das bolhas de certeza, dos movimentos de minorias de brados globalizados, de tantas demandas forjadas por algoritmos de Big Data, pensei em abordar a questão privado/público considerando os discursos que promovem ou dissolvem o sujeito do inconsciente.

Palavras-chave: Psicanálise; discurso capitalista; identidade sintomal; identidade coletiva.

REFERÊNCIAS

Rabinovich, D. O íntimo como condição do sujeito. In: *Psicanálise, Universidade e Sociedade* (Orgs: Caldas, H.; Altoé, S.). Rio de Janeiro: Cia de Freud e PGPSA, 2009.

Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____ (1970). Radiofonia. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. pp.400-447, 2003.

Os discursos e o saber

Marco Antonio Coutinho Jorge

A teoria lacaniana dos quatro discursos é uma abordagem das formas de laço social a partir do discurso psicanalítico. A partir de uma indicação de Diana Rabinovich, será abordada a especificidade do comparecimento do saber em cada discurso.

O Sintoma e a histeria “desmelancolizada”

A angústia e o desejo do Outro & O lugar da Psicanálise na América Latina

Sonia Alberti*

A quem Lacan agradece na sessão de abertura de seu único seminário na América Latina, senão à Diana Rabinovich, em primeiro lugar?! Em Caracas, em 1980, Lacan anuncia “minha Causa freudiana”, antes de lançá-la. E ao dizê-lo, acrescenta: “Se vocês quiserem, sejam lacanianos. Eu sou freudiano” (Lacan, 1980). Quatro anos depois, ela publica, em *Ornicar? Revue du Champ freudien*, o texto: Une hystérie “démélancolisée”. Certamente por ele supervisionado, o caso Magdalena, uma venezuelana de quarenta anos de idade, entrara em análise com Diana depois de uma tentativa de suicídio, cometida em sequência imediata a uma intervenção de seu analista anterior. Caso clínico de depressão na histeria, é com ele que Diana, em seu texto, desconstrói intervenções analíticas que a autora, certamente com Lacan, identifica com uma ideologia kleiniana. Em A Terceira, Lacan (1974) associara o analista ao sintoma – “ele diz que o sintoma é o real e o diz no momento em que identifica o analista ao sintoma, o qual se coloca como pedra no caminho do discurso dominante” (Alberti, s/d). Examinaremos a função do sintoma do modo como Lacan propõe trabalhá-la enquanto cruz a obstacularizar o discurso dominante – aquele que dominava, justamente, na psicanálise na América Latina, em 1980, longe do retorno a Freud que permitiu, a Lacan, a observar “o debate com Freud” que ele sustenta. Se ali defende que seus três – o real, o simbólico e o imaginário – não são os mesmos três de Freud, é com o quarto nó, o sintoma, que ele os arrematara. Articularemos o sintoma como função tanto para o sujeito quanto no laço social, incluindo sua função política, e sem deixar de considerar seu lugar na psicanálise na América Latina, tendo em vista a chegada, aqui, do ensino de Jacques Lacan. Retomando o que ele desenvolve sobre a psicanálise em A Terceira, como pensar o analista-sintoma com a histérica que, em análise com Diana Rabinovich, “desmelancoliza”?

Palavras-chave: psicanálise; caso clínico; sintoma; Diana Rabinovich

REFERÊNCIAS

- Alberti, S. (s/d). O futuro do real depende do sujeito. In *Stylus – Revista de Psicanálise*. (no prelo).
- Lacan, J. (1974), La Troisième. In: VIIème Congrès De l'École freudienne de Paris, à Rome. Acessível em http://www.valas.fr/IMG/pdf/la_troisieme_integrale.pdf (consultado em 8/11/2021).
- Lacan, J. (1980). Ouverture de la rencontre de Caracas. Acesso em http://www.lutecium.org/mirror/gaogoa.free.fr/Seminaires/Dissolution/DIS12615071_980gg.pdf (consultado em 8/11/2021).
- Rabinovich, D. (1984). Une hystérie “démélancolisée”. In: *Ornicar? Revue du Champ freudien*, 28, 112-116. Publicado no Brasil na coletânea organizada por Motta, *Clínica Lacaniana – Casos clínicos do campo freudiano*. Rio de Janeiro, JZE, 1989. p. 80-85. Acessível em https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Clinica_Lacaniana%20_Casos_Clinicos_Do_Campo_Freudiano.pdf (consultado em 8/11/2021).

* Professora Titular do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Pesquisadora do CNPq; A.M.E. da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL). E-mail: sonialberti@gmail.com

**Lacan na América Latina:
uma homenagem a**
Diana Rabinovich



MESAS SIMULTÂNEAS

O adolescente e o recurso à nomeação da sexualidade: questões atuais à psicanálise

Sexualidade e significante & Sexualidades e Sexuação

Andréa Ferioli Melo*
Karina Barroso de Andrade**
Luciana Marques***

A experiência de estranheza que engendra a puberdade, com suas transformações corporais, inaugura uma avalanche de eventos e metamorfoses, convocando o sujeito a uma intensa elaboração psíquica: momento esperado e temido pelos adolescentes na assunção de uma posição sexuada e de uma nova escolha objetal. A clínica com adolescentes tem evidenciado que alguns sujeitos, ao se depararem com a falta no Outro, recorrem a tentativas de esquivar-se do reencontro com a castração. No que tange à sexualidade, identificamos a repetição de dois movimentos: o primeiro é a utilização de termos específicos recolhidos da sigla LGBTQIA+, que portam os sufixos “*bi*” e “*pan*”, como saída à não-escolha e suas conseqüentes perdas; e o segundo refere-se a uma identificação cristalizada a um significante da sigla que pretende nomear de todo o sexual. O símbolo “+” e a incessante metonímia da sigla revelam a impossibilidade de nomear totalmente a sexualidade apontando para a falta inerente ao pulsional. Iniciaremos esse debate pelos fundamentos freudianos, que serviram de base para Lacan (1957-58|1998) afirmar o inconsciente estruturado como uma linguagem e a sexualidade como não-toda atravessada pelo significante. Em seguida, recorreremos aos psicanalistas contemporâneos para pensarmos o que se repete na fala desses adolescentes. O fio condutor será a afirmação de Diana Rabinovich que o grande descobrimento de Freud é a relação do sujeito com um não saber, isto é, “[...] no inconsciente o sujeito recusa certo ponto de saber, evita o saber sobre o sexo” (RABINOVICH, 1986, p.67), o qual, na leitura de Rabinovich da obra de Lacan, é o saber sobre a falta. Sendo assim, as frequentes nomeações usadas pelos adolescentes relativas à sexualidade ou o recurso ao “*bi*” como não-escolha seriam formas contemporâneas de tamponar a castração?

Palavras-chave: psicanálise; sexualidade; linguagem; manifestações clínicas.

REFERÊNCIAS

LACAN, J. (1966). *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

RABINOVICH, D. *Sexualidad e significante*. Editora Manantial: Buenos Aires, 1986.

* Psicóloga, Especialista em Psicologia Clínica com Crianças (PUC-RJ);
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ (PGPSA/UERJ).
E-mail: andreaferiolimelo@gmail.com

**Psicóloga, Especialista em Psicologia Clínica Modalidade Hospitalar (UERJ) e em Atenção Psicossocial na Infância e na Adolescência (UFRJ);
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ (PGPSA/UERJ).
E-mail: karina.ba25@outlook.com

***Psicanalista, Pós-Doutoranda e Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ; Membro de Formações Clínicas do Campo Lacaniano (FCCL-RJ) e do Fórum do Campo Lacaniano (FCL-RJ)
E-mail: lucianamarques@icloud.com

O que a instituição escolar não pode não fazer pelo laço social? Reflexões acerca da formação do sujeito no contexto da escola neoliberal

Clínica das pulsões & Sociedade, política e instituições

*Flávia Tridapalli Buechler**
*Cláudia Maria Perrone***

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a instituição escolar e o laço social. Em vista dessa proposta, expomos o problema de que há uma invasão dos imperativos neoliberais no contexto escolar, tema denunciado atualmente por pesquisas no campo da educação (LAVAL, 2019; CHARLOT, 2020). A discussão se faz a partir da noção de declínio da instituição (DUBET, 2002) articulada a ideia de corrosão da formação das crianças e jovens de nossa época (GURSKI & PERRONE, 2021). Ao sinalizar que as escolas têm funcionado mais como empresa, a partir de técnicas de gestão que almejam eficácia dentro de uma lógica massificada e de concorrência, e menos como instituição educativa enquanto um lugar de formação social e transferência com o saber geracional, este trabalho se questiona acerca de um esvaziamento simbólico que devasta as potencialidades sociopolíticas que a instituição escolar tem com o compromisso de promover um laço social ético e plural. O ato educativo, dentre outras consequências, tem como efeito 1) o nascimento do sujeito para o mundo público; 2) a preservação e a transmissão da história; e 3) a livre circulação da palavra para o surgimento do novo e não repetição das atrocidades que já marcaram o mundo humano (ARENDDT, 1954|2014; ADORNO, 1995). Nesse sentido, há que se pensar quais as consequências psíquicas, sociais e políticas da renúncia ao ato educativo no contexto escolar, em nome dos valores que armam a estrutura da escola neoliberal. Se contra a totalidade do exército e da igreja nós temos a instituição escolar (LACAN, 1967|2003), é porque trata-se de um lugar de muita potência que, por conta da própria vivacidade, facilmente é atacada por discursos alienantes. Em vista disso, lançamos a questão: em tempos de gozo desmedido e desejo de morte à alteridade, como a instituição escolar pode engajar-se, a contrapelo dos imperativos neoliberais, na formação das crianças e adolescentes de nossa época?

Palavras-chave: educação; escola; laço social; pulsão de morte.

REFERÊNCIAS

- LACAN, J. (1966). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- ADORNO, T. Educação após Auschwitz. In **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ARENDDT, H. A crise na educação. In **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. 2. reimp. da 7. ed. de 2011. São Paulo: Perspectiva, 2014. (Trabalho original publicado em 1954).
- CHARLOT, B. **Educação ou barbárie?** Uma escolha para a sociedade contemporânea. Tradução Sandra Pina. São Paulo: Cortez, 2020.
- DUBET, F. **Le déclin de l'institution**. Paris: Éditions du Seuil, 2002.
- LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In **Outros Escritos**, p. 248. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. (Trabalho original publicado em 1967).

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2019.

GURSKI, R.; PERRONE, C. M. O Jovem ‘Sem Qualidades’ e o Desejo de Fascismo: enlaces entre psicanálise, educação e política. In **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-6236109161>. Acesso em: 28/09/2021.

* Mestranda do PPG de Psicanálise, Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);
E-mail: flaviatbuechler@gmail.com

** Professora do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e do PPG Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);
Coordenadora do Eixo 3 do Núcleo de pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC/UFRGS);
E-mail: claudia.perrone@ufsm.br

“Estamos na live”: O trabalho com jovens e adolescentes autistas e psicóticos durante a pandemia. O que podemos inventar?

Clínica das pulsões & Psicanálise em tempos de pandemia

*Leticia Gonçalves Loback Siqueira**

O presente trabalho visa discutir os impasses que a pandemia apresentou ao projeto “Circulando e traçando laços e parcerias: atendimento a jovens autistas e psicóticos - do circuito pulsional ao laço social”, vinculado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Segundo Canguilhem (2011), a doença impõe aos organismos vivos uma nova experiência com o meio. Observamos, de maneira preliminar, que a pandemia de Covid-19 e a adoção de medidas de proteção, como o isolamento social, estabeleceram novas formas de vida a todos. De maneira radical, as relações com os outros e com a própria pólis foram afetadas. Os sujeitos autistas e psicóticos não estão apartados de enfrentar essa realidade, visto que seus locais de referência, como a escola, tiveram seu funcionamento alterado. Apostamos que os circuitos pulsionais realizados por intermédio desses sítios constituem uma tentativa em direção ao laço social. Diante da mudança nesses trilhamentos, deparamo-nos com o primeiro impasse em manter a continuidade do trabalho de maneira frequente e regular, o que Di Ciaccia (2005) aponta enquanto fundamental para a efetividade das intervenções clínicas. A utilização de recursos tecnológicos foi a via encontrada nesse período. Ainda que impossibilitados de realizar atividades presenciais, seguimos apostando no trabalho dos jovens e nos caminhos que eles próprios nos deram nessa nova modalidade. Desse modo, seguindo a orientação de Lacan (1988) em “secretariar o alienado”, pensamos que a possibilidade de intervenção do analista passa pela sua tentativa de inclusão no trabalho que o sujeito autista e psicótico já realiza. Assim, não buscamos de antemão estabelecer práticas estruturadas, inventando a cada encontro com cada sujeito novas formas de saber-fazer. Cabe ressaltar que isso só foi possível pelo fortalecimento da parceria com os próprios jovens e com os outros que os cercam (a família, a escola e a rede de saúde). Ainda assim, duas questões permanecem: Quais são os efeitos da pandemia no trabalho? O que conseguimos inventar até então?

Palavras-chave: Pandemia; autismo; psicose; prática entre vários.

REFERÊNCIAS

- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- DI CIACCIA, A. A prática entre vários. In: ALTOÉ, S.; DE LIMA, M. M. (Org.). **Psicanálise, clínica e instituição**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2005, p. 34-55.
- LACAN, J. **O seminário. Livro 3: as psicoses**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

* Graduada em Psicologia; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ);
E-mail: lobacklet@gmail.com

A Prática Clínica Psicanalítica no Contexto On-line

Clínica das pulsões & Psicanálise em Tempos de Pandemia

Tatiane Carvalheiro Bornholdt*

A prática clínica on-line já vinha acontecendo há alguns anos, mas no início de 2020, a pandemia mudou o contexto desta prática clínica de modo brusco e inesperado. Alguns analistas, assim como eu, já estavam atendendo on-line há mais tempo, outros começaram a se aventurar apenas com a chegada da pandemia. A clínica psicanalítica on-line já existia, mas essa ainda era um tipo de prática clínica pouco difundida e, além disso, considerada por muitos apenas possível em modalidade de exceção. A pandemia obrigou a que todos ou quase todos, de uma hora para outra, deixassem seus consultórios físicos, suas confortáveis poltronas e se pusessem a criar novas formas de garantir que a psicanálise continuasse existindo. A psicanálise está em constante movimento e não recuar frente aos obstáculos causados pelas impossibilidades de continuar atendendo de maneira presencial, foi mais um deles. Um dos chamados que muitos de nós assumiram desde o início da pandemia e, que a partir daí, também faz surgir muitos questionamentos. Como sustentar essa nova forma de fazer a clínica psicanalítica? Qual o papel da voz como operador da análise, na clínica contemporânea? Afinal, se tantas coisas mudaram, a presença da voz permaneceu e até se destacou com a nova modalidade, que removeu o divã mas que não removeu o analista de sua posição. E ainda, qual a relação da voz com o objeto *a*, o semblante e presença do analista no contexto da prática clínica online? A voz tem um papel fundamental na transferência. Com a mudança do *setting* presencial para o on-line, há alguma mudança na especificidade desse papel? Há presença do corpo, através da voz, na clínica online? O divã realmente saiu da cena ou foi substituído por outras estratégias de manejo clínico possibilitadas pelo novo *setting*? Essas são algumas questões que me tocam e que vem norteando minhas leituras e minha pesquisa. Não pretendo respondê-las neste texto, mas abrir ainda mais questões e ofertá-las ao debate para avançar este campo de pesquisa e discutir as implicações disso para a prática clínica psicanalítica.

Palavras-chave: Análise Online; Voz; Psicanálise; Pandemia.

REFERÊNCIAS

Lacaniano - MS (Org.). **Psicanálise e Pandemia**. São Paulo: Aller Editora. Kindle Edition, 2020.

MELO, Rainer. Análise on-line no tempo da pandemia. Em: Forum do Campo Lacaniano - MS (Org.). **Psicanálise e Pandemia**. São Paulo: Aller Editora. Kindle Edition, 2020.

QUINET, Antonio. Análise On-line em Tempos de Quarentena. Em: Forum do Campo Lacaniano - MS (Org.). **Psicanálise e Pandemia**. São Paulo: Aller Editora. Kindle Edition, 2020.

VIVES, Jean-Michel. **A Voz no Divã**. Aller Editora. Kindle Edition, 2020.

* Psicanalista;

E-mail: taticarvalheiro@gmail.com

Psicanálise e Justiça: articulações sobre uma práxis que se ocupa do imundo

Clínica das pulsões & Sociedade, Política e Instituições

Aline Lima Tavares*

Sonia Alberti**

Em *A terceira*, Lacan (1974) enfatiza que os analistas devem se ocupar do real, daquilo que “é o que não caminha”, que não cessa de se repetir para entrar a marcha, atravessando o caminho da carruagem do discurso do mestre. Nesse momento de seu ensino, o autor estabelece uma distinção entre o que funciona e o que não funciona: “o que funciona é o mundo. (...) O mundo caminha, gira em círculo, é sua função de mundo” (LACAN, 1974b, p.63). O que não funciona é aquilo que faz “com que o mundo seja imundo” e comporta a dimensão da pulsão de morte em sua articulação com o real, sendo desta dimensão que o analista deve se ocupar. Em nosso trabalho atual, realizado em uma Vara da Infância e Juventude de um Tribunal de Justiça brasileiro, testemunhamos com frequência os efeitos mortíferos do discurso do mestre sobre as vidas e os corpos de crianças e adolescentes. Partindo de um caso clínico, objetivamos tanto denunciar os efeitos de uma prática burocratizante a serviço do discurso do mestre, que não deseja saber de nada, apenas que “as coisas andem”, como apontar as contribuições da presença do psicanalista na interface com a Justiça. Lacan (1967), em seu *Discurso aos psiquiatras*, disse que esses poderiam ter algo a dizer sobre os efeitos da segregação, contudo, “eles dormem”. Como caminho para fazer frente à segregação, indica que “saber como as coisas se produzem permite certamente lhes dar uma forma diferente, uma guinada menos brutal e, se quiserem, mais consciente do que quando não se sabe a quem se cede” (LACAN, 1967, p. 19). Em *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*, destaca a contribuição que enquanto analistas podemos oferecer às instituições: “seria mostrar, através de uma série de exemplos, uma articulação pela qual o círculo pode se abrir. É isso que constitui o interesse da psicanálise, digo, seu interesse na história” (LACAN, 1968-69, p. 322).

Palavras-chave: Psicanálise; Justiça; Instituição; Segregação.

REFERÊNCIAS

LACAN, J. **Pequeno discurso de Jaques Lacan para os psiquiatras**. Inédito, 1967.

LACAN, J. **O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008/1968-69.

LACAN, J. **A terceira**. Inédito. Circulação interna da Escola Letra Freudiana, 1974.

LACAN, J. O triunfo da religião. In: _____. **O triunfo da religião precedido de Discurso aos católicos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003/1974b.

* Doutoranda em Pesquisa e Clínica em Psicanálise – UERJ.

Email: alineltav@hotmail.com

** Professora Adjunta do Departamento de Psicanálise – UERJ.

Email: sonialberti@gmail.com

Os paradoxos na obesidade: sintoma e capitalismo

Clínica das pulsões & Laço social e gozo: impasses na atualidade clínica

*Cecília Valéria Feliciano**

*Cristiane Marques Seixas***

A obesidade é um fenômeno caracterizado pelo campo médico a partir do cálculo antropométrico que divide o peso pela altura ao quadrado (kg/m^2), despertando interesses diversos em pesquisas ligadas ao organismo e ao comportamento, sendo, entretanto, pouco discutida na psicanálise. Dentre suas breves aparições em produções no nosso campo, destacamos o fato de, clinicamente, não aparecer já como um sintoma, no sentido de proposto subjetivamente como uma questão, segundo Diana Rabinovich (2004), ou também, conforme observa Cristiane Seixas (2009), de que os pacientes ditos obesos mostram um empobrecimento discursivo quanto à obesidade, tomando-a numa análise como algo alhures. Procura-se pensar, assim, como a proposição lacaniana de lalíngua – esses restos peneirados da água da linguagem – se articulam nos tempos da constituição subjetiva e com o sintoma como algo escrito no psiquismo e no corpo que não está já vinculado ao saber inconsciente. A psicanálise nos dá recursos para pensarmos a respeito da clínica diante um possível paradoxo de um sofrimento que não aparece já como um sintoma, e também do paradoxo capitalista que visa à universalização e os sujeitos puros, questões das quais o psicanalista deve estar advertido e tomar as coordenadas de sua ética (DARRIBA, 2015; DARRIBA, 2019). Aqui, uma clínica que se orienta pela escrita dá condições para que, mesmo sufocado entre paradoxos, possa o sujeito advir numa análise; ou, como diz Elza Gouvêa (2009, p. 78), que possibilite o vetor que é o do aparelho psíquico freudiano – “inscrever o gozo em significantes, transplantá-lo na linguagem”. Que, ao falar, algo possa se escrever e ser lido em transferência, em uma clínica orientada, nas palavras de Zeila Torezan (2021, p. 84), como “una práctica de la letra, de la escritura, de la lectura y del (des)encuentro, donde lo intraducible y lo intransmisible causan a través de lo que resta como imposible”.

Palavras-chave: obesidade; psicanálise; sintoma; capitalismo.

REFERÊNCIAS

DARRIBA, Vinicius. Em que consiste a dita conjunção do capitalismo com a ciência? In: BARROS e DARRIBA (Orgs.). **Psicanálise e Saúde: entre o Estado e o sujeito**. FAPERJ – Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2015, pp. 83-93.

_____. **Perspectivas da relação entre psicanálise e ciência em Lacan** (2019). Tempo psicanalítico, Rio de Janeiro, v.51.1, 2019, pp. 11-37. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382019000100002. Acesso em: julho/2021.

GOUVÊA, Elza. Do não-reconhecido (unerkannt) ao saber inconsciente. In: PRADO, I. B. (Org.). **Do real o que se escreve?** Revista da Escola da Letra Freudiana, v. 28, n. 40, 2009, pp. 77-82.

RABINOVICH, Diana S. Terceira conferência. In: _____. **Clínica da Pulsão – as impulsões**. Trad. André Luis de Oliveira Lopes. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004, pp. 49-66.

ROIZMAN, Daniel Hamer. **A obesidade “não toda” ou quando a gordura fala**. São Paulo: Escuta, 2017.

SEIXAS, Cristiane Marques. A clínica da obesidade. In: _____. **Comer, demandar, desejar: considerações psicanalíticas sobre o corpo e o objeto na obesidade**. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro, RJ, 2009, pp. 39-63.

TOREZAN, Zeila Facci. Una lectura extranjera. In: GÓMEZ, MARCOS, PULLOL (Orgs.). **Traducir en psicoanálisis: (des)encuentro de las lenguas**. Buenos Aires: Letraducciones, 2021, pp. 81-88.

* Mestranda no Programa de pós-graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), bolsista FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro; psicóloga, praticante da psicanálise;
E-mail: ceciliavf10@gmail.com

** Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Programa de pós-graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde (UERJ). Programa de pós-graduação em Psicanálise (UERJ); doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); psicanalista;
E-mail: cris.marques.seixas@gmail.com

Gozo místico como tentativa de circunscrição do gozo invasivo na psicose?

Clínica das pulsões & Laço social e gozo: impasses da atualidade na clínica

*Maycon Rodrigo da Silveira Torres**

Este trabalho tem por objetivo discutir a possibilidade da experiência de gozo místico como desencadeamento e tentativa de organização do corpo pulsional na psicose, a partir de um fragmento de caso clínico. A concepção lacaniana de gozo relacionado à satisfação da pulsão impõe importante questão para a prática e a teoria psicanalítica (LACAN, 1959-60). O gozo está referido ao mais-além do princípio do prazer, isto é, ao registro do real, como o que não é totalmente apreendido pelo simbólico e pelo imaginário. A castração simbólica é uma forma de extração do objeto a enquanto condensador de gozo, sendo circunscrito pelo significante fálico. O gozo místico aproxima-se do que está mais além do gozo fálico, como o que escapa às amarras simbólicas de um indizível do sujeito em que os místicos “experimentam a ideia de que deve haver um gozo que esteja mais além” (LACAN, 1972-73, p. 82). O gozo místico se aproxima do gozo feminino como não-todo, um Outro gozo está no campo de uma experiência não apreendida pelo saber (ALBERTI; MARTINHO, 2013). A aproximação com o gozo feminino ocorre com o movimento de entrega de si mesmo pela via da dessubjetivação desejada e ativamente buscada por técnicas de comunhão com um Outro radical expresso como divino, cujo resultado é sempre um testemunho singular (MAURANO; ALBUQUERQUE, 2019). Há dificuldade de discernir o gozo místico do delírio místico-religioso na psicose, uma vez que a forclusão do Nome-do-pai dificulta o processo de metaforização e a significação fálica. O psicótico é reduzido ao Outro do corpo como lugar de gozo desregulado, invasivo, em que o surto psicótico denota o aniquilamento subjetivo na medida em que o sujeito se encontra desamparado frente um Outro não castrado que o subjuga. O caso clínico apresenta um jovem acometido de fenômenos corporais desde a infância reinterpretados no contexto de uma experiência mística seguido de desorganização psicótica e ideias delirantes que não estruturaram uma metáfora delirante. O sujeito busca práticas espirituais e o consumo de drogas como forma de organizar o gozo invasivo.

Palavras-chave: Gozo; Gozo Místico; Psicose; Corpo.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, S.; MARTINHO, M. H. Sexuação, desejo e gozo: entre neurose e perversão. **Psicologia USP** [online]. 2013, v. 24, n. 1, 2013, pp. 119-142. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65642013000100007>>.
- ASSIS, D. Experiência mística ou loucura? Uma distinção sociocultural?. **Revista Lusófona de Ciências da Religião**, Lisboa, a. 10, v.18-19, p. 325-334, 2014. Disponível: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cienciareligioes/article/view/4498>>.
- FREUD, S. (1914). “Introdução ao narcisismo”. In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XII. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006.
- GALANTE, Dario; NAPARSTEK, Fabián. “Monotoxicomanías y politoxicomanías: la función del tóxico en las psicosis.” In: SALAMANE, L. D.; GALANTE, D.; LEVATO, M.; NAPARSTEK, F. (orgs) **Lo inclassificable de las toxicomanías: respuestas del psicoanálisis.** Buenos Aires: Grama, 2008, pp.- 43-48.
- LACAN, J. (1955-56). **O Seminário, livro 3: as psicoses.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LACAN, J. (1959-60). **Seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

LACAN, J. (1972-73). **Seminário, livro: 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2008.

MAURANO, D.; ALBUQUERQUE, B. Lacan e a experiência mística à luz da psicanálise. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental** [online]. 2019, v. 22, n. 3, 2019, pp. 439-456. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2019v22n3p439.3>>

*Doutor em Psicologia/UFF; FAMATH;
E-mail: mayconrtorres@gmail.com

Psicanálise e Religião: o recrudescimento da moralidade evangélica e seus destinos

Sexualidade e Significante & Sociedade, Política e Instituições

Carolina Cancela*

Após duas décadas de lutas sociais pela legitimação das diferenças dos grupos minoritários, houve um recrudescimento da moralidade religiosa, especificamente, da evangélica. Este recrudescimento pode ser constatado pelo aumento vertiginoso de evangélicos na população brasileira e na esfera política. Por que, em um momento de maior tolerância à diversidade, à liberdade de expressão e aos comportamentos antes considerados inadequados ao *status quo*, a sociedade brasileira elegeu como governantes pessoas claramente inseridas no discurso religioso? Sigmund Freud (1905/1996) descreveu uma moral sexual civilizada marcada pela vergonha e pelo pudor, na qual prevaleciam os mecanismos do recalque e da sublimação pulsional. Ele desenvolveu uma teoria da sexualidade levando em conta a sexualidade infantil e o caráter perverso polimorfo que a determina. A estruturação da libido, através da linguagem, permitiu uma orientação da sexualidade que aparelha a criança para uma relação com o corpo, com o ato sexual e com o prazer. No entanto, Freud (1930[1929]/1996) ressaltou que essa moral civilizada, transmitida pela educação, estava permeada pela religião, que tinha uma função regulatória no circuito pulsional. Atualmente a sociedade apresenta uma moral sexual civilizada distinta da época freudiana. Podemos dizer, a partir do texto “Nota sobre a vergonha”, de Jacques-Alain Miller (2002/2003), que a vergonha e o pudor não são atualmente os afetos preponderantes quando se trata da sexualidade; e que os mecanismos de recalque e de sublimação não se apresentam da mesma forma, mostram-se menos operatórios do que antes. A modificação dos afetos e a diminuição da operatividade dos mecanismos psíquicos são consequências do fato de o Outro simbólico não ser mais o garantidor das tradições que regulavam os modos de gozo dos sujeitos (Miller, 1996-1997/2005). Quando a regulação dos modos de gozar não ocorre pelos modos tradicionais de gozo, uma ameaça surge no laço civilizatório. Diante deste cenário, recrudescem o retorno às tradições e às normas, tal como vemos acontecer nos últimos anos.

Palavras-chave: psicanálise; pluralização do Outro; moralidade evangélica; recrudescimento das tradições.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. (1905/1996). “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Em: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, S. (1908/1996). “Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna”. Em: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, S. (1921/1996). “Psicologia de grupo e análise do ego”. Em: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, S. (1927/1996). “O futuro de uma ilusão”. Em: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, S. (1930[1929]/1996). “O mal-estar na civilização”. Em: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora.

GUILLEN, F. (2009). *Se7e Montes*. Belo Horizonte: Se7e Montes Editora.

MACEDO, E. *Plano de poder*. Belo Horizonte: Se7e Montes Editora.

MILLER, J.-A. (1996-1997/2005). El Otro que no existe y sus comités de ética. Seminario en colaboración con Éric Laurent. Buenos Aires: Paidós.

MILLER J.-A. (2002/2003). “Nota sobre a vergonha”. Em: *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, no 38. São Paulo: Edições Eolia.

*Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro;
E-mail: carolinaancela@gmail.com

Formulações psicanalíticas acerca do conceito de objeto e seu estatuto nas patologias do ato pensadas por Diana Rabinovich

O conceito de objeto na teoria psicanalítica & Laço social e gozo: impasses da atualidade na clínica

*Fairuze Gabryella Ávila Almeida Macêdo**

*Rogério Robbe Quintella***

*Mariana de Assis Medeiros****

O presente trabalho tem por objetivo expor diferentes concepções de objeto na teoria psicanalítica para discutir o estatuto do objeto nas patologias do ato pensadas por Diana Rabinovich. Para isso, partiremos de quatro dimensões da noção de objeto em Freud e Lacan: libido de objeto, objeto da pulsão, objeto perdido e objeto real. Sobre o objeto no tocante a libido, Freud (1914/2010) aponta os diferentes modos de investimento libidinal, perpassando a escolha objetual ancorada no narcisismo e a dessexualização da libido, na identificação e na formação do ideal do Eu. Acerca da pulsão, Freud traz o objeto como aquilo que há de mais variável desde que viabilize a satisfação (Freud, 1915/2020). Uma vez que o surgimento do sujeito do inconsciente se dá às custas de uma perda original, o objeto em psicanálise é relativo a essa estrutura. A partir do conceito de *Das Ding*, Lacan nomeia o objeto *a*, que se constitui como vazio, lugar de resto e função de causa de desejo. Além dessas concepções, Lacan introduziu em suas construções teóricas a noção de objeto real, presente no Seminário IV, tratando-se do objeto da necessidade ou urgência infantil que, impreterível, diante da frustração se torna a referência fundamental da pulsão (Lacan, 1956-1957/1995). Com Diana Rabinovich (2004), entendemos que as impulsões são formas de sofrimento nas quais o ato evidencia-se como cerne da organização patológica que não implica o desejo, o retorno do recalcado, o sentido de um sintoma e o ideal do eu. As impulsões caracterizam-se por atos, dirigidos a objetos fixos, sem referência na organização fálica e no recalque. Elas denotam um enfraquecimento das referências ideais relativas à libido de objeto em privilégio de uma urgência pulsional em torno de objetos mais próximos da necessidade ou urgência (o objeto real) - o que concerne modos de gozo que preponderam na clínica atual. Propomos, com o presente trabalho, pensar essas patologias em que o objeto real assume caráter de preponderância, reduzindo o sujeito àquilo que a autora aponta como sendo um sujeito da pulsão, cuja demanda é muda.

Palavras-chave: Impulsão, objeto; psicanálise; Rabinovich.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. Introdução ao narcisismo (1914). In: SOUZA, P. C. (Trad). **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 09-37.
- FREUD, S. As pulsões e seus destinos (1915). In: TAVARES, P. H. (Trad). **As pulsões e seus destinos**. 1 ed. 5 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 13-69.
- LACAN, J. **O Seminário livro 4**, A relação de objeto. (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- RABINOVICH, D. **Clínica da pulsão** - as impulsões. (2009). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

* Graduanda em Psicologia; Universidade Federal Fluminense (PUCG);

E-mail: fairuzeavila@id.uff.br

** Psicanalista; Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense (PUCG); Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Sujeito Contemporâneo (Nepesc/UFF); Editor da Revista Ecos - Estudos Contemporâneos da Subjetividade; Autor do livro O Supereu Canibal;

E-mail: rrquintella@id.uff.br

*** Graduanda em Psicologia; Universidade Federal Fluminense (PUCG);

E-mail: medeirosmariana@id.uff.br

O objeto em causa na teoria lacaniana da sublimação

O conceito de objeto na teoria psicanalítica & O lugar da Psicanálise na América Latina

Marcia Soares da Silveira Werneck*

O conceito de objeto e o lugar que ele ocupa na constituição subjetiva do ser falante, são aspectos fundamentais na teoria lacaniana. Diana Rabinovich, em seu artigo “O Psicanalista entre o Mestre e o Pedagogo” nos adverte que se encontramos em Freud a ênfase no objeto como perdido na estruturação do desejo inconsciente, em Lacan, constatamos que a problemática do objeto em psicanálise está na falta do objeto. Desse modo, tanto na estruturação do desejo como na esfera pulsional, o objeto é introduzido, não como o objeto que satisfará plenamente, pois esse objeto não há, mas, o que entra nessa operação é a falta de objeto. Desse modo, quando Lacan (1960), em seu seminário sobre a ética, teoriza sobre a sublimação, reconhece nesse destino pulsional um funcionamento que evidencia essa falta de objeto. Tal como Freud, o psicanalista francês situa a sublimação como uma forma particular de satisfação pulsional, em que não há incidência do recalque sobre determinada moção pulsional, sendo esta desviada de seu alvo e objeto sexuais. Ao implicar *das Ding* no conceito de sublimação, Lacan radicaliza o conceito desse destino pulsional ressaltando, que esse destino se dirige ao que está para além do objeto, esclarecendo, portanto, que diferente do que acontece na economia de outros destinos pulsionais, o circuito da pulsão se dará, não em torno de um objeto libidinalmente investido, mas sim, em torno do vazio. Assim, o autor destaca que a sublimação é a vicissitude pulsional que, de forma precisa, revela a natureza própria da pulsão, por revelar a Coisa para além do objeto, evidenciando o impossível de haver um objeto que satisfaça por completo a pulsão. Nesse trabalho, vamos partir destas premissas em conjugação com o axioma lacaniano sobre a sublimação: "A sublimação eleva um objeto à dignidade da Coisa", formulado pelo autor, em seu seminário sobre a ética da psicanálise (1959-1960). Dessa forma, tentaremos precisar que dimensão do objeto é dada por Lacan, ao situá-lo em relação a *das Ding*, que particulariza essa dimensão pulsional. Para isso, considera-se que em todas as formas criadas pelo homem, que procedem do registro da sublimação, o vazio é decisivo.

Palavras-chave: sublimação; objeto; *das Ding*; pulsão.

REFERÊNCIAS

LACAN, Jacques – O Seminário, livro 4: a relação de objeto, 1956-1957. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise, 1959-60. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

RABINOVICH, Diana. O Psicanalista entre o Mestre e o Pedagogo. Em: Cadernos de psicologia, Belo Horizonte:UFMG, Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, v.11, n.1. Dezembro de 2001

* Mestre e Doutoranda em Psicanálise, UERJ
E-mail: marciawerneck@ymail.com

O Deus-protético e o novo sujeito

O conceito de objeto na teoria psicanalítica & Tecnologias, identidades e massas

Victória Kniest*

Marcos Vinicius Brunhari**

Este trabalho tem como objetivo discutir, a partir do filme *Metropolis* (1927) de Fritz Lang, algumas considerações sobre os ideais modernos e contemporâneos, a partir de duas vertentes: o que Freud dispôs, em *Mal-estar da civilização* (1930/2020), sobre o Deus-protético; e o que Lacan propôs com o Discurso do Capitalista em 1972. É a partir da tensão ou fagocitose de um ideal por outro que podemos abordar questões referentes aos discursos (LACAN, 1969-1970/1991), no que toca a questão da tecnicização da ciência, no casamento com o neoliberalismo. Ou seja, o Discurso do Capitalista não é sem o discurso da ciência, pois o saber aí engendrado passa a ser consumido e reivindicado como ilimitado (BRUNHARI & DARRIBA, 2018). As contradições e acoplamentos entre os ideais colocam em cena a tecnologia como parte do que define a cultura, sendo um domínio que se articula com o aperfeiçoamento da imagem do ser humano. Essas representações de onipresença e onisciência aproximam-se da imagem de um Deus-protético, com suas extensões tecnológicas, que não garante felicidade, nem completude (FREUD, 1930/2020). É nesse ponto que sustentamos a proposta de um encontro entre as vertentes que destacamos, ao indicar a função do objeto a no Discurso do Capitalista. É na estrutura da linguagem que o discurso se funda, colocando em questão as relações sociais que incluem, necessariamente, o impossível de cada discurso (RABINOVICH, 2001). Entretanto, o Discurso do Capitalista impõe uma particularidade pelo ilimitado de seu curto-circuito que permite o acesso do lugar do agente ao lugar do Outro. A impossibilidade que não está incluída em sua lógica garante o objeto a, como mais-de-gozar, na relação direta com o sujeito barrado (LACAN, 1972). No filme de Lang a figura do autômato se destaca, assim como na obra de Freud, onde podemos encontrar em *O infamiliar* (1919/2019), ao analisar um conto de E.T.A. Hoffman (1815/2019) e também em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/2020), ao escrever sobre a perda de autonomia da massa diante da imagem do líder. O autômato, que na obra freudiana aparece como suporte da identificação, nos permite questionar a relação direta do agente e do Outro, na possibilidade do sujeito se apresentar como mercadoria (ALEMAN, 2009).

Palavras-chave: Psicanálise; Capitalismo; Objeto a; tecnologia.

REFERÊNCIAS

- ALEMAN, J. *Para uma izquierda lacaniana*. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2009. BRUNHARI, M. V; DARRIBA, V. A. O discurso do capitalismo e os efeitos de segregação: uma prática. *Psicol. Estud.*, v. 23, n. 1, 2018.
- FREUD, S. [1919] O infamiliar. In: FREUD, S. [1856 - 1939] *O infamiliar e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- _____. [1930] O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. [1856 - 1939] *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- _____. [1921] Psicologia das massas e análise do Eu. In: FREUD, S. [1856 - 1939] *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

HOFFMAN, E. T. A. [1815] O homem da areia. In: FREUD, S. [1856 - 1939] *O infamiliar e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LACAN, J. [1972] Discours de Jacques Lacan à la Univerité de Milan le 12 mai 1972. In: *Lacan in Italia*. Milão: Salamandra, 1953 – 1978, p. 32 - 55.

_____. [1969-1970] *O Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

RABINOVICH, D. S. O psicanalista entre o mestre e o pedagogo. *Cadernos de psicologia*, v. 11, n. 1, 2001.

* Psicóloga; Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicanálise UERJ;

E-mail: vkniest@gmail.com

** Professor Adjunto do Instituto de Psicologia da UERJ;

Professor do Programa de Pós-graduação em Psicanálise UERJ;

E-mail: mvbrunhari@gmail.com

O desejo do analista, o ato psicanalítico e o discurso do analista

O desejo do psicanalista & Laço social e gozo: impasses da atualidade na clínica

*Estanislau Alves da Silva Filho**

Não é difícil notar a conexão do desejo do analista com o ato psicanalítico e com o discurso do analista. Menos nítido pode ser o entendimento de que essas três concepções se encontram numa mesma imediata esteira, para não arriscar mesmo dizer que se tratam da mesma coisa. O tratamento conceitual e escancionado da obra de Lacan facilmente pode ofertar mais obscurecimento que o clareamento almejado, mas é ponto pacífico e sensível que o autor tentava ao longo dos anos de seu trabalho tratar de mesmos pontos a partir de perspectivas distintas, algo que não surpreendentemente acarretava consequências específicas para cada angulação. Afinal, ficamos sempre hipotecados pelo tipo de porta de entrada que oferecemos para abordagem de um problema. Sem esquecermos de que a realidade responde na língua em que é perguntada - é mesmo o caso de se cuidar bem da formulação príncipes de uma questão. O que há de comum entre o desejo do analista, o ato psicanalítico e o discurso do analista? Se tratam de uma e mesma coisa? Não seriam a mera evolução (em sentido de transformação, mas, quiçá, de progresso) de uma nomeação? O ato psicanalítico viria para cobrir o que o desejo do analista não cobriu, tal qual o discurso do analista daria conta do que o ato psicanalítico não conseguiu interpelar? 1964: “é o desejo do analista que, em última instância, opera na psicanálise”. 1970: “o rechaço, posto que é exatamente o lugar ao qual o analista está destinado no ato psicanalítico”. 1971: “o princípio do discurso do analista, ou seja, aquele que se privilegia por um certo saber que esclarece a articulação da verdade com o saber”. É possível mesmo pegar uma boa quantidade de citações e pareá-las, conectando-as e concatenando-as de modo a sacar as nuances da 'função' psicanalítica e seu bojo. Mais ainda, seria de importância proceder com a sacação de que discurso é laço, na clínica e não só, já que social. Desejo do analista é discurso analítico, é o laço e o que opera - fazendo-se operar - analiticamente, precisamente por se dar, como ato, estruturalmente falho, incompleto e portador da falta.

Palavras-chave: Psicanálise; Discurso do analista; Desejo do Analista; Ato Psicanalítico.

REFERÊNCIAS

DIAS, Mauro Mendes. O discurso da estupidez. São Paulo: Iluminuras, 2020.

LACAN, Jacques. O seminário: o ato psicanalítico (1967-1968). Livro 15. (s.d., versão anônima).

LACAN, Jacques. Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, Jacques. Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MAGNO, M. D. Psicanálise & política. Rio de Janeiro: aoutra, 1986.

MILLER, Jacques-Alain. Uma fantasia. *Opção Lacaniana*, n. 42, p. 7-18., 2005.

SOLER, Colette. *O que faz laço?* São Paulo: Escuta, 2016.

* Psicanalista e tradutor em psicanálise;
Mestre em Psicologia Clínica pela USP;
Membro do Laboratório Psicanálise, Sociedade e Política da USP
E-mail: stani-asf@hotmail.com

A psicanálise e o discurso do analista na universidade

O desejo do psicanalista & Sociedade, política e instituições

José Mauricio Bigati*

O artigo “Sobre o ensino da psicanálise nas universidades” (FREUD; 1919 [1918]) é o principal texto freudiano sobre as possibilidades de trabalho psicanalítico nas universidades. A formação do psicanalista é destacada por Freud da formação universitária, pois é de responsabilidade das instituições de psicanálise e implica fundamentalmente a análise do candidato. A presença da psicanálise na universidade inicialmente interroga a incorporação do saber psicanalítico na estrutura de ensino regular comum às universidades, e Freud se preocupou com os destinos da psicanálise nas mãos do raciocínio científico representado pelos médicos que ignoram o inconsciente. Em “A ciência e a verdade” (LACAN; 1966/1998), Lacan retoma o cogito cartesiano como o momento inaugural da ciência, quando o sujeito é definido pelo significante que produz. A psicanálise reconhece o sujeito como efeito do significante, não o reduzindo a ele; e partindo do que Descartes enunciou, tomou o significante de sua importância, mas não sem admitir que o sujeito só seja representado parcialmente por ele, pois existe outra parte que fica fora de significação, fora do registro simbólico e pertencente ao campo do real. A presença e contribuição da psicanálise no meio acadêmico têm sua história e permanece pungente, enquanto sua transmissão na universidade permanece uma questão, um desafio. Considerando que não há para o sujeito nenhuma realidade fora do discurso, às proposições de Lacan em “O Seminário, livro 17”, (LACAN; 1969-70/1992), quando articula os discursos do mestre, do universitário, da histórica e do analista, são importantes instrumentos do psicanalista na universidade, que é um ponto de intersecção da sociedade e espaço privilegiado onde circulam manifestações subjetivas contemporâneas.

Palavras-chave: Psicanálise; Universidade; Ciência; Discurso.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, A. (2005). Psicanálise e políticas públicas de pós-graduação. In: ALTOÉ, S. e CALDAS, H. (org.) Psicanálise, Universidade e Sociedade. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- DARRIBA, V. e PINHEIRO, N. (2011). *Psicanálise na clínica da universidade: questão ética*. In: ALTOÉ, S. e CALDAS, H. (org.) Psicanálise, Universidade e Sociedade. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- FIGUEIREDO, A. (2011). *O psicanalista na experiência universitária*. In: ALTOÉ, S. e CALDAS, H. (orgs.) Psicanálise, Universidade e Sociedade. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- FREUD, S. (1976). *Sobre o ensino da psicanálise nas universidades*. (1919 [1918]). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1976). *A questão da análise leiga*. (1926). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago.
- JORGE, M. A. C. (2002). *Discursos e Liame Social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos*. In: RINALDI, D e JORGE, M. A.C. (orgs.) **Saber**, Verdade e Gozo: leituras de O Seminário, livro 17 de Jaques Lacan. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- LACAN, J. (1966). *A ciência e a verdade*. (1966). In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____ (1968-1969). O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____ (1969-1970). O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

*Mestre em Pesquisa e Clínica Psicanalítica; UERJ;
E-mail: mauriciobigati@hotmail.com

Inibição, desejo e ato em Hamlet: algumas questões éticas

A angústia e o desejo do Outro & Sexualidades e sexuação

Odimar Araújo Feitosa Filho

Considerando o valor da tragédia em por em cena a esquizo humana entre o gozo e o desejo, e o valor da ficção em nos fornecer um testemunho do inconsciente, o trabalho tem como objetivo discutir a ética do desejo por meio do clássico do teatro de Shakespeare - A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca. Essa peça foi discutida por Lacan (1958-1959/2016; 1962-1963/2005) em sete lições do seminário O desejo e sua interpretação e no seminário A angústia. Neste trabalho partiremos do problema que intrigou diversas gerações de comentadores, a saber, a questão do ato – Por que Hamlet não age? O que o impede? Tais interrogações foram retomadas por Lacan que conferiu respostas inéditas ao problema do desejo do herói. Na direção do ensino de Lacan, Rabinovich (2009, p. 37) também formulou importantes questões a respeito desta peça, dentre as quais destacamos “o que significa que um sujeito esteja situado, como desejante, na posição de objeto?” Para respondê-la o percurso deste trabalho nos conduzirá da inibição à estrutura da fantasia e ao ato, tendo em vista que Lacan (1958-1959/2016, p. 266) afirmou que “a fantasia é para nós o eixo, a alma, o centro, a pedra de toque do desejo.” Abordaremos a diferença entre duas cenas da peça em que é possível perceber uma vacilação na estrutura imaginária do Eu do personagem, para discutir porque na primeira Hamlet está impedido de agir quando tem a chance, e o que acontece a partir da segunda cena, que permitirá uma abertura para o ato. Essas discussões diferenciam a identificação imaginária e a identificação com o objeto a, causa do desejo, e como se relacionam à dimensão do ato. Articularemos, ainda, a problemática com a relação de separação, que finalmente permite ao herói se precipitar em ato, de onde surge como sujeito no desejo.

Palavras-chave: Desejo; sintoma; ética; ato.

REFERÊNCIAS

LACAN, Jacques. O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação. (1958-1959). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

_____. O seminário, livro 10: a angústia. (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. A lógica do fantasma. (1966-1967). [Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife], Recife, 2008.

RABINOVICH, Diana. La angustia y el deseo del Otro. 5. ed. Buenos Aires: Manantial, 2009.

“Quem ouve vozes é maluca? ”: o sintoma histérico no laço social

Modos lógicos do amor de transferência & Laço social e gozo: impasses da atualidade na clínica

Mylene Castro da Silva*

Adriana Dias de Assumpção Bastos**

O presente trabalho pretende levantar uma discussão sobre a forma como o sintoma histérico se apresenta no laço social hoje, quais as interpretações dadas por diferentes discursos à sintomatologia histérica e quais as consequências em termos de ganho secundário, o faremos a partir de um fragmento clínico de uma paciente a quem nomeamos como Isabela. Esse caso nos aponta para as diferentes modalidades de transferência possíveis de serem estabelecidas a partir de diferentes laços com profissionais e instituições. Isabela foi encaminhada ao serviço de psiquiatria do HUPE pela saúde da família seis meses após um “surto”. A história que chegou através do encaminhamento dizia que ela havia abandonado o trabalho num momento de surto, e o diagnóstico adscrito era de esquizofrenia. Nas entrevistas, a história foi tomando outra tonalidade. Isabela, na verdade, sentiu-se mal no trabalho, e foi dito a ela que deveria ir a um posto de saúde. O atendimento semanal oferecido pela residente de psiquiatria foi permitindo que Isabela pudesse ir ressignificando a sua história. Associou esse “surto” ao nascimento do filho mais novo – ao fato de não ter querido esse filho –, o que a remeteu à relação dela com o pai da criança. Aos poucos a determinação sexual do seu sintoma, bem como o desejo de punição foram se desvelando na sua fala. Ela “ouvia vozes” e “via coisas”, o que a fez se questionar se era maluca. A pergunta feita pela médica a colocou a trabalhar: “Quem ouve vozes é maluca?”. Logo de início ela questionou a medicação, dizia não adiantar nada, mas ia ao tratamento mesmo assim, para falar com a médica. Sendo essa médica referenciada pelo discurso da psicanálise, pode reinterpretar os sintomas com o qual Isabela chegou, tirando-a da categoria de esquizofrenia. Entretanto, a necessidade de um laudo para o INSS, com intuito de obter um benefício, interveio mudando os rumos do seu tratamento.

Palavras-chave: Diagnóstico diferencial; Transferência; Psicanálise; Psiquiatria.

REFERÊNCIAS

- BREUER, J.; FREUD, S. (1893-95). Estudios sobre la histeria. II. Historiales clínicos. 1. Señorita Anna O. (Breuer). In: *Obras completas*, volumen II. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2005.
- FREUD, S. (1915). Lo inconsciente. *Obras completas*, volumen XIV. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2005.
- _____. (1916-17). 17a conferência. El sentido de los síntomas. *Obras completas*, volumen XVI. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2005a.
- _____. (1916-17). 23a Conferencia. Los caminos de la formación de síntoma. *Obras completas*, volumen XVI. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2005b.
- _____. (1920). Más allá del principio de placer. *Obras completas*, volumen XVIII. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2006.
- LACAN, J. (1962-63). *O Seminário, Livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. (1969-70). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. (1972-73). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

MALEVAL, J.C. *Locuras histéricas y psicosis dissociativas*. Buenos Aires: Paidós, 2012.

RABINOVICH, D.S. *Clínica da pulsão – as impulsões*. Editor: José Nasar – Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

_____. *Modos lógicos del amor de transferencia*. 1ª edición digital - Buenos Aires: Manantial, Edição do Kindle, 2015.

ROCHA MIRANDA, E. R. *Desarrazoadas: devastação e êxtase*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2017.

TENÓRIO, F.; COSTA-MOURA, F.; LO BIANCO, A.C. Tradição clínica da psiquiatria, psicanálise e práticas atuais em saúde mental. *Revista de Psicologia da USP*, vol.28, no 2, 2017, pp. 206-13.

* Residente de psiquiatria. UDA de Psiquiatria HUPE/UERJ.

E-mail: mylenecastro@hotmail.com

** Doutora em psicanálise pela UERJ. UDA de psiquiatria HUPE/UERJ.

E-mail: adrianadab@gmail.com

“Você não está me escutando!” -

O manejo da transferência amorosa em um caso de paciente bipolar.

Modos lógicos do amor de transferência; (Novas) Interfaces entre psicanálise e saúde

Paula Marques Duffrayer

Barbara Manfroni Amaral de Souza

O presente trabalho parte do fragmento clínico de um paciente atendido pela pós-graduanda médica na UDA de Psiquiatria, o caso de L., para interrogar a questão do manejo da transferência na psicose e a possibilidade de intervenção de uma supervisão clínica, orientada pela psicanálise, na construção do dito manejo em um atendimento médico. L., 24 anos, com histórico de internação e de difícil vinculação ao tratamento ambulatorial, apresenta-se, desde o início do acompanhamento com a pós-graduanda, com adesão inédita às consultas, ao mesmo tempo em que endereça, de forma maciça, interpelações pessoais e algo erotizadas a ela. A partir do acolhimento desse endereçamento, com toda a exigência de trabalho que colocou para ela, a médica pôde dar início a um vínculo terapêutico que manteve o paciente estável por alguns meses. A partir das discussões na supervisão clínica, orientada pela psicanálise, ela pôde ir se encontrando com a gravidade do quadro, e da psicose, encontrando balizas para o seu manejo do caso. Como trabalha Rabinovich em relação à posição de Sócrates, que, ao não responder ao amor, possibilita a Alcebiades sair da posição de amado, éromenos, para a de amante, erastés. Ao negar-lhe um signo de amor, Sócrates reintroduz a falta no campo, e é o que permite a Lacan dizer que ele se coloca ali no lugar de analista. Será que podemos dizer que, por seu trabalho árduo em supervisão em relação a esse caso, a médica pôde entrar na posição de éromenos, ao <não dar na medida em que não sabe o que é que tem? > (2007, p. 134). Ao trabalhar sua posição e resistência na transferência, que a faziam recuar a cada vez em que era confrontada com ser colocada num lugar de amante, a médica pôde se recolocar e operar de uma posição terceira? Diante da agudização do quadro, em que o paciente passa a se endereçar de forma ainda mais intensa à médica, reiterando a frase, “Você não está me escutando”, ela pode repensar seu lugar na condução do caso. Ao trazer as falas do paciente em supervisão, a médica pode se ouvir e ressignificar as falas do paciente dirigidas a ela, podendo remetê-lo à responsabilização pelo seu tratamento, fora do campo da relação dual, o que implica um apaziguamento do paciente e o manejo da crise, sem precisar recorrer à internação. A médica parte de uma pergunta, <Até que ponto o paciente realmente está sendo tratado tendo em vista tamanha transferência amorosa?>, podendo chegar, ao final do texto, a afirmar alguns pontos de avanço do trabalho do paciente no tratamento.

Palavras-chave: psicanálise; psicose; transferência amorosa; manejo.

REFERÊNCIAS

RABINOVICH, D., *Modos logicos del amor de transferencia*. Manantial: Buenos Aires, 2007.

Camélia: a dama dos espíritos

A angústia e o desejo do Outro Sexualidades e Sexuação

Thaíssa de Carvalho Silva Herszenhaut

Adriana Dias de Assumpção Bastos

A angústia, nos diz Freud, deve ser primeira em relação à formação sintomática, “é como se os sintomas fossem criados para evitar a eclosão do estado de angústia” (1932, p. 78). A taquilalia é marcante enquanto fenomenologia no caso de Camélia. Sua fala ininterrupta, tornava muito difícil a abordagem médica. No início do tratamento, seu pensamento era desorganizado e repleto de ideias delirantes. Toda vez que se tentava alguma intervenção em sua fala, ou ela continuava como se não estivesse ouvindo, ou ficava muito angustiada por não ter terminado o que tinha de falar. Essa fenomenologia psicótica nos parece, tal como o sintoma na neurose, uma tentativa de evitar uma eclosão da angústia. Quando o caso foi passado à residente de psiquiatria, Camélia já era atendida na UDA de Psiquiatria há mais de dez anos, seu tratamento, entretanto, não era muito eficaz pois Camélia não tomava a medicação prescrita, e não lhe fora oferecido outra terapêutica que não fosse a medicamentosa. Ela não tolerava a medicação proposta, referindo sempre efeitos negativos associados a elas, o que de acordo com a avaliação médica, não era condizente com os efeitos colaterais próprios às respectivas medicações. O primeiro surto e respectiva internação aconteceu quando Camélia era adolescente, na época fez um delírio de erotomania com um cantor de pagode. Relata que objetos e pessoas se comunicam com ela, eles leem seus pensamentos. Camélia escuta diversas vozes, em sua grande maioria são como companheiras que estabelecem conversas, inclusive, algumas que lhe trazem prazer. Em seu delírio místico, a noite transa com os espíritos: “eles entram em todos os buracos do meu corpo”. Por vezes diz transar e ter orgasmos com uma voz específica, que se assemelha a voz de seu vizinho. O exercício de sua sexualidade, mesmo que invadida pelo gozo do Outro, por um lado lhe produz uma certa volúpia, um gozo em seu corpo; por outro lado, lhe gera culpa. Ela é evangélica e o sexo é pecado, condenado por sua igreja. Nesse trabalho pretendemos discutir a direção do tratamento e seus efeitos a partir de sua condução pela residente e posteriormente, devido as discussões durante a supervisão, o início do atendimento pela psicanalista. Esses efeitos se deram tanto no sentido de apaziguar a angústia possibilitando a Camélia tolerar a interrupção em sua fala e mesmo a possibilidade de ouvir o que o outro está falando; quanto em relação ao seu delírio místico, o que nos remete à especificidade da sexualidade nas psicoses.

Palavras-chave: psicanálise; psiquiatria; angústia; sexualidade; delírio.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1932). 32oconferencia. Angustia y vida pulsional. *Obras completas*, volumen XIX. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2006.

A contribuição de Diana Rabinovich para a questão sobre o Corpo e o Ego que corrige de James Joyce

A teoria do Eu na obra de Jacques Lacan e Laço social e gozo: impasses da atualidade na clínica

Richard H. O. Couto*

O presente trabalho visa examinar uma questão que concerne ao que Lacan formulou sobre o escritor James Joyce em *O Seminário, livro 23: O Sinthoma* (1975-1976). Lacan lança algumas questões sobre o corpo, entre elas, podemos citar o evento descrito em *Um retrato do artista quando jovem* (1916): após levar uma surra dos seus colegas, Joyce experimenta seu corpo se descascar dele próprio, Lacan diz “alguma coisa que se destaca como uma casca” (Lacan, 1975-1976/2007, p. 146). Há a suspeita de que Joyce não se afeta com o referido evento, pois Lacan nos indica que “há algo que se afeta, que reage, que não é destacado” (Idem, p. 146), porém em Joyce não ocorre, se há corpo, algo se afeta. Outro ponto diz respeito a Joyce poder ser um sem corpo quando Lacan aponta que há um lapso do nó, fazendo que com o imaginário de Joyce não esteja amarrado ao simbólico e ao real de forma borromeana, a solução encontrada por James Joyce é a constituição de um Ego: “eis exatamente o que se passa, e onde encarno o ego corrigindo a relação faltante, ou seja, o que, no caso de Joyce, não enoda borromeamente o imaginário ao que faz cadeia com o real e o inconsciente” (Idem, p. 148). Diana Rabinovich, nos trabalhos “Suplencias del Nombre del Padre” (1993) “El Síntoma y el hacerse un nombre em Joyce” (1993), traz algumas contribuições que permitem cingir melhor a questão do corpo, bem como a questão do Ego em Joyce, entre as que temos o objetivo de fazer avançar é a razão de Lacan falar da solução do Ego em Joyce e não do *moi*, bem como a diferença entre Joyce e Schreber. Com as duas vias indicadas por Diana Rabinovich, tentaremos lançar a hipótese que o Ego que corrige construído por Joyce, somente é consolidado pela escrita de *Finnegans Wake* (1939).

Palavras-chave: Corpo; Ego; Sinthoma; James Joyce.

REFERÊNCIAS

LACAN, J. **O Seminário, livro 23, O Sinthoma** (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

JOYCE, J. *Ulisses* (1922). São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012. JOYCE, J. *Finnegans Wake* (1939). Hertfordshire: Wordsworth, 2012.

RABINOVICH, D. S. El Síntoma y el hacerse un nombre em Joyce. In: RABINOVICH, D. S. **La Angustia y El Deseo del Otro**. Buenos Aires: Manantial, 1993.

RABINOVICH, D. S. Suplencias del nombre del padre. In: RABINOVICH, D. S. **La Angustia y El Deseo del Otro**. Buenos Aires: Manantial, 1993.

*Psicanalista, membro de Formações Clínicas do Campo Lacaniano – Rio de Janeiro, Doutor e Mestre em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Pós-doutorando do Programa Psicanálise Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida, Professor do Curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá.

“O lixo vai falar e numa boa”: racismo, discurso e subversões

O desejo do analista & Segregação, Racismo e Estudo decoloniais

Geisa Karla Oliveira de Assis*

Ao retomarmos a discussão que a Decolonização coloca à civilização, uma importante pergunta retorna à psicanálise e aos psicanalistas: “O que é um analista?”. Pergunta que cabe fazer já que as transmissões negra, indígena e quilombola, descortinam um outro Brasil diferente daquele que se propõe enquanto cultura, sociedade e Estado no mainstream. Essas transmissões revelam que o Brasil é uma Améfrica, Pindorama, não um paraíso racial onde, no final das contas, exija-se ser europeu e branco. Essa exigência deixa sua marca no inconsciente desde a sua fundação nos sujeitos brasileiros. Se o inconsciente é estruturado como uma linguagem e o racismo no Brasil é um fato de língua, discurso e gozo nos perguntamos: qual a lógica do racismo no inconsciente e, seguindo Lacan até o fim de seu ensino, no falasser? O analista visa o um sozinho, há Um, não para que ele se isole em seu gozo, mas para que possa se enlançar de novo por uma outra via, dessegregativa, antirracista. Porém, ouvir um a um não produz mudanças na estrutura racista. O que pode, então, o analista? E a Psicanálise? Eric Laurent (1999) faz uma crítica à posição de intelectual crítico que o analista pode tomar ao torna-se um especialista da desidentificação e propõe uma nova postura: o analista cidadão. Um dos pontos cruciais dessa posição e que a fundamenta é o fato dele ser um analista sensível às formas de segregação. Isso significa que o psicanalista encarna e, por isso, presentifica o resto a ser segregado, nas análises e na Cidade. A presença do analista não é qualquer uma, mas sim uma presença que dá lugar a uma ausência, a este X inominável, que é estrutural. Parece, portanto, irremediável ouvirmos as transmissões Outra dos povos originários que sustentam e constituem o chão e o suor do Brasil. A relação moebiana entre universal, particular e singular é imprescindível para não incorrerem em racismos, o que para brancos se coloca na rubrica do impossível, levando-os a se perguntarem o que é possível diante da impossibilidade de não ser racista, se a tomamos, como aponta com precisão Andrea Guerra, da seguinte maneira: o universal da violência do racismo, o particular da resposta dos povos e o singular da resposta de cada um.

Palavras-chave: Racismo; psicanálise; decolonização.

REFERÊNCIAS

ASKOFARÉ, Sidi. Aspectos da segregação. *A peste*, São Paulo, v. 1, n. 2, jul./dez. 2009, p. 345-354.

CALDAS, Heloisa. Segregação, violência e errância. In: *Errâncias, adolescências e outras estações*. Caldas, H; Bemfica, A; Boechat, C. (Org.). Belo Horizonte: Editora EBP, 2016, p.125-135.

FRIDMAN, Pablo. La segregación y sus destinos. In: *Indagaciones psicoanalíticas sobre la segregación*. Org: Delgado, O. Fridman, P; 1aed. - Olivos: Grama Ediciones, 2017. GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

LAURENT, ERIC. O analista cidadão. *Revista Curinga Online*, n. 13 - Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Minas, setembro/ 1999, pgs 7-13.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MILLER, Jacques-Alain. *Racismo e extimidade*. Disponível em:
<<http://revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/accordion-a-2/o-entredois-ou-o-espaco-do-sujeito>>. Acesso em: 26/12/2020, p.1-10.

*Mestre em psicanálise pelo PGPSA-UERJ.
E-mail: geisakassis@yahoo.com.br

A política que acontece no corpo

O desejo do psicanalista & Segregação, Racismo e Estudos Decoloniais

Maria Ormy Moraes Madeira*

Neste artigo pretendemos apresentar articulações entre significante corpo, política, feminino, racismo e segregação. Temos como objetivo articular a condição do desamparo em que o animal humano nasce, sua anatomia faltosa, sua subserviência ao Outro e as consequências disso para uma política que, com seus gozos, não promove autonomia, mas ao contrário, promove formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte. É exatamente essa a forma mais geral que se pode dar à segregação moderna tal como a verificamos. É o ódio da maneira particular segundo a qual o Outro goza. Dentro desse cenário, interrogamos: a anatomia é origem ou destino? Essa pergunta nos leva à argumentação de Freud sobre o tema e à equivalência dos três registros Real, Simbólico e Imaginário em Lacan. Além disso, nos fundamentamos na visão foucautiana sobre o biopoder, na política de raça relacionada à política de morte de Hannah Arendt e na Necropolítica de Achille Mbembe, entre outros.

Palavras-chave: Corpo; Política; Segregação; Racismo.

REFERÊNCIAS

ARENDR, H. (1951). *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

CALDAS, H.; LAIA, S. “Violência e agressividade. Diferenças a partir da linguagem e do inominável da feminilidade.” *Revista Estudos e pesquisas em Psicologia*, v.16, n. 3. Rio de Janeiro: IP/UERJ, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/32955>

DICKER, S.; BADARI, P.; CALDAS, H. “Entre as paixões do Outro e do falasser”. *Opção Lacaniana online*, n. 21, nov. 2016. Disponível em: <http://opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero21/texto4.html>

DUFOUR, D-R. *A existência de Deus comprovada por um filósofo ateu*. Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

* Doutoranda do PGPSA-UERJ; Mestra em Psicanálise PGPSA-UERJ;
E-mail: mariaormy@gmail.com

Ódio e ética na Psicanálise

A angústia e o desejo do Outro & Laço social e gozo: impasses da atualidade na clínica

Marília Verdussen*

Marcos Eichler de Almeida Silva**

Neste trabalho são delineadas algumas considerações sobre a ética da psicanálise. Inicia-se com *O Mal Estar na Cultura* e a contraposição apresentada por Freud entre o Eu-de-prazer e o que de si é remetido para “fora”, por ser estranho, e considerado alheio e ameaçador. A posição que advém daí é que só é possível amar o que é meu semelhante, cabendo ao estranho o ódio e as tendências agressivas. Como o desconhecido também possui tendências agressivas, o sujeito se depara com o enigma do gozo do Outro que, ao lhe concernir, implica o que é totalmente diferente de seu bem, isto é, implica seu *mal*. A inclinação à agressão perturba a relação com o próximo em sociedade e por isso há, por outro lado, estímulos à identificação e às ligações amorosas. Ambas reforçam um círculo social mais restrito, possibilitando à pulsão encontrar sua meta na hostilização dos que não pertencem ao grupo de identificação. A insistência da hostilização ao próximo, apesar do avanço da cultura em nome de Eros, é um fenômeno social e político. A psicanálise apresenta uma leitura de que o ódio ao diferente decorre de algo da ordem do real, *Das Ding*, que acossa cada um em seu mais íntimo, por decorrer desse seu mais íntimo e se tornar êxtimo: aquilo que era desprazeroso e estranho, inominável, remetido para “fora” e localizado no próximo. O sujeito pode trabalhar em torno desse Outro estranho, alteridade radical, para circunscrevê-lo conforme as leis do significante. A tentativa de significar esse Outro, contornando este Outro, nomeando-o sem o eliminar, orienta todo encaminhamento do sujeito. Esse é o encaminhamento com referência no mundo dos desejos.

Palavras-chave: psicanálise; ética; extimidade; desejo.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. (1930). O mal-estar na Cultura. In.: FREUD, F.. *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- JULIEN, P. *O estranho gozo do próximo: ética e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1996.
- LACAN, J. (1959-1960). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- RINALDI, D. *Ética da Diferença*. Rio de Janeiro: edUERJ: Jorge Zahar Ed., 1996.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro;

E-mail: mariliaverdussen@gmail.com

** Professor adjunto do departamento de Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro;

E-mail: marcoseichler@gmail.com

As marcas significantes e o desejo do Outro: considerações sobre a prática da psicanálise com crianças com síndrome de Down

A angústia e o desejo do Outro & Psicanálise em tempos de pandemia

Andressa Diniz*

Sonia Alberti**

A síndrome de Down (SD) é uma condição genética descrita pela medicina como tendo características morfológicas próprias, dentre as quais: fissura palpebral oblíqua, nariz plano, baixa estatura, um dito déficit intelectual e atraso no desenvolvimento neuropsicomotor. Seu nome foi atribuído em homenagem ao médico John Langdon Down por conta de seu pioneirismo na descrição da síndrome (BRASIL, 2013). A partir da experiência no ambulatório de pediatria específico de SD do HUPE/UERJ deparamo-nos com uma questão: muitas crianças que chegam ao atendimento se deparam com a dificuldade de serem tomadas como sujeito, cristalizadas como estão no lugar de objeto do Outro. Para a Psicanálise, não há criança ou adulto, mas sim o sujeito do inconsciente em toda a sua dimensão desejante, independente de apresentar ou não alguma síndrome. No lastro legado por Rabinovich (1993), em que sintetiza a concepção lacaniana de desejo, como o desejo do Outro, uma pergunta então se formula: o significante “Down” que, além de representar a referida homenagem, comporta também o significado na língua portuguesa de “embaixo”, “abaixo”, o que pode denotar uma significação pejorativa. Lançando mão da concepção de Lacan acerca da angústia como a “manifestação específica do desejo do Outro” (LACAN, 2005, p. 169), o objetivo deste trabalho é discutir possíveis efeitos da marca deste significante do campo do Outro, que às vezes pode objetualizá-lo mais do que promover o advento do sujeito. Tal discussão se ancorará no que podemos verificar em nossa clínica, articulando tanto as marcas fenotípicas expressas na face daqueles que possuem o diagnóstico de SD, quanto a do significante “Down”. Na tentativa de responder a nossa questão, não deixaremos de revisitar as contribuições de Lacan (2003), em que são abordadas as especificidades do que se sintomatiza da criança – seja como representante da verdade do casal parental, seja em identificação à fantasia materna –, e a importância das funções materna e paterna na constituição do sujeito. Recorreremos ainda à concepção de Lacan de sujeito que advém a partir do campo do Outro – lugar em que situa a cadeia significante –, isto é, o advento do sujeito dependente do significante que, primeiramente, encontra-se no campo do Outro (LACAN, 2008).

Palavras-chave: Psicanálise; síndrome de Down; instituições; clínica com crianças.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. *Diretrizes de atenção à pessoa com síndrome de Down*. Brasília: 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_pessoa_sindrome_down.pdf acesso em: 26 jul. 2021.
- LACAN, Jaques. Nota sobre a criança. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. LACAN, Jaques. *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LACAN, Jaques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- RABINOVICH, Diana. *La angustia y el deseo del otro*. Buenos Aires: Manantial, 1993.

* Psicanalista. Participante de Formações Clínicas do Campo Lacaniano. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise (IP/UERJ). Especialista em Psicologia Clínica Institucional (HUPE/UERJ);
E-mail: andressapdiniz@gmail.com

** Psicanalista. Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Professora Titular no Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Preceptora do Ambulatório de Pediatria da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) do Curso de Especialização em Psicologia Clínica Institucional – Modalidade Residência Hospitalar (IP/UERJ). Procientista da UERJ e Pesquisadora do CNPq.

Os enigmas da sexualidade e o desejo do Outro: manifestações clínicas a partir da prática institucional

A angústia e o desejo do Outro & (Novas) Interfaces entre Psicanálise e Saúde

Débora Ramos*

Priscila Mählmann**

Luciana Marques***

Diana Rabinovich, ao retomar a questão do desejo como desejo do Outro, pressuposto central na teoria psicanalítica, esclarece que há uma diferença fundamental entre o desejo do outro – como semelhante –, e o desejo do Outro – como Outro simbólico. Além dessa diferença, a autora enfatiza a distinção entre a demanda do Outro – referenciada ao amor e ao ideal –, e o desejo do Outro – articulado à sexualidade e à sexuação. Em relação aos enigmas da vida sexual, Freud chama à atenção para uma pulsão que lança a criança para a investigação e para a pesquisa: “[...] através da psicanálise descobrimos que a pulsão de saber das crianças recai, de uma forma inesperadamente precoce e com intensidade inesperada, sobre problemas sexuais, e talvez ainda seja despertado por eles”. Freud assinala também que as fantasias do período da puberdade, momento em que o sujeito é convocado a tomar uma posição na partilha dos sexos, dão seguimento à investigação sexual abandonada na infância. Freud dedicará um texto exclusivamente para abordar as questões *Sobre as teorias sexuais infantil* e, embora ele não mencione uma única vez a palavra fantasia, é disso que se tratam: “[...] mais do que isso, de fantasias onipresentes no universo infantil”. Lacan ratificou o pressuposto freudiano esclarecendo que o sujeito se estabelece como determinado pela fantasia. Nesta, o sujeito é frequentemente despercebido, embora esteja sempre lá, emergindo através de sonhos, devaneios e outras formações do inconsciente. Isto posto, a partir do método descritivo, fundamentado em pesquisa bibliográfica, objetiva-se apresentar uma vinheta do caso clínico de Hélio, um menino de 11 anos de idade atendido no ambulatório de pediatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE|UERJ), encaminhado para o setor de psicologia a partir da percepção da equipe médica a respeito do sofrimento psíquico do paciente atribuído ao abandono e a uma série de maus tratos de sua mãe. A reflexão deste trabalho se dará, portanto, a partir das articulações de Hélio com o seu interesse em desvendar os enigmas do universo e de sua própria constelação familiar na tentativa de responder ao enigma erigido frente ao desejo do Outro.

Palavras-chave: Psicanálise; Sexualidade; Linguagem; Manifestações Clínicas; Prática Institucional.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, S. *O adolescente e o Outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- COUTINHO JORGE, M. A. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 2: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. p.54
- FREUD, S. (1905). *Tres ensayos de teoria sexual*. In: Obras completas: Fragmento de análisis de un caso de histeria (Dora), Tres ensayos de teoria sexual y otras obras: 1901-1905. - vol. 7 - Buenos Aires: Amorrortu, 1992.
- FREUD, S. (1908). *Sobre las teorías sexuales infantiles*. In: Obras completas: El delirio y los sueños en la Gradiva de W. Jensen y otras obras: 1906-1908. - vol. 9 - Buenos Aires: Amorrortu, 1992.

LACAN, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar: 2008

RABINOVICH, S. D. (1993). *La angustia y lo deseo del Outro*. Buenos Aires: Ediciones Manantial.

* Psicóloga, Especialista em Psicologia da Saúde (GRAACC/UNIFESP);
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ (PGPSA/UERJ);
E-mail: deboramosdeoliveira@outlook.com

** Psicanalista, Especialista em Psicologia Clínica-Institucional (UERJ/HUPE);
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ (PGPSA/UERJ);
Participante de Formações Clínicas do Campo Lacaniano (FCCL-RJ).
E-mail: primahlmann@gmail.com

*** Psicanalista, Doutora em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ);
Pós-Doutoranda e Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ (PGPSA/UERJ);
Membro de Formações Clínicas do Campo Lacaniano (FCCL-RJ) e da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL).
E-mail: lmarques@live.com

“Doutora, eu não sei mais o que fazer com ele”: O romance familiar do (adolescente) neurótico ea transferência com os pais no tratamento analítico

O desejo do psicanalista & (Novas) Interfaces entre Psicanálise e Saúde

*Fernanda Nogueira Klumb**

*Cristiane Marques Seixas***

Quem sou eu no desejo do Outro? Com esta pergunta chave, a psicanálise nos convida ao debate sobre a questão da alteridade, presente, aliás, em toda a obra de Lacan. É também deste ponto de vista que somos convocadas a pensar a clínica psicanalítica, partindo de casos acompanhados num hospital público que acolhe adolescentes com Diabetes no estado do Rio de Janeiro. Neste trabalho, nosso interesse é então abordar os impactos da incidência desta doença no romance familiar dos adolescentes, sob sua própria ótica e de seus familiares, destacando a escuta dos significantes que os enlaçam. Afinal, ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais? Tratando-se de jovens diagnosticados com Diabetes Mellitus tipo 1 (DM1)³, a questão edipiana pouco inédita da origem do sujeito ganha um contorno especial, como prontamente relatou Lucas⁴, ao dizer “É de família, não é?”. Ao mesmo tempo, considerando o campo de onde emanou esta questão central, vale ressaltar que, se por um lado constatamos que o trabalho do analista na instituição pública de saúde não se configura como o puro ouro da psicanálise, expressão utilizada por Freud em “Caminhos da terapia psicanalítica” (1919), tampouco dela prescinde. Igualmente, não é possível prescindir da transferência com os pais no tratamento do adolescente, ainda que seja também fundamental marcar algumas distinções entre aquele que exerce a função de “acompanhante” e aquele a quem nos oferecemos como sujeito suposto saber. Esses são alguns dos pontos que pretendemos demonstrar neste trabalho.

Palavras-chave: Romance familiar; Adolescência; Diabetes; Transferência.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. O adolescente e o Outro. 3ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010

CIRINO, O. A participação subjetiva no trauma. Reverso, Belo Horizonte, n. 68, p. 71-78, dez., 2014.

DARRIBA, V. A. Psicanálise e prática multidisciplinar no hospital: clínica e transmissão. Rev. SBPH, São Paulo, v. 22, n. spe, p. 240-251, jun. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582019000200017&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 20 out. 2020.

DOLTO, F. Seminário de Psicanálise com crianças. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. Obra original publicada em 1982.

FREUD, S. O Mal-estar na civilização. In: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Obra original publicada em 1930.

FREUD, S. Caminhos da terapia analítica. In: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do Princípio do Prazer e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Obra original publicada em 1919.

FREUD, S. Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina. In: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Obra original publicada em 1920.

LACAN, J. Nota sobre a criança. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. Obra original publicada em 1969.

LACAN, J. O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. Obra original publicada em 1969.

* Psicóloga (UFF). Especialista em Psicologia Clínica-Institucional na Modalidade Residência Hospitalar (UERJ). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise (PGPSA) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). UERJ;

E-mail: fernanda.klumb@gmail.com

** Psicanalista. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise (PGPSA) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e Professora Adjunta do Instituto de Nutrição (UERJ). Doutora em Teoria Psicanalítica (UFRJ) e membro da Escola Letra Freudiana. UERJ.

E-mail: cris.marques.seixas@gmail.com

Efeitos neguentrópicos do algoritmo digital para a economia de gozo

Clínica das pulsões & Tecnologias, identidades e massas

Márcio Rimet Nobre*

É por uma relação de limite mútuo que saber e gozo se articulam desde a teoria dos discursos de Jacque Lacan (1992). Se o gozo é entropia, perda de energia, o saber se veicula na fratura provocada pela inserção do ser de gozo na linguagem, sendo neguentrópico, ou seja, tendendo à organização. No capitalismo de informação (MATTELART, 2001), a nova linguagem do digital inaugurou um padrão cultural hoje global (NOBRE, 2021). A implementação do dispositivo algorítmico pelo Google, em 2009, introduziu o manejo de dados dos usuários da web pelos grandes conglomerados informacionais, grupos empresariais e governos de todas as tendências. Surge um formato de governamentalidade (FOUCAULT, 2008) exercido de forma discreta e personalizada, direcionando conteúdos para os usuários: a governamentalidade algorítmica (ROUVROY; BERNS, 2015; ROUVROY, 2019). Cada indivíduo que acessa a rede tem seus dados facilmente coletados e organizados, que a ele retornam na forma de mais informação, de objetos a serem consumidos. No livre curso dessa cultura digital, a lógica algorítmica esbarra cada vez mais na dimensão singular da subjetividade, tocando o campo do gozo via proliferação de objetos a (NOBRE; LIMA, 2019). Na dupla função que assume nos matemas, o objeto a é, ao mesmo tempo, signo de perda de gozo e da incessante tentativa de suplementação. Com o incremento informacional, o objeto chega ao ápice social e o discurso capitalista (LACAN, 1978) alcança novo patamar, provocando um maior rebaixamento do saber e dos ideais simbólicos que balizavam o laço social. Inserindo-se no mesmo nicho do saber, a informação digital se aproveita da divisão subjetiva, deixando pouco espaço para que o sujeito possa lidar com a entropia de seu gozo via saber, com recurso ao desejo. Se a neguentropia do saber é o que limita a dispersão de gozo, a informação processada e retornada algorítmicamente, retroalimenta o gozo, agindo mais diretamente na economia dos afetos. Resta uma experiência de gozo cada vez mais direta, crua, menos mediatizada pelo saber e com maior prejuízo para o laço social.

Palavras-chave: Gozo; saber; discurso capitalista; algoritmo digital.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, M. Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Col. Tópicos)
- LACAN, J. Discours de Jacques Lacan à l'Université de Milan le 12 mai 1972, paru dans l'ouvrage bilingue: Lacan in Italia 1953-1978. Milan: Salamandra, 1978.
- LACAN, J. O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise, 1969-1970. Vers. bras. Ary Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1992. (Campo Freudiano no Brasil)
- MATTELART, A. A era da informação: gênese de uma denominação descontrolada. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 14, ago., p. 7-23, 2001.
- NOBRE, M. R.; LIMA, N. L. Algoritmos, matemas e o sujeito: o discurso do desejo ao gozo. In: ALVES, M. A. S.; NOBRE, M. R. (orgs.). A sociedade da informação em questão: o direito, o poder e o sujeito na contemporaneidade. Belo Horizonte: D'Plácido, 2019. (pp. 99-122)

NOBRE, M. R. A cultura digital e suas incidências no campo do saber. In: LIMA, N. L.; STENGEL, M.; NOBRE, M. R.; DIAS, V. C. (orgs.). Saber e criação na cultura digital: diálogos interdisciplinares. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021. (pp. 61-76)

ROUVROY, A.; BERNS, T. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o dispar como condição de individuação pela relação? Revista Eco Pós, Tecnopolíticas e vigilância, v. 18, n. 2, p. 36-56, 2015.

ROUVROY, A. O(s) fim(ns) da crítica: behaviorismo de dados versus devido processo. In: ALVES, M. A. S.; NOBRE, M. R. (orgs.). A sociedade da informação em questão: O direito, o poder e o sujeito na contemporaneidade. Belo Horizonte: D'Plácido, 2019. (p. 15-46)

* Doutor em Psicologia - Estudos Psicanalíticos; Universidade Federal de Minas Gerais;
E-mail: marcionobre205@hotmail.com

A singularidade de Diana Rabinovich: diálogos vivos em tempos pandêmicos

Sexualidade e Significante & Psicanálise em tempos de pandemia

*Taoana A. Padilha**

Atravessamos uma pandemia: com suas múltiplas manifestações da pulsão de morte nas diversas vidas: com suas tantas perdas, angústias e lutos, no mundo e no Brasil. Quais são as transformações simbólicas que giram em torno da incidência do real no contexto pandêmico? Em cada vida humana, perguntas e respostas singulares e provisórias. Mas há o plano do coletivo, e nele, a diz-mensão dos coletivos de psicanalistas orientados pelo ensino de Jacques Lacan. Sendo assim, pergunto: quais são as perdas e os lutos enfrentados pelo movimento psicanalítico lacaniano? E quais são as suas transformações, quando a universalidade do falo e a organização edipiana das sexualidades são intensamente criticadas? Diana Rabinovich dá pistas sobre os enigmas que nos afetam no contemporâneo: “A introdução do conceito de *lalíngua* em Lacan é uma culminação de um grande percurso ao longo do qual o real vai encontrando o seu lugar no seio mesmo do simbólico, quer dizer, da estrutura da linguagem como tal”. Homenagear Diana Rabinovich é um acontecimento que transborda (e muito) a penetração do ensino de Lacan na América Latina. Trata-se de homenagear a potência singular do ensino de Diana Rabinovich para a América Latina e o mundo. Hoje, proponho que dialoguemos com Diana. Ou melhor, com uma de suas obras: o livro *Sexualidade e Significante*. Como as suas reflexões nos causam e iluminam para tratarmos dos desafios que encontramos hoje, na clínica e na cultura?

Palavras-chave: sexualidades; transformações; linguagem; não todo.

REFERÊNCIAS

Rabinovich, Diana S. *Sexualidad y significativo* (Spanish Edition) . Ediciones Manantial. Edição do Kindle.

* Taoana A. Padilha é psicanalista, mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicanálise da UERJ e doutoranda no Programa de Psicologia Social da PUC-SP.

A atual face do discurso do capitalista: redes sociais e subjetividade neoliberalista

O conceito de objeto na teoria psicanalítica & Tecnologias, identidades e massas

*Tatiane Regina de Assis Sousa**

Lacan (1972) empreende o discurso do capitalista para demonstrar que o fluxo incessante de consumo edificado pela promessa de gozo atualizável rechaça o campo simbólico e, portanto, o laço social. Ao passo que nos demais discursos há sempre uma barreira ao gozo entre a produção e a verdade (LACAN, 1969-1970/1992), designando a impotência relativa à inacessibilidade estrutural à verdade e à satisfação plena, no discurso do capitalista essa barreira é dissolvida. A verdade, então, passa a ser acessível diretamente ao sujeito, expropriando a perda ligada à barreira do gozo. Como a operação da linguagem é reduzida a um dispositivo mercadológico, extingue-se, também, a relação com o Outro, enquanto barrado, e condição na qual o sujeito é convocado a responder como efeito no laço social. Para Rabinovich (1989/2004), esse funcionamento institui um sujeito autoengendrado, impedido de se desprender do empuxo à recuperação de gozo. Atualmente, as redes sociais, tais como o Facebook e o Instagram têm sido terreno fértil de atuação das relações mercadológicas. Esse quadro evidencia que a questão não para na simples aquisição de latusas (objetos a), pois parece revelar um sofisticado processamento interno (algoritmo) para reenviar o circuito de consumo ao capturar o sujeito pela forma de gozo extraído da interação com imagens e postagens, passando a designar o que este deve adquirir para que o gozo se renove. Mediante isso, é possível aproximarmos as relações nas redes sociais à estrutura do discurso do capitalista? Portanto, objetivamos discutir as relações nas redes sociais como possível gestão neoliberalista da subjetividade e seus desdobramentos para o laço social. Assim, realizaremos a passagem por dois níveis de problemas – o das relações sociais virtuais e o dos laços estruturais entre elementos –, que Lacan chamou de discurso. Propomos um estudo bibliográfico, no qual apresentaremos a teoria dos discursos cunhada por Lacan assim como teóricos da cibercultura, que nos permitam pensar as relações nas redes sociais e seus impactos para o sujeito na contemporaneidade.

Palavras-chave: Discurso do capitalista; redes sociais; neoliberalismo; sujeito.

REFERÊNCIAS

LACAN, Jacques. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. Lacan, J. Discours de Jacques Lacan à la Univerité de Milan le 12 mai 1972. In: Lacan in Italia (1953-1978). Milão: Salamandra, 1972. Traduzido por Sandra Regina Felgueiras.

RABINOVICH, D. A clínica da pulsão: as impulsões (1989). (A. L. de O. Lopes, trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

* Graduada em Psicologia; Mestranda em Psicanálise e Laço Social pelo departamento de Fundamentos teóricos e filosóficos da Psicologia da UFSJ;
Pós-graduanda em Teoria e Clínica Psicanalítica pelo UNIFENAS (campus Varginha);
E-mail: souzatatiane161@gmail.com

O falo na teoria lacaniana e sua função no complexo de Édipo

A significação do falo Eixo vertical: Sexualidades e Sexuação

Claudete Justino Correa*

A discussão proposta neste trabalho faz parte da minha pesquisa de dissertação realizada no Programa de Pós-graduação em Psicanálise (UERJ), intitulada “Destinos da menina na travessia do complexo de Édipo”. Ao trabalhar a travessia da menina no complexo de Édipo, foi preciso diferenciar a proposta de falo para Freud e Lacan, uma vez que o falo se situa como um quarto elemento na construção edípica lacaniana. Sendo assim, a proposta primeiramente, é discutir o falo na teoria lacaniana e, posteriormente, a sua função no complexo de Édipo. Nosso objetivo, *a priori*, é pesquisar o conceito de falo somente no texto *A significação do falo* (LACAN, 1958/1998). Pontuamos, também, a importância do texto *A significação do Falo – uma leitura*, de Diana Rabinovich (2005), que foi uma referência incontestável para nossa pesquisa. Lacan (1958/1998, p. 700) escreve que “o falo seja um significante impõe que seja no lugar do Outro que o sujeito tem acesso a ele”, porém um significante que é encontrado velado e como razão do desejo do Outro. Um significante que falta na cadeia, Lacan o descreve como (- φ). Seria um significante em que seu estatuto é de exceção. Dado que o Outro não é apenas lugar de linguagem, mas também o do discurso e o da fala, o falo recalcado no inconsciente só pode funcionar como velado de acordo com a função imaginária do objeto fálico, que permite orquestrá-lo e, também, velar sua falta. A castração materna vem para apresentar a descoberta da mãe como desejante, um momento em que o significante fálico chega a ser marca do desejo. Rabinovich (2005, p. 55) explica que para Lacan o desejo da mãe é o falo: “esse ‘é’ está situado na mãe”. Por fim, Rabinovich (2005, p. 57) explica que, em *A significação do falo*, Lacan (1958/1998) expande a diferenciação sobre o enfoque da castração em Freud. A castração no ensino de Lacan assume uma nova aparência. De acordo com Lacan (1958/1998), esse desejo, essa lacuna no Outro, é a castração, que é, primordialmente, a castração do Outro, e não do sujeito.

Palavras-chave: Psicanálise; Falo; Significação; Complexo de Édipo.

REFERÊNCIAS

LACAN, J. **O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. A significação do falo (1958). In: LACAN, J. **Escritos**. Tradução V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 692-703.

RABINOVICH, D. **A significação do falo: uma leitura**. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2005.

VALAS, P. **As dimensões do gozo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

*Mestre em Psicanálise pela UERJ (2021). Graduada em Psicologia pelo Unilavras (2015). Psicanalista.
E-mail: claudetecorrea391@gmail.com

O hétéros na sexualidade

Sexualidade e Significante & Sexualidades e Sexuação

*Felipe da Silva Souza**

Neste artigo pretendemos nos servir das contribuições lacanianas a respeito das fórmulas da sexuação e das modalidades de gozo para ler um tema contemporâneo: gênero. É mais precisamente no Seminário 20, Mais ainda, que Lacan irá nos apresentar as fórmulas da sexuação. Com isso, temos o objetivo de colocar em questão as críticas feitas à psicanálise quanto ao seu suposto “binarismo heteronormativo” nos servindo do arcabouço teórico de Freud, que já apontava para o caráter polimorfo perverso da sexualidade, subvertendo toda noção de uma sexualidade padronizada e reduzida ao instinto biológico, ao nos apresentar o conceito de pulsão e sua plasticidade libidinal. Nos serviremos também das contribuições teóricas de vários autores para apontar que Lacan não abandona a diferença sexual nas fórmulas da sexuação, apresentando dois modos distintos de gozo: gozo fálico e gozo não todo fálico. Para o psicanalista, o gênero é um conceito inoperante no tocante à prática psicanalítica, pois o que se constata nas fórmulas da sexuação é o impossível da relação sexual.

Palavras-chave: Sexualidades; Sexuação; Gênero; Sinthoma

REFERÊNCIAS

- BROUSSE, M-H. As identidades, uma política, a identificação, um processo, e a identidade, um sintoma, Opção lacaniana online, mar-jul 2018. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_25/As_Identidades_uma_politica_a_identificacao.pdf. Acesso em: 02/10/2021
- FREUD, S. – Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros textos. Companhia das Letras, 1901-1905/2016
- FREUD, S. As pulsões e seus destinos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1915/2013
- CALDAS, H. (2020) Feminino e Femicídio no Brasil atual. Latusa: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, n. 25. Rio de Janeiro: EBP-Rio, 2020.
- LACAN, Jacques. O seminário, livro 19:...ou pior. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.
- LEGUIL, C. O ser e o gênero: homem/mulher depois de Lacan. Belo Horizonte: EBP Editora, 2016.
- LACAN, J. O Seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (1985[1972-73])
- MACÊDO, L. O que é o que é? Lacan XXI: Revista FAPOL Online, v.2, 2018. Disponível em: <http://www.lacan21.com/sitio/2018/10/22/o-que-e-o-que-e/?lang=pt-br>. Acesso em: 02/10/2021.
- MILLER, J.-A. Curso de Orientação Lacaniana: “O ser e o um”, 2011. Inédito.

* Mestrando do Programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade Estadual do Rio de Janeiro;
E-mail: psi.felipe.silva@gmail.com

O homem não existe

Sexualidade e significante & Sexualidades e Sexuação

Flavia Gaze Bonfim*

“A mulher não existe” é um dos famosos aforismos lacanianos. Ao propô-lo, Lacan (1985 [1972-73]) quis ressaltar que não há um universal do lado feminino, um traço identificatório que oriente, que ofereça suporte para a feminilidade de modo que cada mulher precisa se inventar. Por sua vez, Stella Jimenez (2008) é precisa ao situar que não devemos acreditar que do lado do homem exista alguma definição sobre o sexo ao qual pertence. Ela sustenta que a hipótese lacaniana é mais complexa, visto que as indicações de Lacan tendem a demonstrar que tanto a mulher quanto o homem não existem, são definições vagas e impõem uma radical inadequação do falasser quanto à sexualidade, pois não existe nada no real que inscreva uma certeza quanto ao sexo. (JIMENEZ, 2008). Lacan (1999 [1957-58]), ao falar sobre a virilidade, demarca toda a impostura na qual ela se encontra construída, na medida em que é amparada sob o artifício do homem se apresentar com uma identidade, um título, que não lhe são próprios: provém do pai. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que se o “homem existe”, sua existência é mero estatuto de ficção, sustentada sob um aparato de impostura. A falta de existência do lado da mulher foi configurada por Lacan (1985 [1972-73]) a partir da falta de uma exceção que pudesse fundamentar e confirmar o conjunto das mulheres. Do lado do homem, essa exceção é localizável, sustentada por ao menos um que escapou a castração, o pai da horda. Essa localização, contudo, é mítica – o que nos permite reconhecer a estrutura lógica sobre a qual está sustentada a virilidade, mas esvaziar e relativizar seu sentido, para apontar que se “a mulher não existe”, o homem tão pouco. Nesse sentido, a proposta desse trabalho é apontar que a masculinidade é também um terreno aberto à invenção e não se iguala a virilidade, sobretudo, na contemporaneidade haja vista o descolamento da autoridade do pai, da exceção, enquanto um operador hegemônico da subjetividade – o que produz consequências também para declínio do ideal viril e para o conjunto unificador dos homens.

Palavras-chave: homem; sexuação, virilidade; invenção.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Christiane. Homme ou homard? In: Revue de Psychanalyse La cause du désir – Virilités Plurielle, Paris, n. 95, p. 33 – 36, 2017.

CAROZ, Gil. Conhecer seu ódio. In: Almanaque On-line, n. 22, Minas Gerais: Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais. Disponível em: <http://almanaquepsicanalise.com.br/conhecer-seu-odio/> Acesso em: 03/11/2019.

FAJNWAKS, Fabian. Lacan e as teorias queer: mal-entendidos e desconhecimentos. In: Santiago, Ana. (org. et al.) Mais além do gênero: o corpo adolescente e seus sintomas. Belo Horizonte: Scriptum, 2017, p. 22 – 39.

LACAN, Jacques. Seminário, livro 5 – As formações do inconsciente (1957-58). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. 532 p.

LACAN, Jacques. Seminário, livro 19 - ... ou pior (1971-72). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012. 250 p.

LACAN, Jacques. Seminário, livro 20 - Mais, ainda (1972-73). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. 201 p.

SANTIAGO, Jesus. Corpo de homem. In: As conversações do ENAPOL. 2013. Disponível em: <http://www.enapol.com/pt/template.php?file=Las-Conversiones-del-ENAPOL/Cuerpo-de-Hombre/Jesus-Santiago.html>. Acesso em: 10/01/2020.

SINATRA, Ernesto. Homem (O). In: Scilicet - Um real para o século XXI. MACHADO, O. & RIBEIRO, V. (orgs). Belo Horizonte: Scritpum, 2014, p. 179 – 181.

*Doutora em Psicologia (UFF). Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise (UERJ).
E-mail: flaviabonfimpsi@yahoo.com.br

As polícias militares como massas artificiais

Sexualidade e significante & Tecnologias, identidades e massas

*Guilherme Secotte Nogueira**

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, ainda em andamento, que se debruça sobre a possibilidade de compreender as polícias militares como massas artificiais e tem, como texto base, a obra freudiana *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/2011). Apoiando-se na hipótese de Freud de que seria possível analisar as massas com base na substituição da figura do líder por “ideias condutoras”, problematizamos quais poderiam ser essas ideias nas polícias militares a partir da revisão de estudos em torno das instituições e das práticas dos policiais. Com base nesse material, discutimos a identificação estabelecida entre os policiais e a relação deles com as ideias condutoras, tomando-as como um conjunto de cadeias significantes. Assim, com o auxílio da psicanálise lacaniana, tentamos examinar a dinâmica estabelecida na contínua produção de significados nessa modalidade de laço, considerando, por um lado, a singularidade de cada policial e, por outro, os efeitos do fenômeno de massa nessas instituições. Em constante diálogo com Freud, debatemos: a proposição de que nas massas o objeto de enamoramento ocuparia o lugar do ideal do Eu; o que isso poderia significar nas polícias militares; e como seria possível algum tipo de satisfação a partir dessa suposição. Por fim, tendo em vista os altos índices de violência e sofrimento policial, nos debruçamos acerca do circuito da pulsão de morte nas massas para lançar algumas questões para pesquisas futuras: haveriam relações entre a violência policial, as ideias condutoras, os processos de segregação e a construção de identidades? Poderiam essas ideias condutoras promoverem o masoquismo moral como uma possível modalidade de sofrimento?

Palavras-chave: Polícias militares; Psicanálise; Massas; Policiais.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu*. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas Volume 15**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 09-100. Tradução: Paulo César de Souza. (Trabalho original publicado em 1921).

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo.
E-mail de contato: secotte@outlook.com

O Queer da psicanálise e a diferença sexual: sexuação e os tipos de gozo possíveis do falasser

Sexualidade e significante & Sexualidades e sexuação

*Lucas Vinicius da Silva Rodrigues**

*Letícia Gonçalves Loback Siqueira***

Um dos desafios da psicanálise nos dias atuais é retornar às bases da teoria para resgatar seus conceitos fundamentais e rearticula-los à subjetividade de seu tempo. Diante disso, tomamos o “Feminino” como significante fulgurante para reformulações de Freud e Lacan. Resguardou-se na psicanálise um lugar enigmático, de obscuridade, para pensar o feminino, na referência de Freud (1973) à diferença anatômica dos sexos para articular a diferença sexual. Todavia, é associando esse lugar enigmático do feminino ao próprio núcleo indizível do real trabalhado por Lacan, como o ponto de não inscrição na lógica fálica, que a feminilidade pode ser pensada enquanto subjetivação subversiva. Na tábua da sexuação, Lacan (1985) avança para elaborações sobre as posições masculina e feminina propondo tipos de gozo do sujeito, independente de seu gênero. A diferença sexual, assim, é formulada no regime do gozo, e não do sexo ou do gênero. Nesse sentido, o gozo feminino, enquanto não-todo, indica a abertura a um desejo inédito, não submetido aos ideais, e que situa a possibilidade a qualquer sujeito, independente de sua conformação anatômica, de não se referir à falta fálica, mas às potencialidades criativas de um gozo Outro. É nessa anomalia entre gozo fálico e gozo Outro que a sexuação convoca pensar a constituição do falasser e suas modalidades de gozo, sendo importante considerar o modo que o corpo sexuado deve ser pensado a partir disso. Em consonância, Preciado (2014) parece trazer interrogações à psicanálise exatamente nesse campo, propondo pensar corpos que se experimentam como corpos falantes, reconfigurando as disposições erógenas do corpo e tomando o sexo e o gênero como tecnologias. Por fim, o objetivo do trabalho é de apresentar esse campo de discussão e tensionar o (des)encontro da psicanálise com discursos contemporâneos, como o da Teoria Queer. Não é exatamente do elemento Queer da sexualidade, do infamiliar, êxtimo de si, que trata sua descoberta? Visamos assim estimular o debate e potencializar novas formas de abordar a sexualidade na contemporaneidade.

Palavras-chave: Sexuação; Diferença sexual; Queer; Corpo; Gozo.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. A feminilidade. In: **Obras completas: S. Freud. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Cia das Letras, 2010. v. 18.
- LACAN, J. **O seminário: Livro 20 – mais, ainda**. Versão brasileira de M. D. Magno. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- MITCHELL, J. **Psicanálise da sexualidade feminina**. Rio de Janeiro: Campus, 1988. PRECIADO, B. P. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual** (Maria Paula Gurgel Ribeiro, Trad.). São Paulo: Editora N-1, 2014.
- RUBIN, G. O tráfico de mulheres: Notas sobre a “Economia Política” do Sexo. In: **G. Rubin. Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

WITTIG, M. **The Straight Mind and Other Essays**. Boston: Beacon Press, 1992.

* Graduando em Psicologia; UFRJ;

E-mail: lucassilvarodrigues1999@hotmail.com

** Graduanda em Psicologia; UFRJ;

E-mail: lobacklet@gmail.com

Divinas Divas e a feminilidade como mascarada

Sexualidade e significante & Sexualidades e Sexuação

Carolina Carvalho Dutra*

No documentário intitulado “Divinas Divas” (2016), a atriz e diretora Leandra Leal acompanha a montagem de um espetáculo protagonizado por oito artistas travestis pioneiras no Brasil: Brigitte de Búzios, Camille K., Divina Valéria, Eloína dos Leopardos, Jane di Castro, Marquesa e Rogéria. São apresentadas suas trajetórias pessoais e profissionais, iniciadas no teatro Rival, na cidade do Rio de Janeiro. Este trabalho busca, a partir de dois trechos do documentário, pensar no que da construção de um feminino pode-se dizer – não abarcando a pluralidade e a riqueza da história pessoal de cada artista. O teatro Rival foi o primeiro a abrir seu palco para homens vestidos de mulher, em 1966. Dentro deste teatro, as travestis e seus espetáculos ganhavam acolhimento e visibilidade, enquanto do lado de fora, na cidade, se impunha a repressão da ditadura militar que, entre outras proibições, impedia as artistas de estarem nas ruas vestidas como mulheres, sob a pena de serem presas. Apesar de não ser um documentário que busca discutir a questão da identidade de gênero, o filme instiga indagações sobre o tema. Como pensar a construção do feminino em sua relação com o Outro? A arte possibilita, por vezes, a visibilidade do que pode ser insuportável para uma cultura por dizer daquilo que, em geral, escapa à norma fálica. Logo, para sustentar uma posição feminina, é necessário que um sujeito não se agarre ao todo fálico, mas tampouco se desfaça do uso de suas máscaras. Na medida em que a significação fálica dá apenas um parecer ser, os sujeitos precisam dos semblantes. Assim, o semblante se torna, na estrutura do sujeito, uma função de suplência frente aos impasses que o gozo coloca. Com a Psicanálise, a condição de ser mulher e de ser homem passa por uma marca que nem a diferença sexual biológica nem a construção social dos gêneros podem evidenciar, pois se constitui da relação do sujeito com seu desejo e gozo. Onde encontrar *A* mulher — se não está inscrita no útero ou na vagina?

Palavras-chave: Divinas Divas; Feminino; Mascarada; Semblante.

REFERÊNCIAS

- CALDAS, Heloisa. A fala e a escrita da mulher que não existe. Opção Lacaniana online nova série Ano 4, Número 10, março 2013. p. 01-12. Disponível em: <http://opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero10/texto5.html>
- FALBO, Giselle. Sexualidade, gênero e corpo. Opção Lacaniana Online, São Paulo, n. 20, jul. 2016. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero20/texto4.html>
- FUENTES, Maria Josefina Sota. As Mulheres e seus Nomes: Lacan e o Feminino. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.
- JIMENEZ, Stella. No cinema com Lacan. Rio de Janeiro: Ponteio, 2014.
- LA BARCA, Alicia Calderon de. Joan Rivière e o segredo do feminino. In: ANTELO, Marcela (org.). Mulheres de Hoje: Figuras do Feminino no Discurso Analítico. Petrópolis: Editora KBR, 2012, p. 17-20.
- LACAN, Jacques. O seminário: livro 20. Mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LEGUIL, Clotilde. O ser e o gênero: homem/mulher depois de Lacan. Belo Horizonte: EBP Editora, 2016.

RIVIERE, Joan. A feminilidade como máscara. Traduzido por Ana Cecília Carvalho e Esther Carvalho. Psychê, São Paulo, v. 9, n. 16, p. 13-24, 16 jul./dez. 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/307/30716902.pdf>

ZUCCHI, Márcia. Sobre o sexo e os limites do semblante. Latusa (EBP-Rio), Rio de Janeiro, n. 13, 2008.

* Mestre em Psicologia e Estudos da Subjetividade, UFF;
E-mail: linacarvalhodutra@gmail.com

A sexualidade feminina em Freud e a noção de feminino em Lacan

Sexualidade e significante & Sexualidades e sexuação

Cintia Ribelato Longhini*

Silvia Nogueira Cordeiro**

Vinicius Anciães Darriba***

Desde os estudos de Freud sobre os padecimentos histéricos, acompanhamos uma subversão no entendimento da sexualidade humana. Sendo *u o que quer uma mulher?* Com o advento do inconsciente freudiano, concepção pulsional e a introdução da primazia fálica (só haveria um sexo que poderia ser representado no inconsciente), discute as *consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. Com Lacan e seu projeto ético de retomar o propósito freudiano, o falo passa ser situado como significante, avançando, assim, a noção de feminino em sua obra. Seguida da identificação ao semblante, culmina na lógica do todo e não-todo fálico, reconhecendo enfim haver um limite de acesso a simbolização, atrelada à inexistência de um significante que represente *A mulher*. Com isso, aponta um além da função fálica na inscrição do feminino, concluindo, que este *vir a ser* analisado por Freud, será um caminho trilhado por cada *uma*. A partir da experiência clínica com mulheres e a inexistência de um significante que diga *A mulher*, a saída encontrada por cada *uma* é singular, comparecendo, algumas soluções tropeçantes, digamos, na inscrição do feminino, produzindo uma série de padecimentos. A atual proposta advém de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida acerca de o repúdio ao feminino e a prática clínica entre histeria e feminino. Portanto, por meio de fragmentos clínicos, visamos produzir articulações teórico-clínica em torno das tentativas de respostas-soluções dessas pacientes na construção de um significado ao que é ser mulher e o percurso de cada uma neste *vir a ser*. Especialmente, no que diz respeito a histeria, repúdio ao feminino e a dimensão do quarto impossível proposto por Lacan (*se fazer desejar*).

Palavras-chave: Freud; Lacan; Clínica; Feminino; Histeria.

REFERÊNCIAS

Freud, S. (1885/1996). Estudos sobre a histeria. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. II). Rio Janeiro: Imago.

_____. (1905/1996). Fragmentos de um caso de histeria. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. VII). Rio Janeiro: Imago.

_____. (1915/2010). Pulsão e seus destinos. *Obras completas* (vol. 12 :Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos; trad. e notas Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1923/2011). A organização genital infantil. In *Obras completas* (vol. 16: O eu e o id, autobiografia e outros textos; trad. e notas Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1924/2011). A dissolução do complexo de Édipo. In *Obras completas* (vol. 16: O eu e o id, autobiografia e outros textos; trad. e notas Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1925/2011). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In *Obras completas* (vol. 16: O eu e o id, autobiografia e outros textos; trad. e notas Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras.

_____ (1931/2010). Sobre a sexualidade feminina. In *Obras completas* (vol. 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos; trad. e notas Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras.

_____ (1933/2010). Novas conferências introdutórias à psicanálise: A feminilidade. In *Obras completas* (vol. 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos; trad. e notas Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras.

_____ (1937/1996). Análise terminável e interminável. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. XXIII). Rio Janeiro: Imago.

Lacan, J. (1951). Intervenção sobre a transferência. In: *Escritos*. Zahar, 1998.

_____ (1955-1956/1985). *O seminário* (Livro 3: As psicoses). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1957-1958/1999). *O Seminário* (Livro 5: As formações do inconsciente). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1958/1998). A significação do falo. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1960). Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. In: *Escritos*. Zahar, 1998.

_____ (1969/1992). *O Seminário* (Livro 17: O avesso da psicanálise). Rio de Janeiro: Zahar.

_____ (1972/2008). *O Seminário*. (Livro 20: Mais, ainda). Rio de Janeiro: Zahar.

*Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (PPGPSI/UEL);

E-mail: cintialonghini@gmail.com

**Professora Associada do Departamento de Psicologia e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina/PR;

E-mail: silvianc2000@gmail.com

***Professor Associado do Instituto de Psicologia Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ);

E-mail: viniciusdarriba@gmail.com

As devastações: falta, excesso e êxtase

Sexualidade e significante & sexualidades e sexuação

Marina Mendes Fiorenza*

Rita Manso de Barros**

Neste trabalho as autoras abordam o conceito de devastação e os destinos femininos diante do ilimitado. Devastação é um conceito lacaniano, mas extraído do que Freud chamou de “catástrofe” (1931/1996, p.247) como aquilo que poderia configurar a relação da menina com a mãe quando não houvesse uma efetiva separação entre as ambas. A hipótese apresentada é a de que não podemos falar d’A devastação, mas de devastações, visto que, mesmo que este estado tenha ampla relação com o fato de uma mulher estar não-toda inserida na lógica fálica, há diferentes modos de resposta, mesmo no interior do mesmo conceito. Primeiramente no trabalho foi abordada a devastação cuja resposta se localizaria no campo fálico, inserida em uma posição de reivindicação, portanto, histérica, derivada da insaciabilidade infantil da criança em relação ao Outro materno, que interpreta a impossibilidade de satisfação como impotência do Outro e cuja saída está no campo da castração, de modo que a devastação fálica estaria no campo da reivindicação, que convoca uma demanda infantil diante desse afeto incomensurável e para a qual a cura seria a castração. Acompanhando os avanços lacanianos que encaminham para o além do falo, entendemos que há um outro modo de devastação que se localiza nesse mais-além e que a castração não é suficiente enquanto resposta e saída de tal posição, que é aquela derivada do excesso de gozo do Outro, para o qual o falante precisa construir uma saída que inclua a vastidão contida no próprio conceito. Encontramos amparo na rasura explicitada em *Lituraterra*, em que certo desligamento do traço anterior permite uma outra escrita de gozo, bem como na equiparação dos três registros, em que o simbólico perde sua primazia e outros modos de enodamento se fazem possíveis na existência.

Palavras-chave: devastação; ilimitado; excesso; gozo.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. Sexualidade feminina (1931). In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*, vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante* (1971). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

*Mestre e doutoranda pelo PGPSA e membro do Laço Analítico/Escola de Psicanálise.

**Professora do PGPSA, professora titular da UNIRIO e pós-doutoranda pela USP.

Gozo e Feminino: a sexualidade e suas manifestações clínicas

Sexualidade e significante & Laço social e gozo: impasses na atualidade da clínica

Renata Sales*

Luciana Marques**

No texto *Projeto para uma psicologia*, Freud (1950[1895]/2020) descreve uma primeira experiência de satisfação onde o bebê, lançado no desamparo por sua prematuridade motora, encontra um Outro que parcializa os efeitos desse desamparo e o inscreve num sistema de representações simbólicas. Tal encontro, ao transformar um corpo orgânico em um corpo erógeno, mapeado pelos significantes que advém desse Outro, inclui o bebê no registro do sexual, promovendo um aumento de excitações que não encontra, através do princípio de prazer, caminhos para descarga. Desse excesso resta algo inassimilável que, ao não ser completamente metabolizado pelo aparelho psíquico, permanece como Coisa. Esse pressuposto, retomado por Freud (1920) ao apontar para um mais-além do princípio de prazer, será relido por Lacan, primeiramente em *O Seminário, livro 2* (1954-55), com a introdução da noção de gozo, e retomado em *O Seminário, livro 7* (1959-60), onde o gozo surge como conceito que comporta um impossível na constituição de todo ser de linguagem. Em outras palavras, o sujeito, para Lacan, será constituído pelos significantes do Outro, mas também por aquilo que fica fora do sistema de representações. Por conseguinte, o falo como um significante que garante aos outros a possibilidade de inscrição vem organizar o campo do gozo e ordenar, à nível simbólico, a diferença sexual, tal como Lacan irá desenvolver, anos depois, ao abordar as fórmulas quânticas, distinguindo os modos de gozo e apontando a desproporção entre os sexos. Desde então, Lacan (1972-73) situará o Outro gozo, ligado ao falo, mas não-todo, pois inclui o que dele escapa e que, por isso, é da ordem do real; resto que sobra e por vezes transborda, como já afirmava Freud. Sendo assim, pretendemos, com este trabalho, através de fragmentos de casos clínicos, abordar gozo e feminino, apontando para a ideia de trauma em Freud como análoga à noção de Outro gozo em Lacan.

Palavras-chave: Psicanálise; Sexualidade; Gozo; Feminino; Manifestações Clínicas.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. (1950 [1895]). Proyecto de psicología. In: *Obras completas: Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud: 1886-1899*. - vol. 1 - Buenos Aires: Amorrortu, 2020.
- FREUD, S. (1920). Más allá del principio de placer. In: *Obras completas: Más allá del principio de placer, Psicología de las masas y análisis del yo y otras obras : 1920-1922*. - vol. 18 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.
- LACAN, J. (1958). A significação do falo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. (1954-55). O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- LACAN, J. (1959-60). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LACAN, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

*Psicanalista Membro do Fórum do Campo Lacaniano – RJ;
Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ

E-mail: rsmartins.psi@gmail.com

**Psicanalista Membro de Formações Clínicas do Campo e do Fórum do Campo Lacaniano – RJ;
Pós- Doutoranda e Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ;
E-mail: lucianamarques@icloud.com

Menopausa entre angústia e desejo: algumas contribuições psicanalíticas

A angústia e o desejo do Outro & (Novas) Interfaces entre Psicanálise e Saúde

Natália Delatim Ortiz*

Silvia Nogueira Cordeiro**

Vinicius Anciães Darriba***

A menopausa é definida pela OMS como o último ciclo biológico da fase reprodutiva feminina, momento a partir do qual a menarca cessa e mudanças hormonais importantes acontecem no corpo da mulher. Nota-se que os estudos na área da Saúde afunilam suas pesquisas sobre o tema a patologias associadas e possibilidades medicamentosas. É possível ir além deste campo e articular este fenômeno e suas conseqüentes questões com a Psicanálise? Freud cita a menopausa em alguns artigos, relacionando-a a um potencial desenvolvimento de quadros de angústia na mulher, abordando-a como uma mudança quantitativa da libido. Para Ângela Mucida, envelhecer e vivenciar a menopausa pode reativar traços adormecidos, além de possibilitar o surgimento de angústia e o despertar de múltiplas defesas. Entretanto, a menopausa deve ser tomada como significante - não como fato natural, nem pela via quantitativa -, e, como tal, sua entrada na vida da mulher exigirá um trabalho de luto por tocar na realidade do inconsciente: realidade sexual e marcada pela falta de objeto. Lacan nos dá alguns direcionamentos sobre o afeto da angústia e sua relação com o objeto: a angústia deve ser concebida num nível duplicado, não como sinal da falta de objeto, mas como a falta de apoio fornecida pela própria falta. O que aparece no lugar da falta? O psicanalista retoma o termo *Unheimlich* (o 'estranho'), para situar o aparecimento do objeto *a* e sua relação com a angústia: o objeto *a* é a substância deste afeto e, como tal, aparece como aquilo que não engana, mas pode atuar como causa que precede o sujeito e seu movimento desejante. Portanto, este encontro com o estranho pode possibilitar, entre outros destinos, que a mulher vá além da barra ao sentido que a menopausa pode inserir, e a direcionar a um trilhamento de formas - talvez novas e criativas - de fazer inscrever seu desejo. Assim sendo, os desenvolvimentos sobre o estranho, a angústia e o desejo podem trazer contribuições ao olhar do fenômeno da menopausa a partir do campo psicanalítico, propondo uma visão que excede a do campo da Saúde.

Palavras-chave: Menopausa; Psicanálise; Angústia; Desejo.

REFERÊNCIAS

- BEMESDERFER, S. A Revised Psychoanalytic View of Menopause. *J Am Psychoanal Assoc.* n. 44, p 351-369. Kensington, CA, 1996.
- CABRAL, M. das M. C. Situando a Menopausa: tempo, nomenclatura e tipologia. *Revista Interloquções.* v. 1. n. 1, p. 65-85. Recife, 2001.
- CREMA, I. L., TILIO, R. de, & CAMPOS, M. T. de A. Repercussões da menopausa para a sexualidade de idosas: revisão integrativa da literatura. *Psicologia: ciência e profissão.* v. 37, n. 1, p. 753-769. Brasília, 2017.
- DARRIBA, V. A. A falta conceituada por Lacan: da Coisa ao objeto *a*. *Ágora.* v. 8, n. 1, p. 63-76. Rio de Janeiro, 2005.
- DEUTSCH, H. (1984). The menopause. *International Journal of Psychoanalysis.* v. 65, p. 55-62. Londres, 1924.

- FREUD, S. (1894-1895) Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1912) Tipos de desencadeamento da neurose. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1919) O ‘estranho’. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1925-26) Inibições, sintomas e ansiedade. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol 20. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1937) Análise Terminável e Interminável. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LACAN, J. (1962-1963). O Seminário, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- MUCIDA, A. O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice. São Paulo: Autêntica, 2004.
- OMS - Organización Mundial de la Salud. *Investigaciones sobre la menopausia en los años noventa*. 1996. Recuperado de <https://apps.who.int/iris/handle/10665/41984>.
- TRENCH, B. & SANTOS, C.G. dos. Menopausa ou menopausas? Saúde e Sociedade. v. 14. n. 1, p. 91-100. São Paulo, 2005.

*Discente do Programa de Pós-Graduação de Psicologia - Mestrado; Universidade Estadual de Londrina (UEL);

E-mail: nataliadelortiz@gmail.com

**Profª. Dra. Associada do Departamento PPSIC; Universidade Estadual de Londrina (UEL);

E-mail: silvianc@uel.br

*** Prof. Dr. Associado do Instituto de Psicologia; Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ);

E-mail: viniciusdarriba@gmail.com

Considerações sobre a clínica com idosos durante a pandemia

O desejo do psicanalista & Psicanálise em tempos de pandemia

*Renata de Oliveira Fidelis Cavalcante**

Apesar da pandemia de COVID-19 ter afetado a todos coletivamente, os efeitos do isolamento social foram sentidos de forma singular. Desde o início da pandemia foi apontado que os idosos são parte da população considerada mais propensa à evolução grave desta doença e foi necessário manter o distanciamento social como importante medida sanitária. A equipe de Psicologia ofertou a possibilidade do atendimento online no ambulatório do Núcleo de Atenção ao idoso/UnATI-HUPE-UERJ. O trabalho da Psicologia neste ambulatório é orientado pela psicanálise que apresenta uma aposta de que o paciente se implique no trabalho e possa subjetivar as questões, elaborando algo de sua própria história (CASTILHO, 2016). A clínica com idosos nos coloca diante de questões que dizem respeito ao sujeito que não envelhece e às especificidades desta clínica na qual as incidências de um real se colocam de forma mais escancarada exigindo um trabalho psíquico diante de um acréscimo pulsional (MUCIDA, 2006). As perdas que em geral se intensificam com o envelhecimento podem desencadear um processo de luto que traz efeitos para o sujeito. Segundo Messy (1999) há uma relação entre um luto difícil não elaborado e um quadro depressivo e demencial. Através de fragmentos de um caso clínico veremos que a pandemia impactou nas dificuldades em torno da elaboração do processo de luto. Será trazida a dificuldade que se colocou para uma filha de contar à mãe sobre a morte do seu filho e a complexidade desta questão. No entanto, como o quadro clínico que se agravava parecia estar diretamente relacionado à angústia de não ter notícias do filho que havia sido internado com COVID, ela decidiu dar a notícia, contando com o suporte da equipe. A paciente pôde falar desta perda em alguns atendimentos. A sustentação da escuta foi possível através da ética da psicanálise, ética do desejo. Através da própria análise, pode advir o desejo do analista, desejo advertido, já que ele se encontra com a impossibilidade de desejar o impossível e pode conduzir uma análise fora do campo dos ideais (LACAN, 1959-1960).

Palavras-chave: Clínica com idosos; pandemia; luto; desejo do psicanalista.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Glória. Por que psicanálise em um ambulatório de geriatria/gerontologia? In: Bernardo, Maria Helena; Motta, Luciana. (Orgs). Cuidado e interprofissionalidade – uma experiência de atenção integral à saúde da pessoa idosa (Núcleo de Atenção ao Idoso/UnATI-HUPE-UERJ). Curitiba: CRV, 2016. p. 323-348.

LACAN, Jacques. A ética da psicanálise [1959-1960]. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
MESSY, Jack. Desmentir a demência. In: A pessoa idosa não existe. São Paulo: Editora: Aleph, 1992.

MUCIDA, Ângela. O sujeito não envelhece – Psicanálise e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

*Psicóloga do Núcleo de Atenção ao idoso/UnATI-HUPE-UERJ. Supervisora e preceptora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica Institucional – Modalidade Residência Hospitalar do IP-UERJ e da Residência Multiprofissional em Saúde do Idoso/NAI/UnATI/UERJ. Mestra em Psicanálise pela UERJ.
E-mail: renata-of@hotmail.com

Entre esperas e lembranças: tempo, fotografia e um quê de real verde-oliva

O conceito de objeto na teoria psicanalítica & Psicanálise em tempos de pandemia

*Tarcísio Greggio**

De acordo com os números oficiais, o Brasil caminha em direção à angustiante marca de 600.000 vidas perdidas para a Covid-19, e deverá ter ultrapassado essa fronteira no momento em que o Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ promove um evento dedicado à memória de Diana Rabinovich e à presença da psicanálise (e, portanto, de psicanalistas) em nosso continente. O que me levou a recuperar o ensaio abaixo, primeira versão do texto de abertura da exposição virtual “E agora? O Brasil e a pandemia de Covid-19 em 24 fotografias de Ale Ruaro”, inaugurada em agosto de 2020 no Memorial da República Presidente Itamar Franco, da UFJF, do qual fui diretor até meados de 2021. Escolhi 3 entre as 24 fotografias da mostra para ilustrar essa versão do texto apresentada ao XV Simpósio Internacional do PPG em Psicanálise da UERJ, bastante ampliada (e revista) em relação à que foi incorporada à exposição. Alê Ruaro é responsável por um dos trabalhos mais genuínos e eloquentes que eu já tive o prazer de conhecer. Trata-se, em seu núcleo, de um convite para refletir sobre o que a fotografia, objeto de minha pesquisa de doutorado, pode revelar sobre o tempo. Nossa reflexão parte de um fato que qualquer leitor poderá confirmar ao bater os olhos em um álbum de família, com suas imagens carregadas de um afeto sempre presente, que embaralham esperas e lembranças em mil e uma badaladas descontínuas: talvez um pouco como a fala que anina nossas análises, toda fotografia é atual.

Palavras-chave: Fotografia; Tempo; Psicanálise; Pandemia

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: Nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- MILLER, Jacques-Alain. **A erótica do tempo**. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, 2000.

*Doutorando em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em cotutela com a Universidade Côte d’Azur; ex-diretor do Memorial da República Presidente Itamar Franco (UFJF).

Há laço? Os impasses do amor em tempos de aplicativos de relacionamento

O desejo do psicanalista & Laço social e gozo: impasses da atualidade na clínica

Livia Barbosa Corrêa*

Cristiane Marques Seixas**

Este trabalho versa sobre o mal-estar escutado na clínica frente às novas modalidades de enlace amoroso que tomam como suporte os aplicativos de relacionamento como o Tinder³. Nossa premissa é que apesar da interação mediada pelas telas implicar certas inflexões no laço amoroso, essa modalidade de encontro não subtrai os impasses próprios ao amor. Parte-se da teoria dos discursos de Lacan (1969/70), na qual o discurso como laço social é um modo de aparelhar o gozo com a linguagem, na medida que a inserção do sujeito na civilização implica um enquadramento da pulsão que resulta em perda de gozo, para interrogar em que medida a emergência desses aplicativos obedece a uma lógica capitalista neoliberal que visa elidir a falta, oferecendo a completude do encontro amoroso num simples arrastar da tela. Tomaremos como fio condutor a proposição de que o discurso do capitalista (LACAN, 1972/78) foraclui a castração inviabilizando o próprio laço social, promovendo, em contrapartida, uma nova economia libidinal, uma nova relação entre o sujeito e o modo de gozar, que é caracterizada por um tipo de satisfação que não passa pelo Outro e, por isso, deixa ao sujeito um gozo autista. Tão característico das sociedades neoliberais, o discurso do capitalista, ao produzir sujeitos insaciáveis em sua demanda de consumo, propõe a estes sujeitos, objetos de gozo – os *gadgets* – que visam saturar a sua falta com a ilusão de que poderão encontrar neles sua satisfação. Podemos pensar os aplicativos como gadgets, na medida em que se oferecem como a promessa de felicidade plena “sem estresse, sem rejeição”, provocando assim um consumo avassalador de relações prêt-à-porter, sem garantias de passar da tela à concretude do encontro em presença, haja vista que o encontro amoroso é o encontro faltoso por excelência.

Palavras-Chave: Laço social; discurso capitalista; aplicativos de relacionamento; amor.

REFERÊNCIAS

LACAN, J. (1969/70) *O Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. _____. (1972/78) *Do discurso psicanalítico*. In: Conferência de Lacan em Milão, 12 de maio de 1972. Tradução: Sandra Regina Felgueiras.

* Mestranda em Pesquisa e Clínica em Psicanálise; UERJ;

E-mail: livia.psi@gmail.com

** Doutora em Teoria Psicanalítica; UFRJ;

E-mail: cris.marques.seixas@gmail.com

O laço possível entre psicanálise e psiquiatria: uma experiência

Modos lógicos do amor de transferência & Laço social e gozo: impasses da atualidade na clínica

Adriana Dias de Assunção Bastos*

Bárbara Manfroni Amaral de Souza**

Em 2018, assumimos o cargo de Técnico Universitário Superior (TUS) em Psicologia Clínica, na Unidade Docente Assistencial (UDA) de Psiquiatria no Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE-UERJ). Desde então, temos trabalhado na assistência aos pacientes e na docência da UDA. Além das aulas, há um horário destinado à supervisão clínica. Nesse trabalho pretendemos abordar os modos de transferência possíveis tanto na relação entre profissionais, como deles com seus pacientes. Portanto, a transferência de trabalho; e a transferência como se apresenta na clínica. Uma não deixando de estar associada à outra. O espaço de supervisão é privilegiado, mas não é o único, no sentido da contribuição da psicanálise para a formação dos alunos da UDA. A angústia é algo que os assola desde o primeiro momento de contato com a clínica psiquiátrica, e o espaço de supervisão permite que se possa falar da clínica e de suas dificuldades com o diagnóstico. O conceito de transferência se revela fundamental na interlocução com esses alunos, tanto no sentido de os aproximarem da clínica psiquiátrica, como por lhes permitir se sensibilizar com relação a questões levantadas pela psicanálise, como os campos do sujeito, da estrutura, do gozo, etc. Participamos também das supervisões médicas que ocorrem todos os dias antes de se dar início aos atendimentos médicos, o que têm se mostrado de suma importância, não apenas no sentido de nos inteirarmos do discurso médico vigente, inclusive como um lugar de aprendizado, mas também como possibilidade de introdução do discurso do analista nesse espaço que nos demanda um manejo bastante delicado, dependendo do supervisor. Como nos adverte Alberti, “O psicanalista deverá estudar a melhor forma de sua intervenção, pois sua relação com o hospital é contingente, permanecendo a pergunta sobre a possibilidade de ele se tornar agente” (2000, p. 39). Objetivamos verificar a possibilidade de um agenciamento do discurso pelo psicanalista nessa instituição pública de saúde, os entraves e avanços possíveis na articulação desses dois saberes –psicanálise e psiquiatria. Ou seja, quais as diferentes formas de laço social presentes na UDA, o tratamento do gozo possível e os impasses com os quais lidamos na atualidade de nossa clínica.

Palavras-chave: Psicanálise; Psiquiatria; transferência; laço social.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, S. Psicanálise: a última flor da medicina. In: ALBERT, S. & ELIA, L. (Org.). *Clínica e Pesquisa em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.
- BASTOS, A.; FERREIRA, P. *Psicanálise e toxicomania: desafios na assistência pública*. Curitiba: Juruá, 2012.
- FREUD, S. (1915 [1914]). Puntualizaciones sobre el amor de transferencia. In: *Obras completas*, volumen XIV. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2006.
- _____. (1930). El malestar en la cultura. In: *Obras completas*, volumen XXI. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2006.
- LACAN, J. (1966). O lugar da psicanálise na medicina. *Opção Lacaniana*. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise n.32, pp. 8-14, 2001. São Paulo: Eolia

RABINOVICH, D.S. *Modos lógicos del amor de transferencia*. 1ª edición digital - Buenos Aires: Manantial, Edição do Kindle, 2015.

SOLER, C. O “corpo falante”. *Caderno Stylus*. Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano/ Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Rio de Janeiro, 2010.

TENÓRIO, F.; COSTA MOURA, F.; LO BIANCO, A.C. Tradição clínica da psiquiatria, psicanálise e práticas atuais em saúde mental. *Revista de Psicologia da USP*, vol.28, no 2, 2017, pp. 206-13.

*Doutora em psicanálise pela UERJ. UDA de Psiquiatria (HUPE/UERJ).

E-mail: adrianadab@gmail.com

**Doutoranda em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. UDA (HUPE/UERJ).

E-mail: bmasouza@gmail.com

Oficinas literárias em saúde mental: da solidão do gozo aos enlaces

Clínica das pulsões & Laço social e gozo: impasses da atualidade na clínica

Manoela Nunes de Freitas*

Este trabalho apresenta meu percurso de pesquisa e seus resultados parciais, onde investigo a relação entre escrita e laço nas psicoses a partir da minha experiência como coordenadora de uma oficina de escrita de jornal em um CAPS III. Primeiro, conclui que o ato de escrever, assim como o delírio, contribui para a *constituição do corpo* nas psicoses, visto que, em ambos, pode-se reinvestir a libido que fora retirada dos objetos e realocada no eu (FREUD, 1911/2006) e retomar os investimentos que foram rompidos, dando um destino ao gozo que acomete o corpo, circunscrevendo-o e o ligando à palavra. No entanto, percebi que a prática coletiva com a escrita possibilitou, além disso, uma relação mais apaziguada também *com os outros*, tornando mais fácil a convivência entre os usuários da oficina e formando um grupo. Assim, surgiu a seguinte pergunta: o que enlaça esse grupo composto, em sua maioria, por psicóticos com dificuldades no laço? Freud (1912) apontou as dificuldades na transferência com as psicoses como um ponto de difícil manejo. No *Mal-estar* (1930[1929/2006]), percebeu que, devido a pulsão de morte, as dificuldades no laço estão colocadas para todos os homens, sendo preciso, a todos, inventar uma distância em relação a força desagregadora dessa pulsão. Segundo Lacan (1972-73), essa distância é possível graças ao trabalho de *articulação da linguagem*, que opera como um aparelho de gozo, regulando-o. A entrada nos discursos, considerados como formas de laço social, é a maneira pela qual os neuróticos organizam o gozo instaurado pelo encontro com a *lalíngua*. Trata-se de uma maneira de um significante se ligar a outro e do gozo ter um lugar delimitado sob a forma do objeto *a* separado do corpo. Em relação as psicoses, quais são os enlaces possíveis, visto que nessa estrutura não se recorre a “discursos estabelecidos” (LACAN, 1966, p.475)? Nossa hipótese é a de que as práticas da oficina – escrita, leitura, publicação dos textos, coordenação/curadoria – serviram aos seus participantes como reguladores da linguagem e do gozo, pois elas possibilitaram, a cada um, a construção de um *saber-fazer* com *lalíngua*, formando um espaço que pôde acolher e propiciar formas inéditas de enlaçamento social.

Palavras-chave: psicose; gozo; escrita; laço.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (2006). *Edição Standard Brasileira de Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB)*, Rio de Janeiro: Imago, 24 vols.

_____. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides). p.15-89, vol. XII.

_____. (1912). A dinâmica da transferência. p. 109-119, vol. XII.

_____. (1930[1929]) O mal-estar na civilização, vol. XXI, p. 67-148.

LACAN, J. (1966) O Aturdido. In: _____. *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 448-497, 2003.

_____. *O Seminário, Livro 17 – O avesso da psicanálise* (1969-70). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

_____. (1972-73) *O Seminário, Livro 20 – Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

*Doutoranda em Teoria Psicanalítica; IP/UFRJ;

E-mail: manoelanfreitas@gmail.com

A entrada de um mundo inteiro no caminho da segregação

A teoria do Eu na obra de Jacques Lacan & Laço social e gozo: impasses da atualidade na clínica

Raquel Marinho*

O trabalho que pretendemos apresentar é parte de nossa pesquisa de doutorado. Explicaremos o percurso da formulação de Lacan (1967a/2003, p. 367), em “Alocução sobre as psicoses da criança”, de “entrada de um mundo inteiro no caminho da segregação”, que acaba insinuada como generalização da criança, mas que concluímos como generalização adolescente (Marinho, 2020). Utilizando-nos da própria Psicanálise como método de investigação, sublinharemos as principais lacunas no texto: o advento, com a Ciência Moderna, da ideia de indivíduo e a ausência de uma simbolização da castração, que aparece nos ritos de iniciação à vida adulta, presentes nas sociedades tradicionais. Isso nos permite esclarecer a indicação lacaniana da chegada de um tempo, permeado pelos meios de comunicação de massa (1967b), em que a cultura passa a tratar a condição humana, de castração, eminentemente pela via da identificação imaginária, quer dizer, alienando os sujeitos à imagem de unidade corporal, que sugere a completude e, conseqüentemente, a desobrigação da sociabilidade. Também permite inferir como Lacan, mirando-se na juventude francesa, preste a eclodir em “Maio de 68”, percebe a insuficiência dos identitarismos e, portanto, a necessidade de ultrapassagem da ação psicanalítica para além do Édipo freudiano, isto é, para além da identificação dos sujeitos ao significante fálico como resposta ao desejo do Outro. Nesse sentido, propõe uma prática, de fato, anti-segregativa, que se faz, não mais por via da alienação a um saber estabelecido, mas por via da operação de separação, que permite a construção de ficções singulares, de saberes subjetivos.

Palavras-chave: Segregação; Ciência Moderna; adolescência; ritos de iniciação.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos*. Tradução de J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1989, Vol. VII, pp. 117-228
- LACAN, J. Alocução sobre as psicoses da criança (1967a). *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, pp. 359-368.
- LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica (1949). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, pp. 96-103.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 10: A angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 17: O avesso da Psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.
- LACAN, J. Pequeno discurso aos psiquiatras. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/270116905/Discurso-Aos-Psiquiatras> (1967b). Acessado em: 06/01/2017.
- LAURENT, E. Existe um final de análise para crianças. *Opção Lacanian no 10*. São Paulo: Eolia, 1994, pp. 24-33.

MALRAUX, A. *Antimemórias* (1968). São Paulo: Difusão européia do livro.

MARINHO, R. M. *Adolescente generalizado? Um estudo sobre a noção de segregação em Jacques Lacan*. Tese de doutorado (2020). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MEAD, M. *Coming of age in Samoa: A psychological study of primitive youth for western civilization* (1928). New York: Perennial Classics, 2001.

*Psicóloga clínica, psicanalista, mestre em Psicologia Social pela PUC-SP e doutora em Psicologia pela UFMG, na área de concentração em Estudos Psicanalíticos.

E-mail: raqueldemelomarinho@gmail.com

Hospital Colônia de Barbacena: interloquções entre os conceitos de segregação e unheimlich

O conceito de objeto na teoria psicanalítica & Sociedade, Política e Instituições

*Thais Barros de Andrade**

O presente trabalho busca articular uma relação entre a história do Hospital Colônia de Barbacena (HCB) e a noção de segregação em Lacan juntamente ao unheimlich, em Freud (1919). Esta investigação tem o objetivo de pensar a conduta exclusiva e negligente do HCB, tendo em vista que, devido aos modos de gestão da instituição, calcula-se que mais de 60 mil pacientes perderam suas vidas ao longo de mais de oito décadas. Propõe-se também que essa temática nos auxilie a compreender de que maneira se dá esse jogo de violência e omissão visto no hospital, analisando suas condutas como consequências da relação da sociedade com o unheimlich, um incômodo que não pertence, que diz respeito a algo que parece estranho, mas muito tem a ver com algo em nós. Assim, trazendo o conceito em Freud, faz-se a indagação: seria o Colônia um depósito dos incômodos? Isso porque, no HCB as pessoas eram internadas compulsoriamente e oprimidas com a conivência do Estado, e muitas delas nem mesmo possuíam algum diagnóstico (ARBEX, 2013). Faz-se, assim, uma relação à segregação que é colocada em evidência quando há a eliminação do que é insuportável ao gozo, situação na qual o estranho é posto em uma posição êxtima. Além disso, Lacan propõe que é na origem da fraternidade, que se instaura a segregação e que o discurso é aquilo que faz laço social (LACAN, 1992). Assume-se, assim, a premissa de que não há laço social sem exclusão e segregação, uma vez que não existe gozo social unificado, mas sim diversas modalidades de gozo eleitas em cada cultura. Nesta linha explica-se que há uma falácia quando é feito o engodo de que os sujeitos possuem o mesmo acesso ao gozo, isso por si só produz segregação, pois nem todos têm tal acesso. Por fim, compreendendo a segregação como um efeito de discurso e do apagamento do que é incômodo, faz-se uma articulação em relação ao unheimlich, por meio do que escreve Soler: “a segregação é uma via de tratar o insuportável, o impossível de suportar” (SOLER, 1998, p. 46).

Palavras-chave: Hospital Colônia de Barbacena; Unheimlich; Segregação; Psicanálise.

REFERÊNCIAS

ARBEX, D. O holocausto brasileiro: vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

COUTO, R. O que pode a clínica psicanalítica contra a violência da Segregação: comentário de um caso clínico. Comunicação oral apresentada no III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, Niterói, 2008.

*Mestranda em Psicologia Clínica; Universidade de São Paulo;
E-mail: thaisbarros.andrade@usp.br

Entre França e Brasil: uma psicanálise e uma escrita *não-toda*

O desejo do psicanalista & Laço social e gozo: impasses da atualidade na clínica

Fabiana Rodrigues Barbosa*

Ivan Ramos Estevão**

Este trabalho aborda implicações teóricas e clínicas de dimensões do *não-todo*, conforme trabalhado no *Encore*, o *Seminário 20* proferido por Lacan (1972-73/2010) no mesmo ano em que Lispector publicou *Água viva* (1973/1993). O campo conceitual são formulações lacanianas que propõem o além da norma fálica como “não existe *A* mulher”; “a mulher não é toda” (LACAN, 1972/2010, p.18); “não há relação sexual” (Idem, p. 21); tendo como operadoras de leitura as modalidades de gozo. *Encore* prepara questões ao fim da obra lacanianas como o nó borromeano, a intangibilidade do Real e o fim de análise. Propomos sua articulação com a obra brasileira *Água viva*, produzida em meio ao acirramento da ditadura militar e tida por *Hélène Cixous* (1979), interlocutora de Lacan da segunda onda do movimento libertário feminista na França, como “inscrição de uma feminilidade libidinal no nível formal” e “subversiva em relação à mentalidade média” (2012, Partimos de um evento clínico – falas de analisantes –, cujas compreensões teóricas podem contribuir à direção dos tratamentos (LACAN, 1958/1998) no campo laciano. O *não-todo* acolhe o Real incompreensível, fora de sentido, e no campo social fura lógicas de dominação antidemocráticas. A pesquisa, oriunda de um mestrado em curso, é teórica e qualitativa, cotejando os textos dos dois autores com apoio de comentadores. Sustentamos que tais obras ex-sistem excentricamente uma à outra, permeadas pela noção de *não-todo*. A análise leva em conta contexto sociocultural e biográfico dos autores, relações entre os escritos, o que deles se esperava e se compreende, a partir de nossa implicação subjetiva. Seria então possível inferir função clínico-social ao *não-todo*, com *Água viva*? Pode a obra ser tomada como arte que aponta para o Real (VALLE, 2007), que não se submete à repressão e à servidão? Este enlace entre Lacan (1971/2009; 1972a; 1972b; 1972c/2003; 1966/1998; 1964/2003; 1967/2003; 1970/2003; 1967/2003) e a escrita de Lispector pode contribuir à transmissão de um saber *não-todo* em Psicanálise?

Palavras-chave: Psicanálise; Lacan; gozo; *não-todo*.

REFERÊNCIAS

BADIOU, A. **Em busca do real perdido**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CARREIRA, L. B. **Os tempos da escrita na obra de Clarice Lispector**: no litoral entre literatura e psicanálise. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2014.

CIXOUS, H. A arte de Clarice Lispector. In: MILAN, B. **A força da palavra**. p. 79-92. Rio de Janeiro: Record, 2012.

CIXOUS, Hélène. **L'heure de Clarice Lispector**. Paris: Des Femmes Editions, 1979.

COSSI, R. K. **Lacan e o feminismo**: a diferença dos sexos. São Paulo: Anablume psicanalítica, 2018. COUTINHO JORGE, M.A. Clarice Lispector e o poder da palavra. In: DIDIER-WEILL, A. **Nota azul**: Freud, Lacan e a arte. p. 71-78. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014.

FREUD, S. O delírio e os sonhos na gradiva de W. Jensen. In: **Obras completas**. v. 8. São Paulo: Companhia das Letras, 1907/2015.

- FREUD, S. O escritor e a fantasia. *In: Obras completas*. v. 8. São Paulo: Companhia das Letras, 1908/2015.
- FREUD, S. O eu e o isso. *In: Obras Completas*. V. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 1923/2011. GARIN, L. A hora da estrela. *In: Podcast da Clarice*. São Paulo: Rocco, 2020.
- LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1958/1998.
- LACAN, J. Alocução sobre o ensino. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970/2003.
- LACAN, J. Ato de fundação. *In: Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964/2003.
- LACAN, J. **Encore**. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 1972-1973/ 2010.
- LACAN, J. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. *In: Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972a/2003.
- LACAN, J. Lituraterra. *In: Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971/2003.
- LACAN, J. O Aturdido. *In: Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972c/2003.
- LACAN, J. O engano do sujeito suposto saber. *In: Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967/2003.
- LACAN, J. **O seminário, livro 18, de um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1971/2009.
- LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967/2003.
- LISPECTOR, C. **Água viva**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993/1973.
- MILAN, B. **A força da palavra**. P. 79-92. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- MOSER, B. **Clarice, uma biografia**. São Paulo, Cosac Naify, 2009.
- POMMIER, G. **A exceção feminina: os impasses do gozo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985/1991.
- PRATES, A. L. **Feminilidade e experiência psicanalítica**. São Paulo: Larvatus Prodeo, 2019.
- RABINOVICH, D. **A significação do falo - uma leitura**. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2005.
- SCOTTI, S. Culpa e Gozo, Psicanálise e Literatura. *In: Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1). p. 217-221, 2003.
- TV BRASIL. **Atrás do pensamento de Clarice**. Reportagem de 20/12/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1K0TtkOmjaM>. Acesso: 20/11/2021.
- TV CULTURA. Entrevista com Clarice Lispector. Parte 3. *In: Panorama*, 1977-C. Disponível em: https://youtu.be/2Orgxd9bD_c. Acesso: 20/11/2021.
- VALLE, A.M. Beirar o impossível: a escrita de Clarice Lispector e o Real. *In: COSTA, A.;*
- RINALDI, D. (orgs.). **Escrita e Psicanálise**. p.121-128. Rio de Janeiro: Cia de Freud: UERJ, Instituto de Psicologia, 2007.

*Psicóloga, psicanalista, mestranda em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia Universidade de São Paulo, Brasil. Bolsista CAPES.

E-mail: barbosafabianarodrigues@usp.br

** Psicanalista, doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo, Brasil. Professor Pesquisador do Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo.

E-mail: irestevao@usp.br

Resumo de "O Desejo do Psicanalista e o Comum"

Desejo do Psicanalista/ Laço Social e Gozo: impasses na atualidade da clínica

Augusto Ribeiro Coaracy Neto

Nesse trabalho, proponho discussões em torno de uma psicanálise em perspectiva pública. Mais especificamente, me ocupo de pesquisar e pensar as práticas dos coletivos de psicanálise que surgem desde 2016 no Brasil, operando através da prática clínica sem a mediação de dinheiro e através da ocupação de territórios, estes concernidos com impasses locais e históricos, tais como as desigualdades de classe, raça e gênero. Primeiro, trabalho a ideia de Elia que aproxima a noção de público com a de inconsciente: ambas as noções não trazem qualidades prévias, são desprovidas dos valores do signo, de valores e identidades a priori. Assim, aponto que tanto o público quanto o inconsciente, por trazerem sobredeterminações históricas que, no entanto, não constituem uma qualidade prévia, podem ser passíveis de disputa e de certa plasticidade, o que aponta para a possibilidade de transformação. Seguinte, procuro amarrar as noções de comum, de coletivo, de solidão e de causa do desejo, todas essas marcando um esforço por não dobrarem-se ao campo de uma identidade massificante ou qualquer dos modos típicos no capitalismo de capturar movimentos emancipatórios, transformando-os em mais um modo de capitalização. As noções de comum e desejo do psicanalista são mais detidamente exploradas neste trabalho, por ser possível a partir delas o estabelecimento de laços sociais apoiados em um vazio ou em um não saber, elementos que operam diferenças com o ideal do Eu, este que estabelece o modo de identidades típicas de uma massa. O comum que tomamos para discutir a perspectiva pública da psicanálise está mais próximo ao vazio e ao não-saber, tomados como passíveis de causar e instigar, tal como é a noção de desejo do psicanalista. Ou seja, tanto o desejo do psicanalista, como o comum, se podem ser nomeados como tal apenas a posteriori e contingencialmente, sem garantias prévias, podem também dar sustento para o risco que é a constituição de transferências em perspectiva pública, numa inventividade para estabelecer o laço social psicanalítico em territórios diversos, esse laço social que pode servir de meio para uma enunciação singular e emancipatória.

Palavras-chave: comum; desejo do psicanalista; público; coletivo.

Considerações sobre o encontro entre Psicanálise e Saúde Mental a partir do Desejo do Analista

O desejo do psicanalista & Laço Social e Gozo: impasses da atualidade na clínica

Enzo Cléto Pizzimenti

Tem-se no trabalho em instituições um dos importantes campos de atuação para o psicanalista. Posto isso, avançamos em direção à Saúde Mental e seu paradigma contemporâneo referido à Reforma Psiquiátrica – ainda que sob franco ataque de um movimento de contrarreforma, a fim de pôr em relevo aspectos convergentes e divergentes no que dizem respeito ao lugar dado à *falta-a-ser* como ponto de partida e horizonte de tratamento, tanto dentro do próprio discurso sustentado por psicanalistas que trabalham em instituições, como no discurso inaugurado a partir das novas Políticas Públicas, implementadas em abril de 2001 que regulamenta um novo modelo de tratamento junto à Saúde Mental. Um dos impasses identificados, seja no trabalho em equipe, como no trabalho de escuta de um paciente, pode ser aproximado com algo que indicamos ter sua origem no que Freud apontou como campo essencialmente marcado pelo *infamiliar*, já que suscita tanto na equipe, como nos demais pacientes do grupo, algo da ordem de uma angústia que diz desta aproximação com o irredutível desarvorado do desejo. Frente a isso, verifica-se uma maneira recorrente de se responder ao estabelecimento da transferência – com ojeriza, resistência e pavor, indo ao encontro do que desde Lacan é indicado como produto de uma certa maneira como os psicanalistas se organizaram enquanto grupo, bem como a relação que estabeleceram, desde Freud, com a técnica analítica e a direção do tratamento: ambos convertidos em exercício de poder. Frente a isso, o presente trabalho tem por objetivo propor uma discussão acerca dos destinos possíveis do tratamento em instituições, quando sustentado tendo o desejo do analista como eixo condutor do tratamento, referido à Política da *falta-a-ser*, seja no que diz respeito à clínica em intensão como em extensão. Lançamos mão da diferenciação proposta por Lacan (1959-1960) entre a busca pela felicidade, norteadas pela ética aristotélica, de uma ética que tem em seu cerne *das Ding* e o impossível inerente ao desejo, como orientação para os impasses colocados por Freud em artigos como *Sobre a dinâmica da transferência* (1912) e *Caminhos da terapia psicanalítica* (1919[1918]) que se mostram tão atuais. Desta forma, prefigura-se como maior desafio na clínica que se pratica em Saúde Mental, o manejo junto à ética da Psicanálise, aliado aos importantes direitos conquistados, sobretudo a partir do movimento de luta Antimanicomial brasileira, junto às Políticas Públicas. Por fim, apontamos a explícita potência Política existente na *práxis* psicanalítica, desde que orientada tendo na *falta-a-ser* a advertência máxima frente aos entraves e dificuldades sempre que ao menos um analista sustentar um espaço de fala e escuta em uma instituição.

Palavras-chave: Psicanálise; Saúde Mental; Desejo do Analista; Resistência

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. (1910) “As perspectivas futuras da terapia psicanalítica”. In: *Obras psicológicas completas*. Edição Companhia das Letras. Vol. 9. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- _____. (1912) “Sobre a dinâmica da transferência”. (Trad. Claudia Dornbusch). In: P. H. Tavares; G. Iannini (Orgs.). *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. (1919) “Caminhos da terapia psicanalítica”. (Trad. Claudia Dornbusch). In: P. H. Tavares; G. Iannini (Orgs.). *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LACAN, J. “A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958)”. In: *Escritos*. (Trad. Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

_____. (1956) “A situação da Psicanálise em 1956”. In: *Escritos*. (Trad. Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

_____. *Seminário VII – A ética da Psicanálise (1959 - 1960)*. (Trad. Antônio Quinet). 2a ed.

**Lacan na América Latina:
uma homenagem a**
Diana Rabinovich



E-PÔSTERES

Ocupação Psicanalítica em Minas Gerais

O desejo do analista & Segregação, Racismo e Estudos Decoloniais

*Andréa Máris Campos Guerra**

*Dalila Rodrigues de Amorin***

*João Pedro de Souza Salgado****

O reconhecimento de que a nossa história foi construída sobre as bases da desigualdade que reservou à população negra o lugar da classe social subalternizada com precarizações diversas, nos convoca a pensar que o tempo urge diante de ações efetivas atentas a esta realidade. O coletivo Ocupação Psicanalítica propõe uma subversão conceitual da Psicanálise, mantendo os princípios orientadores da ética do desejo, enlaçada e orientada por uma prática com o inconsciente que implica a decolonização das instituições, dos laços e da clínica, de modo a escutar os efeitos nefastos da colonização, arraigados no laço social brasileiro, que tem em sua estrutura discursiva o racismo como sustentação. O projeto se orienta pela psicanálise lacaniana e pela experiência do inconsciente, articulando campos diversos, como a Escrivência de Conceição Evaristo (2015). Seus objetivos são a organização de uma clínica antirracista com atendimento psicanalítico à população negra, a construção de um saber antirracista inovador em psicanálise e a difusão do saber antirracista através de cursos e eventos. Desde novembro de 2020 até hoje, o Ocupação Psicanalítica se fortaleceu como coletivo, ampliou suas pesquisas clínicas e melhor capacitou sua equipe e colaboradores, atuando hoje em Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e, mais recentemente, na Bahia. A mobilização abrange tanto ações clínicas individuais quanto ações coletivas, articuladas a movimentos sociais e grupos de resistência, como quilombos urbanos, coletivos negros universitários, estudantes imigrantes de África e o MST. Nosso projeto, que recolhe os efeitos invisibilizados do enquadre colonial do mal estar e do sofrimento psíquico de sujeitos negros (SOUZA, 2021), buscará discutir também modos para seu enfrentamento. Nossa hipótese é a de que o enquadre imperial (I(A)) de leitura do sofrimento psíquico no mal estar colonial, ao invisibilizar o regime de opressão, racismo e sexismo, cria uma lente que o concebe como anormalidade, desvio, crime ou violência, reproduzindo a opressão que o adocece psicicamente.

Palavras-chave: psicanálise; antirracismo; clínica; transmissão.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, C. **Seminário Nacional e Internacional Mulher & Literatura**. Caxias do Sul, 2015.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

* Psicanalista e professora; Universidade Federal de Minas Gerais;
E-mail: andreamcguerra@gmail.com

** Graduanda em Psicologia; Universidade Federal de Minas Gerais;
E-mail: dalilamorin@gmail.com

*** Graduando em Psicologia; Universidade Federal de Minas Gerais;
E-mail: jpsalgado99@gmail.com

Psicanálise, racismo e pensamento decolonial

Eixos Temáticos: Clínica das pulsões & Segregação, Racismo e Estudos Decoloniais

*Carla Cristina Karpem**

*Elaine Cristina Schmitt Ragnini***

O presente trabalho teve por objetivo principal investigar, de maneira exploratória, as possibilidades teórico-práticas de articulação entre psicanálise e teorias pós-coloniais. Para tanto, analisamos possíveis contribuições do pensamento decolonial, antirracista e intercultural à prática clínica e à teoria freudo-lacaniana. A fim de alcançar nosso objetivo geral incluímos, como primeiro objetivo específico, apreender o entrelaçamento de ambos os elementos (psicanálise e colonialidade) a partir do fenômeno do racismo. Assim, como segundo objetivo específico, situamos, por um lado, a problemática no campo da dinâmica psíquica e do inconsciente; por outro, relacionamos o problema de pesquisa aos conceitos psicanalíticos em sua interface com os fenômenos sociais. Por se tratar de uma pesquisa de natureza teórica, que privilegia os aspectos qualitativos, foi utilizada a metodologia de revisão bibliográfica. Nossa investigação transitou por alguns temas importantes, dentre os quais: a questão identitária (identificação ao ideal de branquitude), a linguística (a língua e o discurso como instrumento colonizador) e o gozo racista. Ao pensarmos no Brasil como país que mais recebeu pessoas negras escravizadas e que, ao mesmo tempo, renega parte de sua história, ocultando feridas históricas sob o mito da democracia racial, a reflexão sobre como o racismo atravessa as subjetividades (brancas e pretas) é fundamental. Neste sentido, faz-se primordial e urgente a promoção, desde o lugar do analista, de uma escuta atenta ao sofrimento racial de sujeitos negros. Em síntese, concluímos que o diálogo da psicanálise com outros campos do saber (tal como a sociologia, a história e a filosofia) é fundamental para a promoção de avanços da técnica. Por fim, para além do diálogo interdisciplinar, a pesquisa se mostra relevante por abranger novas questões diante das quais a psicanálise é (cada vez mais) convocada a responder, tanto a nível do cotidiano da clínica, quanto a nível teórico, a fim de estar atenta ao horizonte da subjetividade de nossa época.

Palavras-chave: Psicanálise; Racismo; Teorias pós-coloniais; Segregação.

REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Uma dificuldade no caminho da psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. Revista Ciências

Sociais Hoje, ANPOCS, p. 223-244, 1984.

LACAN, Jean-Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSFOGUEL, Ramon (coords.). **El giro**

decolonial: reflexiones para uma diversidade epistêmica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

MILLER, Jacques Alain. **Extimidad:** los cursos psicoanalíticos de J. A. Miller. Buenos Aires: Paidós, 2010.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra.** São Paulo: N-1 edições, 2018.
_____. **Necropolítica.** Arte & Ensaios, Rio de Janeiro, n.32, pp. 123-151, dezembro, 2016.

NOGUEIRA, Isildinha B. Cor e inconsciente. In: Kon, Noemi M., Silva, Maria Lucia e Abud, Cristiane C. (orgs.). **O racismo e o negro no Brasil:** questões para a psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.) **Epistemologias do sul.** Coimbra: Almedina, 2009, p. 1, cap. 2, p. 73-118.

RIBEIRO, Mariana Mollica da Costa. Gozo racista e subversões coletivas. In: Curso de extensão online: **Ocupar a psicanálise, reflexões para uma prática antirracista,** jun. e jul. 2021. Zoom. Acesso em: 20 de jun. 2021.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1983.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”:** raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana (tese de doutorado). Universidade de São Paulo: São Paulo, 2012.

*Licenciada em Filosofia pela Pontificia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) e graduanda em Psicologia na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

E-mail: karpemcarla@gmail.com

**Doutora. Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

E-mail: elaine@ufpr.br

Psicanálise e Instituições Públicas: um fazer de giros

O desejo do psicanalista & Sociedade, Política e Instituições

Caroline Ferreira da Fonseca*

Danielly da Costa Meirelles Espindola**

Sonia Alberti***

Atualmente, observa-se uma crescente difusão da psicanálise nas instituições públicas, onde o lugar daquele que sustenta sua práxis a partir da teoria psicanalítica não é pré-estabelecido, mas surge a partir da tentativa de girar os discursos presentes nestes espaços, fazendo operacionalizar a possibilidade de uma via da escuta do *falasser*. Nos hospitais, escolas, dispositivos da assistência social, entre outros, há uma exigência de adaptação do sujeito às normas. Como sustentar uma prática clínica baseada na teoria psicanalítica que possa fazer frente ao discurso normativo que aprisiona o sujeito? Como operacionalizar giros discursivos nas equipes inseridas nas instituições públicas que possibilitem uma outra forma de escuta que não negligencie a subjetividade? Lacan (1958) apontou que com a oferta, cria-se a demanda (p.623). O analista é aquele que não recuará diante das demandas que lhe são dirigidas, fazendo fissuras nos discursos presentes na instituição, possibilitando que os membros das equipes se deem conta de novas formas de estarem ali. Como aquele que visa sustentar a clínica e teoria psicanalítica nestes espaços pode acolher a demanda institucional, aproveitando o que dela permite uma abertura às questões do sujeito? Ele insiste com sua presença, amparado pelo discurso analítico e sua ética, transformando as demandas de adaptação em “demanda na qual o sujeito se implica, passando a reconhecer-se como sujeito da fala” (ALBERTI et al, 1995, p.25). A psicanálise acolhe o que está *fora*cluído destes espaços: a subjetividade, favorecendo um espaço para o sujeito fale. É possível dizer que a psicanálise se sustenta operando fissuras nas bases sólidas das práticas institucionais. Na medida em que sua práxis se ancora em um discurso único e estrangeiro aos discursos multiprofissionais, a psicanálise se torna possível nas instituições, tal como as formigas que adentram as brechas. Aquela que pretende estar ancorado pelo discurso psicanalítico cava furos pequenos, mas insistentes, nas paredes institucionais.

Palavras-chave: Demanda; Desejo do analista; Instituição.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S; SILVA, Selma Correia da ; CRUZ, J. R. ; SILVA, H. R. ; MEDEIROS, M. (1995) A demanda do sujeito no hospital. Cad. psicol. (Rio J., 1995); (1): 22-25, jan.- jun.

LACAN, Jacques. (1958) A direção do tratamento e os princípios de seu poder, p. 591-652.

*Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicanálise, Bolsista CAPES; UERJ;

E-mail: psicarolinefonseca@gmail.com

**Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicanálise; UERJ;

E-mail: danielly_meirelles@hotmail.com

***Professora Titular e Procientista da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisadora do CNPq. Preceptora da Residência em Psicologia Clínica Institucional do Instituto de Psicologia da UERJ; UERJ;

E-mail: sonialberti@gmail.com

A questão do simbólico no autismo em meio à COVID-19

A angústia e o desejo do Outro & Psicanálise em Tempos de Pandemia

*Daniel Cavalcante Moreira**

O trabalho é produto das investigações conduzidas em pesquisa de mestrado no PPGP/URFJ, relacionando-se com a emergência da pandemia de COVID-19 no ano de 2020. Usa-se a abordagem de Jean-Claude Maleval dentro da psicanálise para se aproximar da questão do autismo e da emergência da angústia na estabilização pulsional. Sendo assim, temos como objetivo o seguinte questionamento: de que maneira a temática do autismo e de sua forma de relação com o Outro, simbólico, se inserem na pandemia de COVID-19? Para tanto, será usado como metodologia a revisão bibliográfica de textos de Maleval (2017; 2015) e Laurent (2014) junto ao estabelecimento de relação com o material do Curso de Atualização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial na COVID-19 promovido pela FIOCRUZ (2020). Os achados da pesquisa de mestrado apontam na direção de que a dinâmica do funcionamento do autismo percebe a lógica simbólica do significante, transmitida pelo Outro, como circunstancial em sua função de apaziguamento da angústia pulsional (Maleval, 2015). Logo, o uso da lógica simbólica é preterida em sua primazia em proveito da dinâmica do signo. Por sua vez, o signo, em leitura linguística como feita por Lacan, funciona pela proximidade com o objeto, se caracterizando por essa relação fixa e menos instável. Por essas características, o signo é um dos componentes da borda autística, que Maleval (2018) e Laurent (2014) identificam como mecanismo de defesa do autismo contra a angústia. A instabilidade da qual o signo defende o autismo se viu abalada com as demandas simbólicas normatizadas por conta da pandemia. A cartilha da FIOCRUZ intitulada “Crianças na COVID-19” (FIOCRUZ, 2020) orienta os profissionais na direção da proposição de alternativas que possam vir a preencher a falta de estabilidade. Dessa forma, observamos que as alterações vindas da pandemia em sua associação à dinâmica do autismo são: alteração de rotinas estabelecidas em contexto normal, a manifestação de emoções relativas ao novo contexto e o favorecimento de tensões relativas ao maior tempo de convívio em um espaço limitado.

REFERÊNCIAS

LAURENT, E. **A Batalha do Autismo: da clínica à política**. 1a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MALEVAL, J-, C. Por que a hipótese de uma estrutura autística? **Opção Lacaniana**, ano 6, n. 18, nov. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2EBDZFv>>. Acesso em 17 out. 2021.

_____. **O Autista e a Sua Voz**. São Paulo: Blucher, 2017.

FUNÇÃO OSWALDO CRUZ (Fiocruz), Ministério da Saúde, Brasil. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial na COVID-19: Crianças na Pandemia**. Brasília: Fiocruz, 2020 (20pp.). (mimeo).

*Mestrando do Programa de Pós-graduação em Psicologia; UFRJ;
E-mail: dancmoreira@gmail.com

É possível uma discussão em torno das mulheres negras em psicanálise?

Sexualidade e significante & Estudos decoloniais

*Debora Lydinês Martins Corsino**

*Silvia Nogueira Cordeiro***

Sabemos que o Brasil foi o último país do mundo a abolir a escravidão, e é inegável que este lugar na história repercute até os dias atuais e reaparece quando debatemos sobre a população negra (BRAGA, 2015). Davis (2016) ressalta que no período escravocrata, o corpo da mulher negra era utilizado de acordo com a conveniência do período da escravidão. Quando era necessário maior contingente de mão de obra nas lavouras, seu gênero era anulado e ocupavam o mesmo lugar que o homem negro. Quando eram abusadas sexualmente, eram rebaixadas à condição de fêmea, afastada de um sentido humano. Em um dado período a procriação entre escravizados foi estimulada e, portanto, a mulher negra assumiu o papel de procriadora. É evidente que um corpo marcado por estas questões históricas, sociais e culturais se relaciona com o mundo de uma forma específica, pois o racismo inscreve psiquicamente significações para o negro, e conseqüentemente produz modos singulares deste se relacionar simbolicamente com seu corpo (NOGUEIRA, 1988). Nesse sentido, questionamos se haveria algo de singular na experiência subjetiva da mulher negra no que diz respeito a vivência da feminilidade. Lacan (1972-73/2008), aponta para a direção de que, não existe um significante comum para o que é ser mulher, mas sim, cada mulher se constitui uma a uma, buscando seus referenciais no laço social. Porém, sustenta-se no laço social, supostos lugares que a mulher negra ocupa, como os de babá, empregada, “favelada” e “barraqueira”, ou como um símbolo de mulher forte (FARIAS, 2018), ou seja, um não-lugar enquanto sujeito singular. A partir disso, problematizamos quais seriam os recursos possíveis para mulheres negras acessarem uma rede discursiva de significantes, para a partir da palavra atravessar aquilo que vem sendo transmitido ao longo das gerações psiquicamente e no movimento sócio-histórico. Dessa forma, a mulher negra poderia construir um discurso próprio acerca da feminilidade, para além dos difundidos no laço social.

Palavras-chave: Mulher negra; Laço social; Feminilidade; Psicanálise.

REFERÊNCIAS

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

FARIAS, Camila Peixoto. Exclusão social e invisibilidade: desdobramentos traumáticos do racismo. In: BELO, Fábio (Org). **Psicanálise e Racismo: Interpretações a partir de Quarto de Despejo**. Belo Horizonte – MG, Relicário, 2018.

LACAN, Jacques. Deus e o gozo d’A Mulher. In: _____. **O Seminário, livro**, v. 20, p. 87-104, 1985.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. Significações do corpo negro. **Universidade de São Paulo**, 1998.

* Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (PPGPSI/UUEL);
E-mail: deboralydines.mc@gmail.com

** Professora Associada do Departamento de Psicologia e Psicanálise e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (PPGPSI/UUEL);
E-mail: silvianc@uel.br

A sombra errante do Eu:

Gozo e vicissitudes clínicas dos agrupamentos sintomas na contemporaneidade.

A teoria do Eu na Obra de Jacques Lacan & Laço social e Gozo: impasses da atualidade na clínica.

*Frederico Santos Alencar**

*Odimar Araujo Feitosa***

*Maria Vitória Silva Ripardo****

Jacques Lacan retirou a psicanálise do desenvolvimentismo da Ego-Psychologie, devolvendo, à unidade imaginária do Eu, o descentramento do inconsciente freudiano, ou seja, a sua cisão constituinte: “é sempre ao redor da sombra errante do seu próprio Eu que vão-se estruturando todos os objetos de seu mundo” (LACAN, 1987/1954-1955, p. 211). Sombra errante, infamiliar, evocada pelo objeto a, conceito lacaniano forjado posteriormente, e que está no coração, no centro, da constituição do humano, pois, seguindo Freud, sendo as pulsões autoeróticas anteriores ao Eu, esta ideia “introduz o gozo no centro mesmo do Eu” (RABINOVICH, 1984, p. 84, tradução nossa). Propomos aproximar o resto gozante, que sobra e faz sombra à imagem especular Egóica, da noção de agrupamentos sintomas, cunhada por Soler (2021/2015). Aproximação que nos permite analisar o lugar da estruturação do Eu – em seu tamponamento imagético e valor pulsional – nos laços sociais, acompanhando as vicissitudes clínicas que envolvem o gozo, pois, “há algo que se instrumentaliza através do discurso e que permite um movimento no campo social, entre sujeitos, de maneira que um influi no outro” (ALBERTI, 2011, p. 298). Os agrupamentos sintomas identificam-se com um mesmo traço de gozo, por exemplo, as nomeações queer e trans. Uniões potentes no tratamento do horror do desamparo humano. Todavia, nos perguntamos sobre as consequências de tais identificações para o que Freud (1940 [1938]/2018) chamou de cisão do Eu. Da aparência de tamponamento da cisão subjetiva, a sombra errante advém como segregação. Consequência inserida na esteira do capitalismo “que impulsiona o individualismo ao extremo e que desfaz o laço social” (SOLER, 2021/2015, p. 66); razão da efemeridade dos agrupamentos sintomas: as nomenclaturas não cessam de des(a)parecer. A psicanálise, com o inconsciente revelando o avesso dos semblantes identitários (DUNKER, 2021), insiste como dispositivo capaz de escutar as sombras abjetas da civilização, mal-estar do sujeito humano, cujo centro do Eu é marcado pelo traço de gozo de cada um: cisão irreduzível.

Palavras-chave: Eu; Gozo; Identidade; Laço.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Sonia. Sintoma e Política. *Revista Mal-estar E Subjetividade*, v. 11, n. 1, p. 285-307, 2011.

DUNKER, Christian; PERON, Paula (Org.); AMBRA, Pedro (Org.). *Psicanálise e Políticas de Identidade*. In: *Provocações para a psicanálise no Brasil – Racismo, políticas identitárias, violências e colonialismo*. Rio de Janeiro: Zagodoni Editora Eirelo, 2021.

FREUD, Sigmund. A cisão do eu no processo de defesa. In: *Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2018. (Trabalho original publicado em 1940[1938]).

LACAN, Jacques. O seminário, livro 02: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. (Trabalho original publicado em 1954-1955).

RABINOVICH, Diana; MILLER, Jacques-Alain. Dos dimensiones clinicas: sintoma y fantasma; La teoria del yo en la obra de Jacques Lacan. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 1984.

SOLER, Colette. Rumo à identidade. São Paulo: Aller Editora, 2021. (Trabalho original publicado em 2015).

* Graduando de Psicologia; Universidade Federal do Ceará (UFC - Campus de Sobral);
E-mail: fredericosalencar@gmail.com

**Doutor em Teoria Psicanalítica; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ);
E-mail: odimarff@ufc.br

Graduanda de Psicologia; Universidade Federal do Ceará (UFC - Campus de Sobral);
E-mail: vitoriaripardoms@gmail.com

O desejo do analista e a migração internacional: um estudo de caso a partir da dialética da demanda e desejo

O desejo do psicanalista & Sociedade, Política e Instituições

*Gustavo Pedroso da Silva**

*Elaine C. Schmitt Ragnini***

Levando em consideração a possibilidade de certa liberdade e indeterminação que a práxis psicanalítica pode conduzir (RABINOVICH, 2000), a atual pesquisa busca identificar como responder, desde a escuta alinhada à ética da psicanálise e ao desejo do analista, às demandas ao campo institucional realizadas por sujeitos em deslocamento geográfico, submetidos à vulnerabilidade sociopolítica. Destarte, caracterizamos os aspectos éticos, políticos e econômicos da promoção do reconhecimento de imigrantes, marcados pelo índice da estrangeiridade, nas instituições sociais; identificando a moral utilitarista como substrato filosófico das práticas de organizações públicas e filantrópicas alinhadas à hospitalidade (CESARE, 2020). Ademais, cotejou-se a práxis fundada desde a moral utilitarista, alinhada a imposição de um Bem universal, e uma proposta outra de escuta, promovida pela ética da psicanálise e pelo desejo do analista. Foi utilizado como método, na atual pesquisa, o estudo de caso (NASIO, 2007); alinhado ao instrumento de escuta de corredor (GEBRIM, 2019) e tomando, como chave de leitura dos fenômenos, a dialética lacaniana da demanda e desejo (LACAN, 1958-59/2016). A partir do caso em questão, o atendimento psicossocial a um solicitante de refúgio venezuelano, compreendemos a instituição como espaço significante de circulação de demandas de assimilação, por parte da política da organização e seus agentes, e demandas de reconhecimento, presentes nas solicitações de sujeitos em deslocamento. O ensino lacaniano situa, entretanto, um fracasso pré-formado neste encontro entre demandas (LACAN, 1960-61/1992), sinalizando a experiência do desejo inconsciente. Apontamos, por fim, que se abre neste fracasso a possibilidade do sujeito assumir sua própria determinação frente ao desejo do Outro, construindo, nesta assunção, uma margem de liberdade. Promovendo, a partir da aposta de presentificação do desejo do psicanalista na instituição, uma abertura à dimensão do desejo e a expansão do campo da fala.

Palavras-chave: Desejo do Psicanalista; Dialética do Desejo; Migração; Estudo de caso.

REFERÊNCIAS

GEBRIM, Ana Carolina Campos. *Psicanálise no front: a posição do analista e as marcas do trauma na clínica com migrantes*. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro 6: O desejo e sua interpretação (1958-1959)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2016

_____. *O Seminário. Livro 8: A transferência (1960-61)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

NASIO, Juan-David. *Os grandes casos de Psicose*. Traduzido por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

RABINOVICH, Diana S. *O desejo do Psicanalista: liberdade e determinação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

* Graduando em Psicologia na Universidade Federal do Paraná (UFPR);

E-mail: g_pedroso@live.com

** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná; Professora do Dpto. de Psicologia da UFPR;

E-mail: elaine@ufpr.br

O sujeito negro e a arte da sobre...vivência no mundo da hegemonia branca – a desobediência como modo de investigação

O desejo do psicanalista & Segregação, Racismo e Estudos Decoloniais

*Jéssica Michelle Dos Santos Silva**

O presente escrito trata de uma pesquisa de mestrado em andamento cuja questão principal advém da experiência da autora dentro do Projeto de Atenção Integral à Saúde Prisional e Internação Socioeducativa, com um grupo de jovens que cumprem medidas socioeducativas de privação de liberdade em Alagoas. Em 2018 solicitados pelos adolescentes começamos a trabalhar com as rodas de RAP. Instigada pelo pedido, especialmente porque eu mesma, uma mulher negra nascida e criada nas periferias de Alagoas, cresci ouvindo Rap's, encontrei, nesta fala, assim como no material anterior, a possibilidade de tomar a cultura negra como um dispositivo de intervenção. Em meados de 2019 tomei conhecimento do trabalho das Rodas de RAP (2017) e das diferentes metodologias criadas por Gurski e pelo NUPPEC (Zachello, Paul & Gurski, 2015; Gurski, 2017, 2019; Gurski & Strzykalski, 2018a) Decidi utilizar a metodologia das Rodas de RAP no PAISPIS, já nas primeiras Rodas notamos que os adolescentes escreviam as letras trazendo repetidamente temáticas sobre o tráfico, a vida na periferia, e as abordagens policiais relacionando-as com a cor de sua pele. Outrossim, foi o símbolo de resistência personificado na figura de Zumbi dos Palmares e do quilombo que se encontra no Município de União dos Palmares- AL. Não demorou para entender que, até então, o Projeto não havia se ocupado de questões raciais e que a maior parte das atividades oferecidas, na verdade, originaram-se de experiências de pessoas brancas como protagonistas e heróis. Os apontamentos recolhidos dos escritos do NUPPEC associado ao desejo de construir um dispositivo de escuta dos jovens da socioeducação que pudesse carregar as marcas da cultura negra me levaram a fazer uma leitura/escuta das letras dos RAPs. Assimilado esse primeiro momento e considerando os apontamentos anteriores feitos pelos adolescentes referentes à imagem de Zumbi e do Quilombo, tenho trabalhado com a possibilidade de dar continuidade ao trabalho das Rodas de RAP no próprio espaço do Quilombo, levando os meninos até lá e escutando suas possíveis afetações.

Palavras-chave: Psicanálise, Medidas Socioeducativas e Negritude.

REFERÊNCIAS

Gurski, R. (2019a). A escuta-flânerie como efeito ético-metodológico do encontro entre Psicanálise e Socioeducação . TEMPO PSICANALÍTICO, v. 51, n. 2, p. 166-194 .

Gurski, R. (2019b). A escuta-flânerie como efeito do encontro entre psicanálise e socioeducação. In: Gurski, R. & Pereira, M. (Orgs.). Quando a Psicanálise escuta a Socioeducação . Belo Horizonte: Editora Fino Traço.

GURSKI, Rose. Jovens" infratores", o RAP e o poeta: deslizamentos da" vida nua" à" vida loka". Subjetividades. Fortaleza, CE. Vol. 17, n. 3 (2017), p. 45-56, 2017.

GURSKI, Rose; SILVA, Stéphanie Strzykalski. A escuta psicanalítica de adolescentes em conflito com a lei: que ética pode sustentar esta intervenção? Tempo psicanalítico. Rio de Janeiro. Vol 50, n. 1 (jul./dez. 2018), p. 72-98, 2018.

*Psicóloga; Membro do Instituto Lacaniano de Psicanálise; Mestranda em Psicanálise: Clínica e Cultura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS.
E-mail: jessicamichelle.psi@gmail.com

O teatro improvisacional na escola: espaço de escuta do adolescente

Sexualidade e significante & Sexualidades e Sexuação

*Lorena Oliveira de Souza**

O presente trabalho é um recorte de uma dissertação de mestrado que reflete a respeito da prática teatral de improvisação na escola. Tendo como referencial teórico a psicanálise lacaniana, interroga como a prática do teatro de improvisação, constituindo-se como espaço de escuta do adolescente no espaço escolar, pode contribuir para mudança de posição subjetiva por parte dos estudantes, no contexto contemporâneo. Sua hipótese é a de que a prática com o teatro de improvisação colabora para a construção de pontos de ancoragem que podem ajudar os jovens no processo de elaboração e sustentação da fantasia que se constitui no final da infância. O objetivo geral do estudo é refletir a respeito de vivências realizadas em um grupo de teatro de improvisação, visando a apreender como se constitui um espaço em que os adolescentes possam refletir a respeito de suas questões pessoais, em articulação com as questões sociais e culturais de seu tempo histórico. O objetivo específico: 1) Refletir a respeito das especificidades da constituição subjetiva dos adolescentes contemporâneos participantes da pesquisa, considerando o possível mal-estar gerado pelos laços frágeis de nossos tempos. Na análise das cenas de teatro de improvisação construídas pelos jovens, salientaram-se interrogações acerca das questões de gênero; o mal-estar na constituição de suas posições sexuadas; sua solidão e busca por escuta. Ao longo da pesquisa pudemos ver elementos que nos indicam mudanças de posição subjetiva, considerando que houve alteração de suas formas de satisfação pulsional, particularmente por meio da sublimação. Assim sendo, concluímos que, no espaço escolar, a prática de teatro de improvisação pode se configurar como um espaço privilegiado de escuta do adolescente, consistindo em uma instância na qual ele pode elaborar suas questões, possibilitando novas formas de se relacionar com o saber inconsciente.

Palavras-chave: Adolescência; Teatro improvisacional; Psicanálise; Gênero.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Emari. **Tessitura da escrita acadêmica: aprender a e ao escrever**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/D.48.2008.tde-02032009-152448. Acesso em: 2021-07-21.
- ARENDT, Hannah (1961). **Entre o Passado e o Futuro**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **As Palavras Incertas: as não coincidências do dizer**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

*Mestre em Psicologia e Educação; Universidade de São Paulo;
E-mail: lorena.souza@usp.br

Entre gozo e desejo, determinação e liberdade: Psicanálise, adolescência e a Atenção à crise na Saúde Mental

Angústia e desejo do Outro & (Novas) Interfaces entre Psicanálise e Saúde

*Renata Rosa da Costa**

Em meio à escassez de recursos institucionais e ao desmonte da política pública de saúde mental, busca-se sustentar a prática da Atenção à Crise nos Centros de Atenção Psicossocial. Ela consiste na oferta de cuidados a situações de urgência numa perspectiva antimanicomial. A presença da psicanálise lacaniana neste campo, bem como o alarmante número de tentativas de suicídios dentre adolescente nos últimos meses, na cidade do Rio, motivou a escrita desse trabalho. Como bússola, a exortação de Rabinovich (2000): “se psicanálise não abre para cada sujeito falante a possibilidade desse ‘pouco de liberdade’, como Lacan a denomina, seu exercício se torna uma mera fraude (p.7)”. O termo crise abarca um amplo sentido. Ferigato et.al (2007) destacam separação; desequilíbrio transitório; possível ocasião de crescimento; irrupção do insuportável; vacilação do sistema de representação. No seminário X, Lacan estabelece que “agir é arrancar da angústia a própria certeza (1962-1963, p.88)” – concepção que nos permite aproximar crise e manifestação da angústia – “intervenção do objeto a, resto do condicionamento (ibidem). Diante da queda das identificações, o adolescente sofre uma destituição subjetiva e precisa trabalhar no sentido de elaborar sua determinação – o objeto que foi para o Outro – para dela extrair suas conseqüências (Alberti, 2009). Rabinovich (2000) assinala que a continência de nossa determinação permite a operação analítica. Seguindo as formulações lacanianas, aponta que assumir a própria determinação é promover uma margem de liberdade, certa liberação da causa que o sujeito foi para o desejo do Outro. O analista na Atenção à crise oferta uma atenção não flutuante, orientada pela urgência própria à crise. Que pouco de liberdade pode viabilizar nesse contexto? Ofertar o intervalo e um espaço de fala nesse cenário é favorecer o manejo da angústia pra que seja possível customizar a camisa de força da linguagem.

Palavras-chave: psicanálise; adolescência; atenção á crise; saúde mental.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, S. Esse sujeito adolescente. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos/ Contra Capa, 2009
- FERIGATO, S.H. CAMPOS, R. BALLARIN, M.L. O atendimento à crise em saúde mental: ampliando conceitos. Revista de Psicologia da UNESP, 6(1), 2007.31
- LACAN, J. O Seminário, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005
- RABINOVICH, D. O desejo do psicanalista: liberdade e determinação em psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2020

* Mestre em Teoria Psicanalítica (UFRJ); Especialista em Psicologia Clínica Institucional (UERJ); Psicóloga Universidade Federal do Rio de Janeiro.
E-mail: renata.rosa@ipub.ufrj.br

A Angústia e os Laços Sociais frente aos casos de adoção tardia

A Angústia e o desejo do Outro & Laço Social e Gozo

Rosana Cardoso Valencia*

O processo analítico em todas as frentes de atendimentos fornece elementos observáveis tanto no seu formato individual quanto ao grupo social pertinente ao sujeito observado. Este trabalho traz um recorte conceitual de Freud a Lacan, tendo como principais tópicos a angústia e a reconstrução de novos laços sociais frente ao desamparo e abandono de crianças em adoções tardias. Com base no distanciamento familiar, evidencia-se o tema angústia que como bem ressalta Freud o define como um afeto que toma essa tonalidade devido ao recalque. Em 1916, Freud acentua que o problema da angústia constitui um ponto no qual convergem os mais diversos e importantes problemas e um enigma cuja solução irá projetar intensa luz sobre toda nossa vida psíquica. Enquanto para Freud (1916) a angústia era motivada pela separação da mãe, para Lacan, ela estava relacionada ao temor do sujeito ser tomado por inteiro pelo desejo do outro. Mas o que quer dizer o desejo do Outro? Segundo Lacan pode ser entendida basicamente de três maneiras diferentes: imaginário, simbólico, real. Ainda em Lacan, em, O Seminário livro 17, observamos que o inconsciente é estruturado como uma linguagem e que o campo da linguagem é o que baliza a relação do sujeito com o Outro e suas possibilidades de Laço Social. O sinal de angústia se dá diante de um Outro que consome o sujeito como objeto de seu gozo, não restando ao último qualquer recurso capaz de domar o Outro, de torná-lo dócil a um dispositivo em que se pudesse capturar seu desejo através do significante. No que diz respeito às crianças em estado de vulnerabilidade, essa implicação surge tanto quanto nas demais crianças, porém como lidar com a angustia da separação onde essa alienação e endereçamento ao Outro por vezes, precisam ser reestruturados ao preço de um abandono ou de uma violência?

Palavras-chave: Psicanálise; Angustia; Laços sociais; Adoção Tardia.

REFERÊNCIAS

Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Jorge Zahar

* Pós-Graduada em Teoria Psicanalítica Clínico-Institucional pela Universidade Veiga de Almeida;
E-mail: copac.rio@gmail.com

Diferença entre compulsão em Freud e impulsão em Rabinovich: questões para a psicanálise contemporânea

Clínica das pulsões & Laço social e gozo: impasses da atualidade na clínica.

Rogério Quintella*

Giovanna Coelho**

Jhébica Barrozo***

Taiene Mota****

O presente trabalho tem por objetivo debruçar-se sobre a diferenciação entre as compulsões pensadas por Freud e as impulsões à luz do pensamento de Diana Rabinovich (2004) enquanto “patologias do ato”. Para tal, recorreremos a Freud e sua teoria a respeito do ideal do eu atrelado ao supereu e seu modo de funcionamento, buscando respaldo para pensar essas novas impulsões contemporâneas que comparecem de maneira incisiva na clínica. Tomaremos como eixo de articulação o sintoma na bulimia, tratado no livro “Clínica da Pulsão: as impulsões” de Rabinovich. Em sua época, Freud salientava que as compulsões obsessivas e históricas tinham uma importante relação com o ideal do eu calcado na *imago paterna*, organizado por introjeção simbólica. Sob a referência do ideal do eu, o supereu aparecia como um imperativo dirigido ao eu através de sentimentos de culpa e de um masoquismo moral em torno desse ideal. Entretanto, o que se observa hoje é um desatrelamento entre o supereu e o ideal do eu ligado à *imago paterna hoje em declínio*. Partindo do conceito de *impulsão* de D. Rabinovich, percebe-se uma diferença entre esta e as compulsões pensadas por Freud. Em muitos casos da clínica contemporânea, o sujeito dirige-se a objetos da urgência infantil: trata-se de uma busca impulsiva por satisfações pulsionais diretas sem mediação simbólica. As impulsões caracterizam um empuxo a objetos na forma de uma urgência, como se fossem objetos da necessidade. Destarte, observamos na contemporaneidade que, ao invés de uma introjeção simbólica dos traços da figura paterna, há um devoramento de objetos reais como resultado desse desatrelamento entre ideal do eu e supereu. Por exemplo, Rabinovich (2004) tratou o sintoma da bulimia, comer em excesso, como uma tentativa desesperada de introjetar aquilo que no Outro evanesceu como ideal. Dessa forma, concluímos que modalidades psicopatológicas como a bulimia ganham força na contemporaneidade, o que convoca a psicanálise a se debruçar sobre esse campo de estudo, qual seja, a chamada “patologia do ato” ou “impulsão” (Rabinovich, 2004).

Palavras-chave: Compulsão; Impulsão; Ideal do eu; patologia do ato.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. **Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XXII, Rio de Janeiro, Imago, 1933.
- RABINOVICH, D. **Clínica da Pulsão: as impulsões**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.
- QUINTELLA, R. R. **O supereu canibal: compulsão, impulsão e o desmentido da privação na atualidade**.

* Professor Adjunto do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense; E-mail- rrquintella@hotmail.com

** Discente do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense; E-mail- giovannacoelho@id.uff.br

*** Discente do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense; E-mail- jhessicarb@id.uff.br

**** Discente do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense; E-mail - taienemota@id.uff.br

A política da psicanálise é a política do sintoma

O desejo do analista & Sociedade, Política e Instituições

*Thaysa Vasconcelos Bastos**

*Marcos Eichler de Almeida Silva***

A difusão da psicanálise, marcada pela vulgarização do discurso psicanalítico e pela institucionalização (FIGUEIREDO, 2012), fez veicular a suposição da práxis enquanto um fazer clínico apartado de sua inscrição social. Por outro lado, a presença da psicanálise no mundo só pode se dar pelo efeito ético e político de transmissão do trabalho de cada analista. O que certamente não é sem mal-estar, nem apesar dele. Freud, em 1914, já havia percebido o mal-estar e a resistência à psicanálise. Intervenção no conflito, sustentar o incômodo que tange a psicanálise é também trabalhar para mantê-la viva. Seria tal suposição efeito desta resistência e resposta ao mal-estar com que a psicanálise opera? Através deste trabalho, pretende-se articular o conceito de sintoma, tal como concebido pela psicanálise, o mal-estar na civilização que o discurso psicanalítico faz eco e com o qual opera e os processos que engendram uma ideia de clínica enquanto apartada de uma inscrição social. Por metodologia lançou-se mão da revisão bibliográfica da literatura psicanalítica a partir da leitura de Jacques Lacan, inexoravelmente articulada ao saber inconsciente e a experiência psicanalítica. Uma vez que esta constitui-se a própria emergência do saber inconsciente. Um saber que não se pretende ao Um do imperativo, mas inclui a falta estrutural. Não se pretendendo uma visão de mundo, o discurso psicanalítico não busca fazer estanque ao mal-estar intrínseco à cultura, sequer restituir algo ao social. A psicanálise tende ao fracasso, mas a questão é se sobreviverá. Se triunfar, se apagará tal qual um sintoma esquecido. “Esse é o destino da verdade tal como ela mesma o estabelece no princípio. A verdade se esquece. Portanto, tudo depende de se o real insiste” (LACAN, 1974/1986, p. 7). Assim, se o discurso do analista tem como agente o objeto a e se cabe ao analista ocupar-se da dimensão do que escapa, do que resta, que insistamos, tal como um sintoma (LACAN, 1975-1976/2007), em nossa aposta na psicanálise e em sua presentificação no mundo.

Palavras-chave: Sintoma; Política; Transmissão; Psicanálise.

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, A.C. A psicanálise dos psicólogos no Rio De Janeiro dos anos 1970. *Cultura Psi*, v. 0, 2012.

FRARE, A.P. No litoral da casa e do serviço: A psicanálise no Serviço Residencial Terapêutico. Tese (Doutorado em Psicanálise) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 2012.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933). In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, RJ: Imago, v. 22, 1969.

RUSSO, J. A difusão da psicanálise no Brasil na primeira metade do século XX – da vanguarda modernista à radio-novela. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, RJ, ano 2, n.1, 2002.

SÁ, I.X.F. A função pública da transmissão da psicanálise. Curitiba, PR: Juruá, 2010. LACAN, J. A ciência e a verdade (1965-66). In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge

Zahar, 1998.

_____. A terceira (1974), Che vuoi? Psicanálise e Cultura, vol. 1, n. 0, Porto Alegre, 1986.

_____. O Seminário, livro 23: o sintoma (1975-1976) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicanálise; UERJ;
E-mail: thaysa.vasconcelos22@gmail.com

** Doutor em Teoria Psicanalítica, Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro;
E-mail: marcoseichler@gmail.com